

**Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS
Mestrado Interinstitucional em Museologia e Patrimônio – MINTER
UNIRIO/MAST-UFPE**

**Cursos de Graduação em Museologia da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro/UNIRIO e da Universidade
Federal de Pernambuco/UFPE:
o papel e o lugar da teoria museológica**

Maria Luciana Ferreira Neves

UNIRIO/MAST - RJ, junho de 2022



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E
PATRIMÔNIO - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

Mestrado Interinstitucional em Museologia e Patrimônio – MINTER
UNIRIO/MAST/UFPE

Cursos de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO e da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE: o papel e o lugar da teoria museológica

por

Maria Luciana Ferreira Neves

*Aluna do Curso de Mestrado Interinstitucional em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio

Orientadora: Professora Doutora Teresa Cristina Scheiner

UNIRIO/MAST - RJ, junho de 2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cursos de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO e da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE: o papel e o lugar da teoria museológica

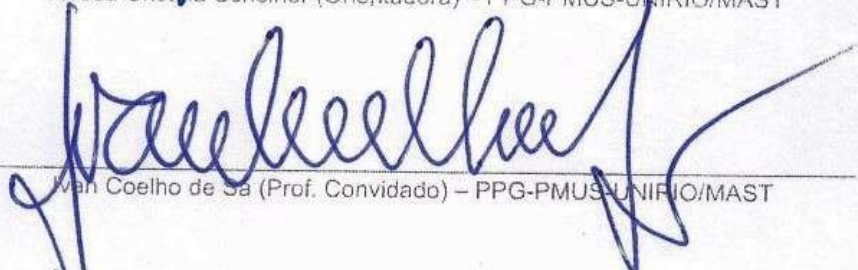
Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por:

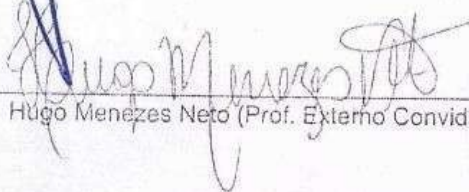
Profa. Dr^a.


Teresa Cristina Scheiner (Orientadora) – PPG-PMUS-UNIRIO/MAST

Prof. Dr.


Ivan Coelho de Sa (Prof. Convidado) – PPG-PMUS-UNIRIO/MAST

Prof. Dr.


Hugo Menezes Neto (Prof. Externo Convidado) – DAM-PPGA-UFPE

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2022

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

N499 Neves, Maria Luciana Ferreira
Cursos de graduação em museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO e da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE: o papel e o lugar da teoria museológica / Maria Luciana Ferreira Neves. -- Rio de Janeiro, 2022.
145 p.

Orientadora: Teresa Cristina Scheiner.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2022.

1. Museu e Museologia. 2. Teoria Museológica. 3. Graduação. 4. UNIRIO. 5. UFPE. I. Scheiner, Teresa Cristina, orient. II. Título.

Mamãe,
Dedico esse trabalho à sua memória
Por mim preservada e eternizada.

Luiza,
Ofereço todo o meu esforço e superação,
nessas páginas depositados,
ao seu futuro iluminado do qual serei parte.

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Enfim, eu consegui. Foram dois longos anos de incertezas e de medo. Jamais imaginei viver e atravessar uma pandemia tão grave e que parou o mundo. As pessoas foram obrigadas a ficar em casa, em isolamento, sem contato com outras pessoas, para evitar o contágio pelo vírus da Covid-19.

Enfim, e mesmo assim, eu consegui. No final de 2021 os tempos mudaram, passamos a viver tempos de esperança e de confiança na ciência, que descobriu vacinas para combater o vírus em tempo recorde. A seguir foram tempos de gratidão e orgulho pelo nosso SUS, ainda que o governo brasileiro tenha sabotado as vacinas e desprezado as mais de 660.000 vítimas fatais dessa doença.

Enfim, apesar de tudo, eu, inacreditavelmente consegui. Mas não conseguiria sem a ajuda e o apoio de algumas pessoas que me levantaram e me estimularam nas tantas vezes em que caí e pensei em desistir.

Enfim, nós conseguimos. E me sinto grata por contar com vocês: Gabriela, João e Manoela, meus filhos maravilhosos que me acolheram e suportaram minhas crises de ansiedade e depressão, ainda que à distância, mas sempre com palavras carinhosas e motivantes; meus colegas do MINTER que com suas mensagens e preocupação uns com os outros me fortaleceram; meus colegas de trabalho e amigos Clarck e Cristina com suas intervenções certas e sempre tentando, e conseguindo levantar minha autoestima; professores Bruno e Emanuela do DAM/UFPE, grandes incentivadores para a realização dessa empreitada e que investiram boa parte de seu valioso tempo para me redirecionar quando precisei; professor Hugo, meu chefe afetoso que além de relevar alguns (talvez muitos) equívocos e esquecimentos durante esse período de trabalho remoto, aceitou fazer parte da minha banca examinadora; demais docentes do DAM que se dispuseram (ou não) a me ajudar quando solicitados; professor Ivan diretor da Escola de Museologia/UNIRIO, que gentilmente me abriu as portas do NUMMUS durante alguns dias no início de 2020, onde pude documentar grande parte dessa pesquisa e que também aceitou integrar minha banca; toda a equipe de docentes e técnicos da Escola de Museologia e do PPG-PMUS/UNIRIO-MAST e em especial: Alexandra Durão, as professoras Helena Uzeda e Diana Farjalla, além do professor Marcus Granato/MAST; toda a equipe da Pró-reitora de Gestão de Pessoas da PROGEPE, DAM e todos da UFPE que se empenharam para a realização desse MINTER; e, finalmente, minha competente professora e orientadora Teresa Scheiner/PPG-PMUS/UNIRIO-MAST, que me dedicou toda sua paciência, amabilidade e experiência, sempre a postos, ainda que à distância, e sem a qual eu não teria conseguido chegar até aqui.

Enfim, mais uma vez, **NÓS CONSEGUIMOS!!**

RESUMO

NEVES, M. L. F. **Cursos de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO e da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE: o papel e o lugar da teoria museológica.** Mestrado (Dissertação). MINTER – Mestrado Interinstitucional em Museologia e Patrimônio / Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST/UFPE, Rio de Janeiro, 2022. 145p.

Orientadora: Teresa Cristina Scheiner

A dissertação faz uma análise comparada dos perfis curriculares dos cursos de graduação em Museologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, um dos muitos cursos implantados e implementados através do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras – REUNI, e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, precursora da formação no país, ocupando um lugar de destaque no campo da Museologia brasileira. Não se pode falar de Museologia sem citar a Escola de Museologia pelos seus 90 anos de existência e a UNIRIO, pela experiência de mais de 40 anos de ensino com inúmeras contribuições nas áreas de pesquisa, extensão e pós-graduação: a Universidade é responsável pela criação e desenvolvimento não apenas de cursos de Graduação em Museologia e em Turismo, mas também dos primeiros cursos *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) em Museologia e Patrimônio no Brasil. Sendo assim, optou-se pela UNIRIO como a instituição que servirá de base para uma aproximação com as demais instituições do país sobre o ensino da Museologia. Nesta dissertação a análise comparativa será feita com a UFPE, destacando o papel da Teoria Museológica como elemento estruturante e profundamente relevante na formação de museólogos. Busca-se demonstrar a importância do ensino da teoria museológica em ambos os cursos e analisar como as reformas curriculares já realizadas e/ou em andamento podem ou poderão ter contribuído para o desenvolvimento desses conteúdos e para a formação de novos profissionais. A revisão bibliográfica foi realizada majoritariamente por meios digitais, utilizando-se uma metodologia de caráter descritivo, documental e exploratório, com análise comparativa de conteúdos. Com os resultados espera-se ter contribuído para possibilitar uma reestruturação curricular com a inserção de relativa paridade entre os programas de disciplinas de teoria museológica, com o objetivo mútuo de expandir o aprendizado, agregar saberes e facilitar as migrações interinstitucionais.

Palavras-chave: Museu e Museologia, Teoria Museológica, Graduação, UNIRIO, UFPE.

ABSTRACT

NEVES, M. L. F. **Graduation Courses of Museology in the Federal University the State of Rio de Janeiro and the Federal University of Pernambuco:** the role and position of museological theory. Master Dissertation. Inter-institutional Master Course in Museology and Heritage – MINTER, Graduate Program in Museology and Heritage – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST/ UFPE, Rio de Janeiro, 2022. 145p.

Advisor: Teresa Cristina Scheiner

This Dissertation presents a comparative analysis of curriculum profiles of the undergraduate courses in Museology at the Federal University of Pernambuco - UFPE, one of the several courses created and developed as part of the Restructuring and Expansion Plan of Brazilian Federal Universities - REUNI, and the one existent at the Federal University of the State of Rio de Janeiro - UNIRIO, pioneer in capacity building programs in Museology in Brazil. UNIRIO occupies a prominent position in the field of Museology, in the country. It is not possible to refer to Museology in Brazil without making reference to the School of Museology, now completing 90 years of existence, and to this university with its 40 years of experience in the field and its countless contributions in research, extension, undergraduate and postgraduate programs: UNIRIO has been responsible not only for the creation and implementation of graduation courses in Museology and in Tourism, but also for the first *stricto sensu* courses (Master and Doctorate) in Museology and Heritage in Brazil. For that reason, UNIRIO was chosen as the institution to be taken as basis for analysis with other institutions existent in the country regarding the teaching of Museology. The Dissertation makes a comparative analysis with UFPE, highlighting the role of Museum Theory as a core and deeply relevant element in the academic professional qualification of museologists. The aim is to demonstrate the importance of Museum Theory as a capacity building fundament in both courses, and to analyze how the past curriculum reforms and/or those under process may contribute or have contributed with the development of these contents and the formation of new professionals. The literature review was conducted mainly through digital means, with a descriptive, documental and exploratory methodology, with comparative analysis of the contents. The outcome is expected to produce a contribution for curricula restructuring, with the adoption of a relative parity among Museum Theory programmes, with the mutual objective to expand learning, promote knowledge and facilitate inter-institutional migration.

Keywords: Museum and Museology, Museum Theory, Undergraduate, UNIRIO, UFPE.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

ABM – Associação Brasileira de Museologistas /Associação Brasileira de Museologia
CCPE – Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (UFPE)
CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas (UFPE)
CNE – Conselho Nacional de Educação
COFEM – Conselho Federal de Museologia
COREM'S – Conselhos Regionais de Museologia
DAM – Departamento de Antropologia e Museologia
DEMU – Departamento de Museologia
EXPOLAB – Laboratório de Expografia (DAM/UFPE)
FAMMARO – Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon
FEFIERJ – Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
FINES – Faculdades Integradas Estácio de Sá
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
ICOFOM – Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus
ICOFOM LAM/ICOFOM LAC – Subcomitê Internacional de Museologia para a América Latina e o Caribe
ICOM – Conselho Internacional de Museus
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LACOPRE - Laboratório de Conservação Preventiva (DAM/UFPE)
LAM – Laboratório Multimedia (DAM/UFPE)
MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins
MHN – Museu Histórico Nacional
NIATE – Núcleo Integrado de Atividades de Ensino (CFCH/UFPE)
NUMMUS – Núcleo de Memória da Museologia no Brasil-Escola de Museologia/PPG-PMUS/UNIRIO
PPC – Projeto Pedagógico do Curso
PPG-PMUS – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia
REUNI – Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNB – Universidade de Brasília

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Decreto 15.596 de 2 de agosto de 1922 que criou o MHN.....	21
Figura 2	Decreto 21.129 de 07 de março de 1932 que criou o Curso de Museus.....	22
Figura 3	Jurisprudência-Parecer do CNE	24
Figura 4	Termo de acordo entre o MHN e a Universidade do Brasil.....	25
Figura 5	Matriz Curricular de 1967 a 1969 – Curso de Museus	26
Figura 6	Evolução das disciplinas do Curso de Museologia – Curso de Museus.....	27
Figura 7	Evolução das disciplinas do Curso de Museologia – Curso de Museus.....	27
Figura 8	Estrutura Curricular de 1978 a 1986 – UNIRIO.....	31
Figura 9	Estrutura Curricular de 1986 a 1996 – UNIRIO.....	32
Figura 10	Quadro de disciplinas equivalentes-Reforma de 1996 – UNIRIO	33
Figura 11	Grades curriculares do PPC de 1996 – UNIRIO	36
Figura 12	Grades curriculares do PPC de 1996 – UNIRIO	36
Figura 13	Grades curriculares do PPC de 1996 – UNIRIO	36
Figura 14	Grades curriculares do PPC de 1996 – UNIRIO	37
Figura 15	Grades curriculares do PPC de 1996 – UNIRIO	37
Figura 16	Programa da Disciplina Museologia I – UNIRIO /1998	38
Figura 17	Programa da Disciplina Museologia I – UNIRIO /1998	39
Figura 18	Programa da Disciplina Museologia I – UNIRIO /1998	40
Figura 19	Programa da Disciplina Museologia I – UNIRIO /1998	41
Figura 20	Programa da Disciplina Museologia III – UNIRIO /2007	42
Figura 21	Programa da Disciplina Museologia III – UNIRIO /2007	43
Figura 22	Programa da Disciplina Museologia III – UNIRIO /2007	44
Figura 23	Programa da Disciplina Museologia III – UNIRIO /2007	45
Figura 24	Planos de Aula de Museologia III – UNIRIO/2007	46
Figura 25	Planos de Aula de Museologia III – UNIRIO/2007.....	47
Figura 26	Capa do Caderno de Textos-Museologia III – UNIRIO/2005	48
Figura 27	Sumário do Caderno de Textos-Museologia III– UNIRIO/2005	49
Figura 28	Sumário do Caderno de Textos-Museologia III – UNIRIO/2005	50
Figura 29	Sumário do Caderno de Textos-Museologia III – UNIRIO/1998	51
Figura 30	Detalhe da Proposta de Reforma Curricular – UNIRIO/2006	52
Figura 31	Ofício solicitação de reformulação curricular – UNIRIO/2010	53
Figura 32	Carga horária do curso UNIRIO/2006	54
Figura 33	Carga horária do curso UNIRIO/2010	54
Figura 34	Ofício proposta de ajuste no PPC – UNIRIO/2016	54
Figura 35	Ofício proposta de ajuste no PPC – UNIRIO/2016	54
Figura 36	Programa da disciplina Museologia II – UNIRIO/2015	55
Figura 37	Programa da disciplina Museologia II – UNIRIO/2015	55

Figura 38	Programa da disciplina Museologia II – UNIRIO/2015	55
Figura 39	Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I – UNIRIO/2022	57
Figura 40	Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I – UNIRIO/2022	58
Figura 41	Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I – UNIRIO/2022	59
Figura 42	Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I – UNIRIO/2022	60
Figura 43	Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I – UNIRIO/2022	61
Figura 44	Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I – UNIRIO/2022	62
Figura 45	Foto dos Formandos do Curso de Museus -Turma de 1967	65
Figura 46	Turma de 1967 do Curso de Museus em festa de aniversário	65
Figura 47	Perfil Curricular cadastrado no Siga – UFPE/ 2021	72
Figura 48	Programa da Disciplina Museologia I – UFPE/2009	74
Figura 49	Programa da Disciplina Museologia I – UFPE/2009	75
Figura 50	Convite da aula inaugural do curso de Museologia – UFPE/2009	81
Figura 51	Convite da aula inaugural do curso de Museologia – UFPE/2009	82
Figura 52	Placa de inauguração do curso de Museologia – UFPE/2009	82
Figura 53	Placa de fundação do DAM/2010	85
Figura 54	Placa 1ª. turma de bacharéis em Museologia/2013	86
Figura 55	Foto 1ª. turma homenageada pela Assembleia Legislativa PE/2013	87
Figura 56	Foto Prof. Bruno no LACOPRE/2015	89
Figura 57	Foto da sala do LACOPRE/2015	89
Figura 58	Foto de aula no LACOPRE/2015	89
Figura 59	Programa e Plano de aula da disciplina Teoria Museológica I - UFPE/2020.	92
Figura 60	Programa e Plano de aula da disciplina Teoria Museológica I - UFPE/2020.	93
Figura 61	Programa e Plano de aula da disciplina Teoria Museológica I - UFPE/2020.	94

LISTA DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1	Cursos de Museologia no Brasil - 1931 a 2019 05
Quadro 2	Paradigmas entre o Velho e o Novo Museu 15
Quadro 3	Conselhos Regionais e Estados correspondentes..... 29
Quadro 4	Distribuição dos Conselhos Regionais de Museologia -1987..... 67
Quadro 5	Novos Cursos de Graduação em Museologia no Brasil- de 2006 a 2019 69
Quadro 6	Equipe responsável pelo 1º PPC do curso de Museologia da UFPE-2008..... 70
Quadro 7	Perfil Curricular cadastrado no Siga/ UFPE – 2021 77
Quadro 8	Concursos de Museologia para a composição do Corpo Docente – 2009 80
Quadro 9	Horário de Aulas - 1º. Período Museologia 2009.2 83
Quadro 10	Horário de Aulas - 1º. Período Museologia 2010.1 84
Quadro 11	Perfil Curricular de Teoria Museológica I, II e III – 2009 90
Quadro 12	Docentes das disciplinas de Teoria Museológica 2009 – 2019 91
Quadro 13	Comparação do conteúdo das disciplinas teóricas nos cursos de Museologia da UNIRIO e da UFPE 101
Quadro 14	Comparação do conteúdo das disciplinas teóricas nos cursos de Museologia da UNIRIO e da UFPE 102
Quadro 15	Comparação do conteúdo das disciplinas teóricas nos cursos de Museologia da UNIRIO e da UFPE 103
Quadro 16	Comparação do conteúdo das disciplinas teóricas nos cursos de Museologia da UNIRIO e da UFPE 104

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	01
CAP. 1 O CURSO DE MUSEOLOGIA MHN/UNIRIO – EXPERIÊNCIAS PIONEIRAS	21
1.1 – CRIAÇÃO DO MHN. O PRIMEIRO CURSO DE MUSEUS E O MANDATO UNIVERSITÁRIO	21
1.2 - A MUSEOLOGIA NOS DE 1960 A 1970: ENSINO E PROFISSIONALIZAÇÃO	26
1.3 - ANOS 1970/1980/1990. AS REFORMAS CURRICULARES, ESTRUTURA ACADÊMICA, MATRIZES E PERFIS DE ENSINO	29
1.4 - ENSINO DA TEORIA MUSEOLÓGICA: IMPLEMENTAÇÃO E DELINEAMENTO.....	32
1.5 - A ATUAL ESCOLA DE MUSEOLOGIA: CORPO DOCENTE E PERFIL CURRICULAR	56
1.6 – CONSIDERAÇÕES	63
CAP. 2 O CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFPE	64
2.1 - ANTECEDENTES	64
2.2 - A POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS E O INCENTIVO À CRIAÇÃO DE CURSOS DE MUSEOLOGIA NO PAÍS	66
2.3 - O CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFPE.....	70
2.3.1 – Planejamento e Proposta	70
2.3.2 – Estrutura Curricular	71
2.3.3 – Aprovação, Implantação e Implementação do Curso	78
2.3.4 – O lugar da Teoria Museológica na estrutura curricular do Curso	90
2.4 – CONSIDERAÇÕES	94
CAP. 3 ENTRE O SUDESTE E O NORDESTE: UMA ANÁLISE DAS TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO TEÓRICO-MUSEOLÓGICO NOS CURSOS DE MUSEOLOGIA DA UFPE E UNIRIO	98
3.1 - AS BASES METODOLÓGICAS, INFLUÊNCIAS E PECULIARIDADES NOS PERFIS CURRICULARES DOS DOIS CURSOS	98
3.2 - A TEORIA MUSEOLÓGICA E SUAS TENDÊNCIAS NA UNIRIO E NA UFPE.....	100
3.3 - O DIÁLOGO INTERINSTITUCIONAL, A TROCA DE EXPERIÊNCIAS E OS PARÂMETROS DO ENSINO DE TEORIA	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O propósito inicial desta pesquisa seria observar como o estudo dos conteúdos de teoria museológica em diferentes disciplinas, no âmbito dos perfis curriculares dos diversos cursos de graduação em museologia no Brasil, influenciaria a formação de seus bacharéis em museologia. Infelizmente, devido à pandemia causada pelo vírus da COVID 19 no mundo e especialmente no Brasil, foi preciso repensar o projeto. Decidiu-se então manter o foco do estudo, porém limitado a duas instituições, de forma a realizar a maior parte do desenvolvimento da pesquisa à distância, devido ao isolamento social obrigatório, por meio do acesso pela internet, privilegiando o acesso a livros, textos e documentos disponibilizados em formato digital nas plataformas dos cursos e suas universidades.

Para muitos autores do campo, o vocábulo “museu” em uma visão mais poética tem sua origem na mitologia grega através da palavra *mouseion*, que, segundo os relatos da época, era uma espécie de universidade onde os sábios se reuniam, tendo como exemplo a Biblioteca de Alexandria; e em outra interpretação foi descrito como um lugar de memória, habitado pelas musas que transmitiam seus saberes aos humanos. Entretanto, essas são abordagens simplistas, que estão presentes no imaginário museal e que não são aceitas por muitos teóricos da museologia, dentre os quais destaca-se Teresa Scheiner. Baseada no renomado teórico do leste europeu Zbyněk Zbyslav Stránský, a autora afirma que o Museu é um fenômeno, conceito polissêmico, que designa a relação entre o Humano e o Real, em pluralidade e relatividade. Esta definição deve ser trabalhada em processo, acompanhando os rumos dos diferentes grupos culturais e sistemas do pensamento; nesse construto, o significado do termo museu poderá ser alterado, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de valores das diversas coletividades (SCHEINER, 1999). Para Scheiner, a Museologia é entendida como uma disciplina que se propõe a estudar o fenômeno Museu – e também a musealidade - atuando como fundamento teórico para a prática museológica (SCHEINER, 2010).

Entre os muitos autores que vêm analisando a trajetória da Museologia como âmbito de conhecimento está Francisca Hernández musicalidade (2006): ela nos lembra que os primeiros autores que trataram a prática em museus de uma forma teórica, ainda que não fosse mencionada a palavra museologia, foram Samuel von Quiccheberg, com a publicação do Manual de Ordenação de Coleções, em 1565; e Johann Daniel Major, em 1674. O termo museografia foi mencionado pela primeira vez em 1727, na Alemanha, com a publicação do “Tratado de Museografia ou instruções para o correto entendimento e

interpretação de museus ou gabinetes do mundo”, de autoria de Caspar Friedrich Neickel (HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2006, p. 31, tradução nossa). Cabe ainda ressaltar que, durante muito tempo, os termos museografia e museologia seriam utilizados dentro do mesmo contexto, referindo-se, ambas, ao trabalho realizado em museus; e que o termo Museologia só começou a ser conhecido e divulgado com as publicações das primeiras revistas de estudos museológicos no século XIX, na Alemanha, com destaque para a Revista de Museologia e Antiguidades Conhecidas onde, em 1883, se levanta a hipótese da existência de um novo campo disciplinar - recebida com desprezo por seus leitores...

...y donde en uno de los artículos sin firmar se expone que “si hace treinta o veinte años alguien, en sus declaraciones o escritos, hubiera considerado a la museología como una ciencia, habría suscitado en muchos una sonrisa de compasión o de desprecio” (Zouhdi, 1980: 50; Mensch, 1992: 5), constatación de que la museología estaba adquiriendo, ya por entonces, el estatuto de disciplina de propio derecho (HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2006, p. 36).

Assim, em meio a várias publicações especializadas, despontaria uma nova 'escola' de pensamento em Museologia vinculando os museus a atividades educativas, com ênfase na *École du Louvre*, que em 1882 iniciaria seus ensinamentos sobre história da arte e arqueologia dentro do Museu do Louvre, na França. A partir daí, seriam fundadas as primeiras associações de profissionais como a Associação de Museus do Reino Unido em 1889 na Inglaterra; a Associação Americana de Museus, em 1906, nos Estados Unidos; e a Associação dos Conservadores dos Museus e Coleções Públicas em 1927, na França. Neste mesmo ano a *École du Louvre* iniciaria o ensino da Museografia.

Em 1926 foi criado o OIM¹ - Escritório Internacional de Museus, órgão vinculado à Liga das Nações e que tinha como meta o desenvolvimento de projetos e ações de intercâmbio entre os museus de diferentes países. Dentre estas ações, destacam-se as publicações do periódico *Mouseion*, editado sob o seu crivo ininterruptamente no período de 1927 a 1939. Com o início da segunda guerra mundial (1939-1945) a Liga das Nações e o OIM deixaram de atuar, sendo publicado em 1946 (pós-guerra) o último número do *Mouseion*. A partir de então os museus e profissionais de museus passaram a ser representados através do ICOM - Conselho Internacional de Museus, uma organização não governamental criada em 1946, no mesmo ano de fundação da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, organismo da ONU - Organização das Nações Unidas, com o qual o ICOM assinaria, em 1947, um termo de cooperação mútua vigente até os dias atuais.

Dentre as múltiplas atividades do ICOM destaca-se a promoção de intercâmbio e cooperação entre os países-membros, com o objetivo de aumentar e difundir o

¹ *Office International des Musées.*

conhecimento sobre museus. O ICOM tem por missão apoiar e responder às necessidades de todos os profissionais de museus, sendo prioritário o compromisso de viabilizar a formação profissional, possibilitar a cooperação e o intercâmbio profissional e promover a ética profissional com relação aos museus. Entre as missões do ICOM – herdadas do OIM - incluem-se ainda: estimular a sensibilização e divulgação dos museus, cooperar com a preservação do patrimônio e atuar no combate ao tráfico ilícito da propriedade cultural.

Concomitante a todos esses acontecimentos internacionais e sob forte influência do OIM, inicia-se em 1932, nas dependências do MHN - Museu Histórico Nacional, o primeiro Curso de Museus no Brasil, comandado por Gustavo Barroso - este curso viria a se transformar na atual Escola de Museologia da UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e sobre ele haverá relatos mais detalhados no primeiro capítulo deste estudo.

Ressalte-se ainda o III Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, realizado no Rio de Janeiro em 1958, no qual se debateu as definições básicas sobre Museologia – naquele momento, descrita como “a ciência que estuda a missão e a organização dos museus”; e sobre Museografia, como “o conjunto de técnicas que tem relação com a Museologia” - definições que foram adotadas oficialmente em 1962 no V Seminário Regional da UNESCO, realizado no México, de 17 setembro a 14 de outubro de 1962 – e cujo tema foi Museu como Centro Cultural da Comunidade.

Reflexões mais atentas e conceituais sobre Museu e Museologia ganharam maior destaque e incentivos a partir dos anos 1960, no Leste Europeu, mais especificamente na cidade de *Brno*, na República Tcheca (naquele momento, Tchecoslováquia). Ali realizou-se em 1965 o I Simpósio sobre Teoria Museológica, que veio a ganhar grande relevância devido às contribuições de pensadores tchecos como Jan Jelínek, Jíri Neustupný, Zybnek Zbyslav Stránský e Vinos Sofka. A seguir pontua-se a realização da Mesa de Santiago, em 1972, no Chile, onde foi elaborado o conceito de Museu Integral e amplamente debatido o papel do museu na sociedade - tema que, apesar de já vir sendo discutido desde a década de 1930, nesse momento recebeu um grande enfoque. Também nos anos 1970 destaca-se a reflexão sobre o caráter científico da Museologia que viria a ganhar no ano de 1976 um foro específico de debate, com a criação, no âmbito do ICOM, do Comitê Internacional para a Museologia-ICOFOM, cujos documentos produzidos por teóricos de diversos países estabeleceram os principais alicerces para configurar o que viria a denominar-se Teoria Museológica².

² ICOFOM STUDY SERIES - ISS 41. Disponível em <http://network.icom.museum/icofom/publications/icofom-study-series/> . Acesso em 02 ago. 2019.

Finalmente, em 1989, na gestão de Vinos Sofka como presidente do ICOFOM e objetivando a descentralização e a regionalização dos estudos teóricos sobre a Museologia, seria instituído o Grupo de Trabalho do ICOFOM para a América Latina e Caribe. O grupo foi criado por Teresa Scheiner e Nelly Decarolis, membros latino-americanos do *Board* do ICOFOM, do qual foram designadas responsáveis. Em 1998, devido aos resultados positivos alcançados - com 08 eventos regionais realizados e 07 livros publicados com textos inéditos sobre teoria museológica - o ICOFOM LAM, sigla inicialmente designada para o Grupo de Trabalho para a América Latina e Caribe, seria oficialmente declarado Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe (DECAROLIS, 2000, p. 14)³.

No Brasil, a formação acadêmica em Museologia seguiria trilhando seu caminho, e após uma grande reforma curricular em 1944 e o estabelecimento de um Comitê Brasileiro do ICOM em 1948, o Curso de Museus do MHN obteria seu mandato universitário baseado em “ensino, pesquisa e extensão” em 1951, através da Universidade do Brasil⁴, onde os diplomas do Curso de Museus passaram a ser apostilados. O desenvolvimento do Curso de Museus até chegar à atual Escola de Museologia da UNIRIO será revisto e melhor detalhado no primeiro capítulo deste trabalho.

Em 1969 surge o segundo curso de graduação em Museologia no país ofertado por uma instituição pública, a UFBA - Universidade Federal da Bahia. Houve ainda um terceiro curso a pontuar, ofertado pela FAMMARO - Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon no ano de 1975, porém esta instituição privada teve suas funções encerradas, sendo o curso transferido em 1978 para a FINES - Faculdades Integradas Estácio de Sá, onde funcionou regularmente até o ano de 1995, quando finalizou suas atividades (COSTA, 2018, p. 20) e seus alunos foram absorvidos pela UNIRIO. Finalmente, na década de 2000, ocorreu uma pluralização dos cursos de museologia pelo país, tendo sido criados 14 novos cursos de graduação, sendo 2 em instituições privadas e 12 em instituições públicas. Atualmente, após o encerramento das atividades de alguns cursos da iniciativa privada, e segundo o MEC, contabiliza-se 15

³ Nos seus primeiros vinte e cinco anos de atuação (1989-2014), o ICOFOM LAM foi responsável por uma expressiva produção acadêmica, configurada em 25 livros publicados em português/espanhol, com textos inéditos de autores latino-americanos sobre teoria museológica. Essa produção inspirou a criação de cursos de Museologia em vários países da Região e também a configuração curricular de cursos já existentes, como o Curso de Graduação em Museologia da UNIRIO. Inspirou, ainda, dezenas de trabalhos de pesquisa, artigos publicados em revistas acadêmicas, trabalhos de final de Curso (TCCs), Dissertações e Teses sobre temas ligados à Teoria Museológica. A produção seguiu com o mesmo vigor a partir de 2015, beneficiando-se da facilidade editorial propiciada pelas tecnologias digitais. A partir de 2021 o ICOFOM LAM-Subcomitê Regional de Museologia para a América Latina e o Caribe / *Subcomité Regional de Museología para Latinoamérica y el Caribe* - passou a ser designado como ICOFOM LAC.

⁴ A Universidade do Brasil viria a ser renomeada como UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

cursos de graduação em Museologia em atividade no país: 01 em faculdade privada, ministrado na forma de Ensino à Distância – EAD; e 14 em instituições públicas, todos em sistema presencial, sendo 13 em universidades federais e 01 em universidade estadual, conforme demonstrado pelo quadro que segue.

Quadro Nº 01 – Cursos de Museologia no Brasil - 1932 a 2019

Estado	Instituição Pública	Criação
RJ	Museu Histórico Nacional – Curso de Museus Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro / FEFIERJ - Curso de Museologia Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO Escola de Museologia - Centro de Ciências Humanas e Sociais	1932
BA	Universidade Federal da Bahia – UFBA / Área de Filosofia e Ciências Humanas	1969
	Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB / Centro de Artes, Humanidades e Letras	2006
RS	Universidade Federal de Pelotas – UFPel / Instituto de Ciências Humanas	2006
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS / Faculdade de Biblioteca e Comunicação	2008
SE	Universidade Federal de Sergipe – UFS / Departamento De Museologia	2007
MG	Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP / Escola de Museologia, Direito e Turismo	2008
	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / Escola de Ciência da Informação	2010
PA	Universidade Federal do Pará – UFPA / Instituto de Ciências da Arte - Departamento de Artes Visuais	2010
PE	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento de Antropologia	2009
DF	Universidade de Brasília – UnB / Departamento de Ciência da Informação e Documentação – Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia	2009
GO	Universidade Federal de Goiás – UFG / Faculdade de Ciências Sociais	2010
SC	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento de Antropologia	2010
PR	Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR / Escola de Música e Belas Artes do Paraná	2019

Estado	Instituição Privada	Criação
RJ	Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon - FAMMARO até 1978, quando foi transferido para Faculdades Integradas Estácio de Sá - FINES, e funcionou até 1995	1975*
SC	Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE	2004*
SP	Universidade Brasil (antiga Universidade Camilo Castelo Branco)	2014*
SP	Centro Universitário Claretiano	2019

(* Cursos já encerrados). Fonte: Sistema E-MEC, 2019

Pode-se constatar que esse fenômeno da década 2000 ocorreu devido à implementação de políticas públicas governamentais direcionadas aos museus. Estas políticas se iniciaram a partir dos anos 1930, com a criação de diversos museus, e a institucionalização do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, o SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, depois renomeado como IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Posteriormente, nos anos 1980, foram criados o PNM - Programa Nacional de Museus e o SNM - Sistema Nacional de Museus e o primeiro Ministério da Cultura do Brasil.

No ano de 2003 foi lançada a PNM - Política Nacional de Museus, com o propósito de promover a valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro. Em paralelo, a

educação universitária foi descentralizada, com a instituição de cursos e diversos novos *campi* em todas as regiões do país, permitindo a estudantes do interior maior acesso ao ensino universitário. Esse incentivo se deu através do PNDE - Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação, de onde adveio, em 2007, o REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (E-MEC, 2008), que mudaria a história do ensino universitário do país. Logo em seguida, em 2009, foi criado o IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, cujo objetivo principal é fomentar o aprimoramento das atividades relacionadas a museus em todo o Brasil.

Infelizmente, políticas públicas de apoio e desenvolvimento do patrimônio científico, histórico e cultural no Brasil são bastante instáveis, pois não são medidas permanentes. A cada novo governo elas podem receber mais ou menos apoio financeiro e podem até mesmo deixar de existir, como ocorreu recentemente após a extinção do Ministério da Cultura pelo atual governo federal.

Voltando à perspectiva histórica: em paralelo ao desenvolvimento da Museologia como âmbito de estudo universitário, eram também empreendidos esforços pela conquista da regulamentação da profissão de Museólogo no Brasil, que foi finalmente aprovada no ano de 1984 - Lei nº 7.287/84. Deve-se enfatizar a luta incansável para essa regulamentação que foi travada por mais de duas décadas, desde a fundação da ABM - Associação Brasileira de Museologistas, em 1963 e que teve como grandes protagonistas as professoras Regina Real, Therezinha de Moraes Sarmento, Neusa Fernandes e os museólogos Laís Scuotto e Arnaldo Machado, cujas trajetórias encontram-se exaltadas e publicadas em inúmeros trabalhos acadêmicos e livros. Destaca-se aqui um depoimento concedido em março de 2020, especialmente para esta pesquisa, pela Profa. Neusa Fernandes, em que relata sua experiência pessoal no difícil processo da regulamentação da profissão de museólogo no Brasil. Desde 1985, a profissão é regulada através do COFEM - Conselho Federal de Museologia, criado pela Lei 7.287 e implementado no ano seguinte, juntamente com os cinco COREM's - Conselhos Regionais de Museologia por meio dos quais suas atividades são executadas, cobrindo todas as regiões do Brasil.

Atualmente, embora os cursos de Graduação em Museologia tenham o mesmo objeto de estudo - no caso específico, a Museologia -, diante do cenário exposto de aumento da quantidade de cursos ofertados espera-se que cada um deles tenha desenvolvido as suas peculiaridades e especificidades, que irão diferenciá-los, seja na sua visão teórica ou prática, no perfil de seu corpo docente ou ainda na estrutura departamental ou acadêmica à qual estarão vinculados. Entretanto, as diferenças de abordagem podem se sobressair e isso pode influenciar na formação dos alunos.

Diante do exposto, a presente pesquisa de dissertação busca apresentar uma análise comparativa dos currículos das disciplinas com conteúdos sobre Teoria

Museológica nos cursos de Graduação em Museologia da UNIRIO e da UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, pontuando as suas reformas e buscando identificar a existência (ou não) de aproximações e distanciamentos entre as instituições pesquisadas.

Ressalta-se que esse trabalho tem o intuito de contribuir para a melhoria do ensino da Museologia. O convênio firmado em 2019 entre o PPG-PMUS - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (desenvolvido em parceria entre a UNIRIO e o MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins) e a UFPE, que deu origem ao primeiro MINTER - Mestrado Interinstitucional em Museologia e Patrimônio, além de qualificar treze servidores efetivos técnicos em educação da UFPE na área de Museologia, ainda aproxima e reforça um engajamento maior entre as instituições, propiciando o diálogo necessário para o fortalecimento de um campo disciplinar que ainda é recente e encontra-se em processo de consolidação. Portanto, em consonância com o curso do qual essa pesquisa faz parte, entende-se, de acordo com o que ensina Kuhn (2007), que um campo do saber pode se considerar fortemente estruturado quando os conceitos criados em seu contexto são utilizados de forma coerente e articulados em uma rede de conhecimentos que dialogam e se complementam.

A dissertação tem como **objetivo geral** realizar uma análise comparada da inserção e do desenvolvimento de conteúdos disciplinares de teoria museológica nas estruturas curriculares dos cursos de Graduação em Museologia da UNIRIO e da UFPE; e como **objetivos específicos**: Pontuar e comparar o início da estruturação dos cursos de Graduação em Museologia da UNIRIO e da UFPE - sua gênese, bases teórico-metodológicas e o perfil profissional desejado, com suas aproximações e distanciamentos; identificar, comparar e analisar as principais reformas curriculares já realizadas e em andamento em ambos os cursos e seus desdobramentos no que concerne à Teoria Museológica; e refletir sobre as tendências de pensamento que vêm influenciando os conteúdos vistos nas duas instituições.

Em determinados momentos do curso de Graduação da UFPE constatou-se o surgimento de uma razoável rotatividade de docentes responsáveis por algumas disciplinas teóricas - e dentre estas, a Teoria Museológica. Essa alternância ocorria tanto entre docentes efetivos quanto com substitutos, muitos destes recém saídos da graduação em museologia; e com isso, logicamente, as abordagens teóricas se sucederam de múltiplas formas e ligadas a diferentes conteúdos, o que levou aos primeiros questionamentos se esse seria um acontecimento restrito ao curso da UFPE ou um fato recorrente em outras instituições, no caso, na UNIRIO.

A partir dessa premissa, várias outras dúvidas foram surgindo: haveria algum direcionamento para a realização de estudos voltados aos aspectos regionais de cada

curso através da inserção de determinadas disciplinas? Em caso positivo, seriam estas efetivas ou obrigatórias? Quais as linhas de pensamento seguidas em ambos os cursos e quais as divergências e/ou convergências encontradas? Detalhes mais específicos sobre o ensino teórico-metodológico existente hoje nas duas instituições terão também grande relevância na formação dos egressos, o que faz suscitar diversas outras questões que não poderão ser respondidas por ora, tornando-se, entretanto, um interessante material de pesquisa para uma tese neste campo.

Nesta dissertação busca-se abordar, essencialmente, a prática do ensino de Teoria Museológica nos cursos de Graduação em Museologia da UNIRIO e da UFPE e acredita-se que a abordagem utilizada nos dois cursos, com o levantamento de seus perfis curriculares, programas de disciplinas e reformas estruturais justifica-se diante da necessidade de se responder às questões mencionadas no parágrafo anterior.

Visto que reformas curriculares são imposições do MEC e necessárias para a atualização da estrutura e dos conteúdos curriculares; e considerando que o curso da UNIRIO já realizou mais de 30 alterações curriculares e pelo menos 4 grandes reformas desde a sua implantação em 1932, ainda no Museu Histórico Nacional, vemos que o curso da UFPE precisa urgentemente ser reformulado e repensado, pois continua com o mesmo PPC - Programa Pedagógico do Curso de quando iniciou suas atividades, em 2009. Assim sendo, surge mais uma questão: após a primeira reforma (ainda em andamento) o curso de Recife tenderia a uma maior aproximação ou distanciamento do curso do Rio de Janeiro, principalmente no tocante à inserção da Teoria Museológica no perfil curricular - e até que ponto essa homogeneização ou diversificação traria benefícios à discussão teórica do campo museológico?

Ressalte-se ainda a importância da memória e da preservação da história dos cursos de Museologia no Brasil, que vem se firmando através do NUMMUS - Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - Escola de Museologia/PPG-PMUS/UNIRIO, sob a coordenação do Professor Doutor Ivan Coelho de Sá, com destaque para o levantamento de dados de professores, de alunos, das disciplinas ministradas e o registro de todas as reformas curriculares já realizadas, desde o pioneiro Curso de Museus em 1932:

...a Museologia necessita também da preservação de suas referências, tanto no âmbito nacional quanto internacional, de forma a não perder os vestígios históricos de lutas, de profissionais pioneiros de museus, entre outros (SIQUEIRA, GRANATO, SÁ, 2008, p. 154).

Assim sendo, considera-se de suma importância iniciativas como a do NUMMUS e espera-se que essa pesquisa seja o pontapé inicial para que a Coordenação do curso de Museologia da UFPE se mobilize, com o propósito de criar núcleo semelhante de memória e preservação; e que tal ação se estenda aos demais cursos do país.

Quanto à **viabilidade** desta dissertação, após todos os ajustes necessários devido

à pandemia da Covid-19, o trabalho revelou-se suficientemente exequível, uma vez que os fatores preponderantes para a sua realização se fazem presentes em conformidade com os seguintes aspectos:

Acesso às instituições pesquisadas

- UNIRIO – a autora esteve presencialmente no Rio de Janeiro no início de março de 2020, e pesquisou *in loco* no NUMMUS, laboratório alocado na Escola de Museologia da UNIRIO, campus da Urca, onde se desenvolve o Projeto de Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil, coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. Ali contou com o apoio do próprio coordenador, além de bolsistas e funcionários que disponibilizaram farto material para análise da História da Museologia no Rio de Janeiro. Foram registrados por fotografia os documentos referentes às reformas curriculares que se sucederam desde a fundação do curso em 1932; e à legislação que o transformou em curso de nível universitário. Foram também indicados como material de leitura diversos artigos, dissertações e teses já publicados sobre o tema e que podem ser encontrados na internet, além da doação do livro *Matrizes do Pensamento Museológico* de Gustavo Barroso, de autoria do Professor Ivan Coelho de Sá. O acesso a outros documentos necessários foi realizado com o apoio da Prof.^a Dr.^a Teresa Scheiner, que além de orientadora dessa pesquisa, também foi a grande responsável pela implementação da Teoria Museológica não apenas no curso do Rio de Janeiro, onde já exerceu função de Diretora e professora da disciplina, como nos muitos eventos realizados pelo mundo, participando ativamente como membro do ICOM e do ICOFOM.
- UFPE – os dados necessários deveriam estar disponíveis com maior facilidade por se tratar do local de trabalho da autora, desde a fundação do Curso de Museologia em 2009, tendo amplo acesso ao coordenador, ex-coordenadores e a todos os documentos comprobatórios existentes sobre a inserção da disciplina estudada na estrutura curricular do Curso. Porém, com a pandemia mundial causada pelo Covid-19 e o consequente isolamento social iniciado no Brasil e mais especificamente no Estado de Pernambuco, durante dois anos, período em que a dissertação foi realizada, muitos dos documentos físicos necessários a este estudo estavam inacessíveis. Assim, recorreu-se apenas ao material disponível nas páginas da internet, aos arquivos digitais e alguns depoimentos de docentes que participaram e participam atualmente da coordenação do curso, para que o objetivo final da dissertação fosse satisfatoriamente alcançado.

Conhecimentos sobre o tema

- Adquiridos através das aulas presenciais (2019) e remotas (2020) do MINTER-Mestrado em Museologia e Patrimônio-UNIRIO/MAST/UFPE, ministradas por professores altamente capacitados e qualificados, principalmente nas disciplinas de Teoria da Museologia e Teoria do Patrimônio, que serão o alicerce deste trabalho;
- Desenvolvidos e aprofundados através das leituras e discussões de livros, dissertações e teses, bem como textos e artigos já publicados em relação ao tema. Cabe ainda salientar a disponibilidade de acesso e consulta a um substancial material bibliográfico e legislativo através da rede digital.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Apontado como o primeiro registro teórico sobre a Museologia, o Manual de Ordenação das Coleções de Quiccheberg, publicado em 1565, era uma compilação de todas as práticas que vinham sendo realizadas em muitas coleções, descritas de forma ordenada no intuito de guiar os próximos organizadores de coleções. E apenas no séc. XVI outras duas obras seriam propagadas: as normas e procedimentos do Museu Ashmoleano, que indicavam também a forma de recepcionar os visitantes do museu, e o manual de Museografia apontado como o primeiro livro sobre estudos de campo, de Neickelius, publicados em 1714 e em 1727, respectivamente. (MAROEVIC, 1998, p. 44);

Apesar de ainda confundida com a Museografia, a Museologia passa a ganhar destaque no séc. XIX por meio de publicações de revistas alemãs sobre o tema. Segundo Scheiner, o termo “museologia” voltaria a aparecer num livro publicado em 1869 na Alemanha; e novamente em 1883 quando Johann Georg Theodor von Grässe (ou Graesse) publica Museologia como Ciência, em que apresenta pela primeira vez a Museologia como saber de caráter científico. (SCHEINER, 2015, p.38). Ainda de acordo com Scheiner, este trabalho seria utilizado em muitos estudos sobre a Museologia que iriam se desenvolver a partir do século XX. E é justamente no início desse século que desponta um grande quantitativo de associações representativas dos profissionais de museus, de revistas e periódicos especializados em artigos e textos sobre Museologia, e os estudos para a formação de pesquisador e profissional de museus, incentivados pela pioneira Escola do Louvre em Paris (1882), começam a se espalhar pelos museus e universidades do mundo.

Com a criação do ICOM em 1946, iniciou-se o processo de fortalecimento dos museus, visando um aprofundamento das relações entre os profissionais de museus dos países membros, através da realização periódica de eventos de cooperação e de intercâmbio entre eles. Porém, os estudos teóricos sobre museus e Museologia só

começariam a ser difundidos de forma mais contundente a partir dos anos 1970, por pensadores como os tchecos Zbyněk Zbyslav *Stránský*, Jirí Neustupný, Jan Jelínek e Anna Gregorová, cujos trabalhos deram o pontapé inicial para a formação do ICOFOM (1976)

com a proposta de aprofundar esses estudos. Assim nascia a chamada Teoria da Museologia, que com a produção de estudos sistemáticos realizados foi propagada por toda a Europa a partir do trabalho realizado pelo tcheco (naturalizado sueco) Václav Souček.

Entre os principais teóricos que fortaleceram os debates sobre a museologia destacam-se, na Europa, os alemães Klaus Schreiner e Ilse Jahn; os croatas Tomislav Sola e Ivo Maroevic; os poloneses Wojciech Gluzinski e Jerzy Swiecimski; e o holandês Peter van Mensch. Cabe destacar especialmente a importância do pensamento dos franceses Georges-Henry Rivière (anos 1960-80), Bernard Deloche, Mathilde Bellaigue, Hugues de Varine e André Desvallées; e do inglês Geoffrey Lewis - aos quais se agregariam, anos depois (década de 1990), o suíço Martin Schärer, os franceses Jean Davallon e Jacques Hainard; e os belgas François Mairesse e André Gob. Na América do Norte, destacaram-se inicialmente o canadense Pierre Mayrand e as estado-unidenses Flora Kaplan e Judith Spielbauer; e na América Latina, o mexicano Felipe Lacouture e a brasileira Waldisa Russio - logo seguidos pelos brasileiros Maria Cristina Bruno, Maria de Lourdes Horta, Mario Chagas e Teresa Scheiner; e pela argentina Nelly Decarolis – todos produzindo a partir do início dos anos 1980.

Na América Latina os trabalhos se desenvolveram com maior celeridade após a criação do ICOFOM LAM⁵ - Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe, criado em 1989 como Grupo de Trabalho do ICOFOM, com a intenção de fortalecer a Teoria Museológica latino-americana mediante a publicação de textos inéditos em espanhol e português; e em cujo âmbito destacam-se, entre outras, as contribuições das argentinas Nelly Decarolis e Norma Rusconi; e das brasileiras Heloisa Costa, Marília Cury e Tereza Scheiner. No continente asiático podemos ressaltar teóricos do Japão (como Soichiro Tsuruta), da Síria (Bachir Zouhdi) e da Índia (Vasant Bedekkar e Anita Shah). Esses e outros mais tiveram irrefutável destaque nos encontros do ICOM, do ICOFOM e seus respectivos subcomitês regionais; e nas produções teóricas que dali surgiam e foram publicadas - inicialmente na primeira coletânea internacional sobre Museologia, editada pelo ICOFOM: os *Museological Working Papers*, que teve apenas duas edições: MuWop 1 (1980) e MuWop 2 (1981); e em seguida no ISS - *ICOFOM Study Series*, uma série temática especializada em teoria da Museologia, criada em 1983 e que produziu 49 edições, de 1983 a 2021.

⁵ Sigla atualizada: ICOFOM LAC (Ver nota nº. 3).

Segundo Scheiner (2005), a contribuição de Stránský - considerado por muitos estudiosos o “Pai da Museologia” - foi essencial no que concerne à definição dos fundamentos da Teoria Museológica, quando este descreve a missão da museologia como “interpretar cientificamente a relação entre o humano e a realidade” (STRÁNSKÝ, 1970, *apud* Scheiner, 2005, p.3) e ressalta que o estatuto científico da Museologia só poderia acontecer a partir da acreditação de estudiosos de outras ciências; e para isso, o desenvolvimento do campo teórico museológico deveria se dar a partir da utilização de paradigmas emergentes da ciência contemporânea, enquanto outros intelectuais estudiosos, até então, levantavam a pauta da Museologia como uma ciência guiada por paradigmas da modernidade. Através de Stránský a estruturação do campo museal se percebe por meio de três estágios: o primeiro seria o formativo ou pré-científico; o segundo, o estágio da unificação/sintetização ou empírico-descritivo; e o terceiro, o estágio da maturidade ou teórico-sintético. Dessa maneira, pode-se afirmar que a evolução da teoria museológica foi baseada originalmente no trabalho prático desenvolvido por profissionais de museus, ou seja, este seria o “período formativo” denominado por Stránský, quando as ações estariam vinculadas à preocupação em salvaguardar as coleções.

Os séculos XVIII e XIX teriam marcado, portanto, o momento em que se desenvolve a ideia da profissionalização do trabalho em museus - com um desenvolvimento gradual do corpo de conhecimentos teóricos, hoje identificado como Museologia, acompanhando a identificação do papel social dos museus. Este “processo emancipatório, envolvendo o distanciamento da museologia das disciplinas específicas e o estabelecimento de uma orientação cognitiva e metodologia próprias” (MENSCH, 1992, p. 2) teria correspondido ao segundo estágio identificado por Stránský: o estágio empírico-descritivo, pontuado pela unificação e sintetização de experiências e conceitos (SCHEINER, 2015, p.39).

Por sua vez, Tomislav Sola “projeta a museologia para além dos seus próprios limites, reconhecendo-a como o campo disciplinar fundador de uma futura ciência do patrimônio” (SCHEINER, 2005, p. 4), pontuando assim o aspecto científico dessa disciplina, que ele nomeia Patrimoniologia. Da mesma forma, e ainda de acordo com Scheiner, pode-se considerar como relevantes as contribuições de Desvallées e de Anna Gregorová, quando identificaram o patrimônio imaterial como objeto de estudo da Museologia. Tal abordagem, bem como outras mais que enxergaram novas formas de percepção de patrimônio, possibilitou uma reavaliação do conceito de Museu. Assim, em 2007 foi registrada nos estatutos do ICOM uma nova definição de Museu:

Un museo es una institución sin fines lucrativos, permanente, al servicio de la sociedad y de su desarrollo, abierta al público, que adquiere, conserva, investiga, comunica y expone el patrimonio material y inmaterial de la humanidad y su medio ambiente con fines de educación,

*estudio y recreo*⁶. (ICOM - 22ª Assembleia em Viena, em 24 de agosto de 2007).

De modo geral, podemos dizer que até os anos 1950 a Museologia era compreendida em um sentido mais amplo e aplicado, e envolvia principalmente profissionais responsáveis pela gestão dos museus, como os *conservateurs* na França e os conservadores de museus no Brasil - que exerciam funções de gestão e práticas em museus. Essas práticas compreendem as metodologias e técnicas de coletar, identificar, documentar, preservar, exibir e comunicar - identificadas como Museografia. Tais processos fazem parte de um conjunto de metodologias e práticas da Museologia e são fundamentais no processo museológico, que abrange também a teoria. Ainda hoje, em muitos países se utiliza o termo “museografia” englobando os aspectos teóricos do campo.

Alguns trabalhos pioneiros - como o da museóloga Regina Real, no Brasil - já mencionavam, desde os anos 1940-1950, aspectos mais teóricos da Museologia. Mas apenas ao final dos anos 1950, com a realização do Seminário ICOM-UNESCO sobre o papel educativo dos museus (Rio de Janeiro, 1958) é que seria oficializada, através de Georges-Henri Rivière, diretor do ICOM, a distinção entre Museologia e Museografia; quando se definiu a Museologia como “a ciência que tem como fim o estudo da missão e organização dos museus”, e Museografia como “o conjunto de técnicas relativas à Museologia” (RIVIÈRE, 1958, p.12). A partir dos anos 1970, após as intervenções de intelectuais do leste europeu e com a criação do ICOFOM em 1977, a museologia teórica inicia seu processo de estruturar-se como um saber científico, levando estudiosos de diferentes países a se dedicarem com afinco às múltiplas hipóteses e prognoses que buscavam definir e conceituar o que é museu, qual o seu objeto de estudo, o que é musealidade, qual a diferença entre Museologia e Patrimônio, qual a relação do museu com a sociedade, dentre tantas outras questões que levariam ao desenvolvimento de um novo campo disciplinar dentro do universo acadêmico.

Enquanto alguns autores falam da existência de várias escolas de Museologia, para Francisca Hernández Hernández (2006) existem na verdade distintas tendências do pensamento museológico que podem influenciar o desenvolvimento da Museologia, uma vez que estarão de acordo com as realidades socioculturais vivenciadas em cada região, em diferentes momentos. Tais tendências são classificadas e denominadas pela autora como: Museologia Tradicional, Museologia Marxista-Leninista, Nova Museologia e

⁶ Em português: O museu é uma instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente, com a finalidade de educação, estudo e lazer. (Tradução nossa) (Grifo nosso). Disponível em: <https://icom.museum/es/recursos/normas-y-directrices/definicion-del-museo/> Acesso em: 22 abr. 2022.

Museologia Crítica. A Museologia Tradicional, segundo a autora, pressupõe uma estrutura de aprendizagem museológica igual e uniforme e está agregada ao modelo conservador, unitário e universal de museu; os museus existem entremuros, com o único propósito de salvaguardar o passado e expor um patrimônio unicamente material, formado em sua essência por coleções herdadas de famílias abastadas e objetos artísticos de uma parcela de intelectuais. A Museologia Marxista-Leninista seria oposta à Tradicional; se relaciona ao conceito de ‘museu fenômeno’ defendido por Stránský, que está em constante transformação, cujo objeto de estudo é a relação do homem com a realidade, onde o patrimônio pode ser construído e modificado pelo trabalho de toda a sociedade, de forma plural e heterogênea.

A terceira tendência de pensamento apontada por Hernández destaca o caráter mais educativo da Museologia, abordando temas como inclusão e cidadania, através da criação de novos tipos de museus acessíveis a toda a população de uma determinada localidade, criando recursos para facilitar o entendimento e o engajamento dessas comunidades com o seu patrimônio. Essa manifestação foi denominada Nova Museologia e teve forte influência de Hugues de Varine e de Georges-Henri Rivière; e desenvolveu-se a partir da experiência de ecomuseus, como a do Ecomuseu *Le Creusot*, na França, onde a comunidade local assumiu um caráter protagonista ao contar a sua história e autogerenciar o museu. A Nova Museologia tem por missão tornar os habitantes de uma dada localidade conscientes de sua memória e seu patrimônio integral (natural e cultural), que será preservado e transmitido ao futuro através das suas memórias coletivas - sensibilizando-as para tornarem-se responsáveis pela identificação, conservação, valorização e difusão desse patrimônio, ou seja, pela sua gestão. Esse modelo propõe uma renovação da museologia tradicional, porém, na prática só funciona em comunidades específicas cujos habitantes desejem se tornar atores e gestores dessa vivência.

A quarta e última tendência de pensamento, segundo a autora, seria a Museologia Crítica, que pode ser resumida da seguinte forma:

...el museo ha de saber explicar al visitante que la investigación e interpretación del pasado posee una dimensión creativa que no se queda en la mera contemplación pasiva del pasado, sino que empuja e invita a caminar transformando el presente en dirección al futuro.

(...)

...el visitante ha de jugar un papel importante en la elaboración de cualquier trabajo expositivo, en un intento de aportar otras visiones distintas del pasado a una determinada exposición (HERNÁNDEZ, 2006, p. 224).⁷

⁷ Em português: ...o museu deve saber explicar ao visitante que a investigação e interpretação do passado tem uma dimensão criativa que não fica na mera contemplação passiva do passado, mas nos encoraja e convida a caminhar transformando o presente em direção ao futuro. / ... o visitante deve desempenhar um papel importante na elaboração de qualquer trabalho expositivo, na tentativa

Entretanto, existem teóricos, como Scheiner, que não concordam com essa classificação de Hernández pois, segundo eles, a discussão sobre o que é a Museologia precisa considerar os argumentos contemporâneos, o que não condiz com as acepções por ela propostas. Para Scheiner, a Museologia Crítica defendida por alguns estudiosos - geralmente de outros campos disciplinares - na verdade nada mais é do que uma historiografia dos museus, que se sobrepõe à reflexão teórica (SCHEINER, 2014, p. 4648).

Uma outra forma de classificar a Museologia se resume a identificar duas faces contrapostas: Museologia Tradicional e Nova Museologia; enquanto a primeira se baseia nas antigas práticas museológicas tendo por objeto o patrimônio material e as coleções exibidas em prédios para um público específico, e que ainda detém muita influência nos dias atuais, a segunda surge como uma tendência inovadora, que se estabelece territorialmente nas comunidades realizando práticas que enfatizam o caráter social da Museologia, visando a transformação das sociedades. Essa contraposição entre a Museologia Tradicional e a Nova Museologia inspira-se nas teorias de Varine sobre a oposição entre o Museu Clássico e o Museu Comunitário – e pode ser visualizada no quadro abaixo, apresentado pelo autor em palestra proferida em um Encontro do ICOM/UNESCO sobre Museus e Comunidades, em 1986 na Suécia.

Quadro Nº 02 – Paradigmas entre o Velho e o Novo Museu

Museu Clássico	Museu Desenvolvido pela Comunidade
Edifício	Território
Coleções	Patrimônio (natural e cultural) da comunidade
Disciplina científica	Desenvolvimento integral
Especialização	Abordagem interdisciplinar
Público (voluntário, amador, cativo)	População da comunidade/visitantes da comunidade
Busca do conhecimento (educação, lazer)	Capacidade iniciativa criadora

Fonte: (VARINE, Hugues de, 1986)

No Brasil, um dos defensores dessa corrente intitulada Nova Museologia foi o Prof. Mário Chagas, e segundo ele:

A nova museologia convocava os sujeitos sociais a intervir ativamente e a resistir aos determinismos da História dos heróis e do passado glorioso. O caráter militante dessa ação museológica assentava-se na diferença fundamental entre a memória como lar da tradição e a memória como potência e ferramenta para a transformação social (CHAGAS, et al., 2018, p.97).

Porém, com o passar do tempo a Nova Museologia foi absorvida até mesmo pelos defensores da Museologia Tradicional e perdeu potência, dando espaço para o surgimento

de contribuir com outras visões diferentes do passado para uma determinada exposição [tradução nossa].

da Museologia Social, Socio-museologia ou Museologia Crítica, o que, para Chagas são expressões variadas que na verdade servem para demonstrar a capacidade de resistência às normatizações e controle exercido por uma parte mais conservadora de nossos órgãos e instituições ligados à educação e cultura.

Entretanto, autores como Maria Célia Santos e Teresa Scheiner apresentam ressalvas quanto a essa denominação, uma vez que a museologia é uma ciência que tem seu caráter sempre social. Para Santos, a Museologia propriamente dita implica ação social (SANTOS, 2014, p.103) e a comunidade acadêmica deve ficar em alerta, pois a existência de cursos que trazem a denominação de Museologia Social não exclui a responsabilidade de qualquer curso de Museologia assumir o seu compromisso social (SANTOS, 2014, p.103, p.105). Para Scheiner, a Nova Museologia surge com características voltadas especialmente ao papel social do museu, sendo que o caráter social deve ser intrínseco à Museologia - de onde se deduz ser desnecessário o acréscimo do termo à sua denominação.

A Nova Museologia, paradigma dos anos setenta e oitenta, coexiste agora com novas teorias e práticas, como o Museu Virtual. Há uma tendência geral a compreender o Museu já não mais como instituição, mas como fenômeno social, capaz de atuar não apenas no estudo e na conservação da cultura, mas também de gerar novos conhecimentos e influir de modo positivo no desenvolvimento social (SCHEINER, 2010, p. 28).

Uma corrente ainda mais recente é a chamada Museologia Decolonial, que propõe outras materializações possíveis nos patrimônios que nos foi legado, após séculos de colonização, que surgiriam através de uma descolonização do pensamento sobre o Museu e a Museologia. Segundo Bruno Brulon essa descolonização do pensamento pode ser feita sem precisar extinguir os museus como são concebidos hoje em dia, sendo, entretanto, necessária uma reinterpretação dos sujeitos dos museus. Seria preciso imaginar materialidades outras, patrimônios outros, vidas outras passíveis de serem valoradas (BRULON, 2020, p. 26).

A Museologia é assim um campo do conhecimento que estuda as relações entre o Museu e a sociedade em suas múltiplas faces e sob diferentes olhares. O Museu, fenômeno social, pode apresentar-se sob diferentes formas, em diferentes tempos e espaços – sendo, hoje, reconhecidas por grande parte dos teóricos as seguintes representações: Museu Tradicional, cuja base conceitual é o objeto; Museu de Território, que tem por base o patrimônio integral de um determinado espaço geográfico; Museu Virtual, cuja base conceitual é a informação; além de outras duas classificações mais subjetivas, como o Museu Interior, cuja base é o sentimento, e o Museu Global - que tem como sustentação a interação entre os processos bióticos e abióticos do planeta, e está fundamentado na existência da vida. Além das bases conceituais diferentes, deve-se

salientar que, embora presentes em cada uma dessas categorias, as relações entre o humano, o espaço, o tempo e a memória também serão divergentes (ver Scheiner, 1999).

Entende-se, entretanto, que apesar das muitas contradições e pontos de vista distintos, uma tendência não exclui obrigatoriamente a outra, e todas podem conviver ao mesmo tempo, desde que evoluam de acordo com as imposições e narrativas predominantes em cada sociedade; e que a Museologia seja vista de uma forma contínua e em movimento, no tempo e no espaço, de maneira que os objetos sejam percebidos de distintas formas, por diferentes espectadores, em contextos diversos e com um olhar plural.

Tais questionamentos onde procura-se definir a Museologia e identificar as razões do crescimento de seu campo são antigos, tanto nas universidades como nos debates do ICOFOM. Segundo Suely Cerávolo (2004, p. 243), ainda em 1975 - antes do ICOFOM - o dinamarquês Villy Toft Jensen realizou um levantamento preliminar entre alguns profissionais de museus da Dinamarca, no qual perguntava qual o conceito de Museologia por eles adotado. Subsequentemente, essas e as demais respostas de outros questionários elaborados sobre o tema foram enviadas ao Comitê para serem analisadas e debatidas por seus membros, o que gerou posicionamentos acirrados contra e a favor dos que a consideravam um campo científico. Ainda de acordo com Cerávolo, os intelectuais em atuação no ICOFOM tinham como objetivo prover museus (profissionais de museus) e universidades (professores e alunos) de um conhecimento teórico inquestionável por todos e que foi se aperfeiçoando e se consolidando a cada conferência e nos inúmeros documentos e publicações ali gerados. Entretanto, havia um empecilho que se insurgia para que se desenvolvesse plenamente a cientificidade da Museologia - a questão da terminologia.

Para todas as ciências, a existência de uma linguagem própria e organizada é um elemento fundamental. E foi num encontro em Paris no ano de 1982 que Vinos Sofka, como presidente do ICOFOM, defendeu a viabilização de uma base conceitual comum e uma terminologia específica para a Museologia (DESVALLÉES, 2000, p.8). Desde então muitos pensadores se debruçaram sobre essa importante tarefa de identificar os termos utilizados no âmbito museológico; e dessa premência, em 1993 foi criado um projeto de pesquisa permanente desenvolvido por teóricos do ICOFOM, com repercussão em vários países, com o intuito de elaborar e organizar os termos do campo, compondo assim uma linguagem única e ordenada, que deveria ser representativa do campo ainda que tivesse que ser lida e falada em diversas línguas, o que tornou esse trabalho bastante exaustivo (CARVALHO; SCHEINER, 2014, p.9). E a partir dos anos 2000, um grupo de teóricos deu curso a um trabalho mais sistemático dessa investigação terminológica da Museologia, construindo, em língua francesa, um dicionário de termos. Desse projeto surgiu um livro

emblemático, publicado em 2011: o Dicionário Enciclopédico de Museologia, escrito por 8 especialistas francófonos, sob a coordenação de André Desvallées⁸.

Desta forma, e feitas todas essas considerações, faz-se necessário analisar como os cursos de graduação em Museologia têm compreendido, interpretado e socializado os conhecimentos teóricos da Museologia através de seu corpo docente, visto que este será responsável por despertar o interesse e por disseminar saberes específicos que serão determinantes nas escolhas futuras de seus discentes.

Nos últimos anos a Museologia agigantou-se e com isso os seus conceitos se multiplicaram e consequentemente refletiram-se em campos distintos, alguns talvez nunca antes suscitados. Sendo assim, a autora se sentiu induzida à realização desse trabalho, a fim de propiciar o desenvolvimento e o amadurecimento de um campo que vem germinando, muitas vezes de forma silenciosa, ou talvez muito lentamente, mas que está presente. É preciso rastrear e explorar os muitos atributos e especificidades da museologia e dessa forma buscar capturar a sua essência, o que só será possível com intensos debates e aprofundadas trocas de saber.

Nessa dissertação busca-se responder se a estrutura curricular do curso de Graduação em Museologia da UNIRIO, especificamente no que se refere ao conteúdo das disciplinas que tratam de Teoria Museológica, influenciou a construção da estrutura curricular das mesmas disciplinas do Curso de Graduação da UFPE. Busca-se ainda analisar de que forma as diferentes tendências de pensamento teórico-museológico são abordadas nos perfis curriculares das duas instituições; qual a preponderância sobre os eixos temáticos do curso utilizada pelos docentes de Teoria Museológica nos cursos estudados; e qual a importância de um diálogo interinstitucional para o fortalecimento deste campo disciplinar, possibilitando uma reflexão sobre as diferentes tendências de pensamento existentes.

A **metodologia** para essa dissertação é de cunho qualitativo, bibliográfico, documental, exploratório e descritivo, incluindo análise de conteúdo por comparação. Como já mencionado, foi realizada preliminarmente uma pesquisa *in loco* no NUMMUS, que a partir de sua implementação, em 2005, vem reunindo documentos sobre a Museologia no país; e conta, hoje, com um considerável acervo de fontes primárias, muitas inéditas, relativas à história da Museologia - principalmente no Rio de Janeiro. Tais fontes se encontram em grande parte disponíveis para consulta no laboratório da Escola de Museologia, situado no prédio do CCH/UNIRIO, onde a autora realizou pesquisas no início

⁸ Para divulgar o Dicionário, que seria lançado no início de 2011, em 2010 foi publicado e distribuído, na Conferência Geral de Museus, na China, um pequeno resumo de alguns de seus verbetes – intitulado “Conceitos chaves da Museologia” (DESVALLÉES; MAIRESSE, Org.) com 87 páginas, que introduziu os principais termos a serem apreendidos por iniciantes que pretendem conhecer as bases da Museologia (apud Scheiner, 2020. Sessão de Orientação).

de março de 2020. Cabe também salientar que outras visitas estavam previstas, entretanto não puderam ser realizadas devido ao isolamento social imposto pela pandemia do vírus Covid 19, que se iniciou logo após o seu retorno a Recife, no dia 12 de março de 2020, permanecendo até meados de 2022. Dessa forma, realizou-se uma revisão bibliográfica, com leituras de textos, livros, arquivos, dissertações e teses - em sua maior parte em formato digital - na busca de termos e conceitos sobre o tema proposto; em seguida foi feito o levantamento de dados do curso da UFPE através de uma parte do arquivo físico disponível referente ao processo inicial do curso em 2009, bem como outras informações e documentos em formato digital. A previsão de colher depoimentos de coordenadores e ex-coordenadores do curso, além dos professores das disciplinas de Teoria Museológica, foi realizada parcialmente conforme pode-se ver no texto da dissertação.

A partir do material coletado e analisado foi desenvolvida a dissertação com a seguinte estrutura:

Introdução

Capítulo 1: O Curso de Museologia MHN/UNIRIO – experiências pioneiras

Aborda brevemente o panorama histórico dos cursos de formação a nível de graduação em Museologia no Brasil, com foco no primeiro em 1932 no Museu Histórico Nacional, o qual se transformaria na Escola de Museologia da UNIRIO. Cita o processo de regulamentação da profissão de Museólogo, com ênfase nas reformas curriculares do Curso, ressaltando principalmente a que introduziu a disciplina Teoria Museológica até a última, que criou o curso noturno, através do REUNI.

Capítulo 2: O curso de Museologia da UFPE

Proporciona uma visão transitória do quadro cultural e museológico no Recife a partir dos anos 1950, pontuando as políticas públicas de incentivo à criação de novos cursos de Museologia no país a partir dos anos 2000, tendo como foco o curso de Bacharelado em Museologia da UFPE – seu processo de criação através do REUNI em 2009, concursos realizados, docentes efetivados e reconhecimento pelo MEC, analisando mais detalhadamente o perfil da disciplina teoria museológica: estruturação, disposição na estrutura curricular, docentes, conteúdos e conceitos articulados.

Capítulo 3: Entre o Sudeste e o Nordeste: a análise das tendências do pensamento teórico-museológico nos cursos de Museologia da UFPE e UNIRIO

Realiza uma análise comparativa da estruturação dos conteúdos de Teoria Museológica nos dois cursos, pontuando as influências e principais características das disciplinas às quais estão vinculados; e verificando se suas peculiaridades regionais estão ou estiveram inseridas nos respectivos currículos, enfatizando onde as estruturas se aproximam, dialogam e se distanciam.

Considerações finais

Referências

Anexos

CAPÍTULO 1

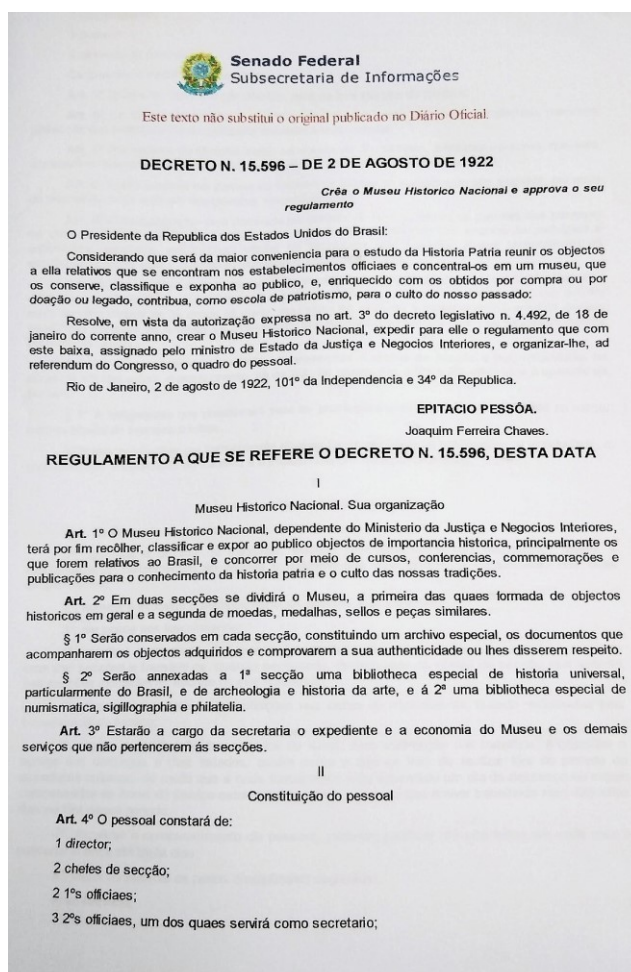
O curso de Museologia MHN/UNIRIO – experiências pioneiras

O Curso de Museologia MHN/UNIRIO – experiências pioneiras

1.1. Criação do MHN. O primeiro Curso de Museus e o Mandato Universitário

Nas décadas entre 1920 e 1940, o Brasil viveu um período de nacionalismo exacerbado, com a disseminação de correntes de pensamento que defendiam a valorização da cultura e do patrimônio nacional. Foi justamente nesse contexto, precisamente no ano de 1922, durante o governo de Epitácio Pessoa, que foi criado o Museu Histórico Nacional-MHN, através do Decreto Nº 15.596 de 02 de agosto de 1922. O museu seria inaugurado oficialmente dois meses depois, no dia 1º de outubro, no âmbito das festividades de comemoração dos 100 anos da Independência do Brasil. O primeiro diretor nomeado para o MHN foi o seu idealizador, o jornalista e escritor Gustavo Barroso, que exerceu seu cargo até o ano de 1930, quando o Presidente Getúlio Vargas nomeou o historiador Rodolfo Garcia para substituí-lo.

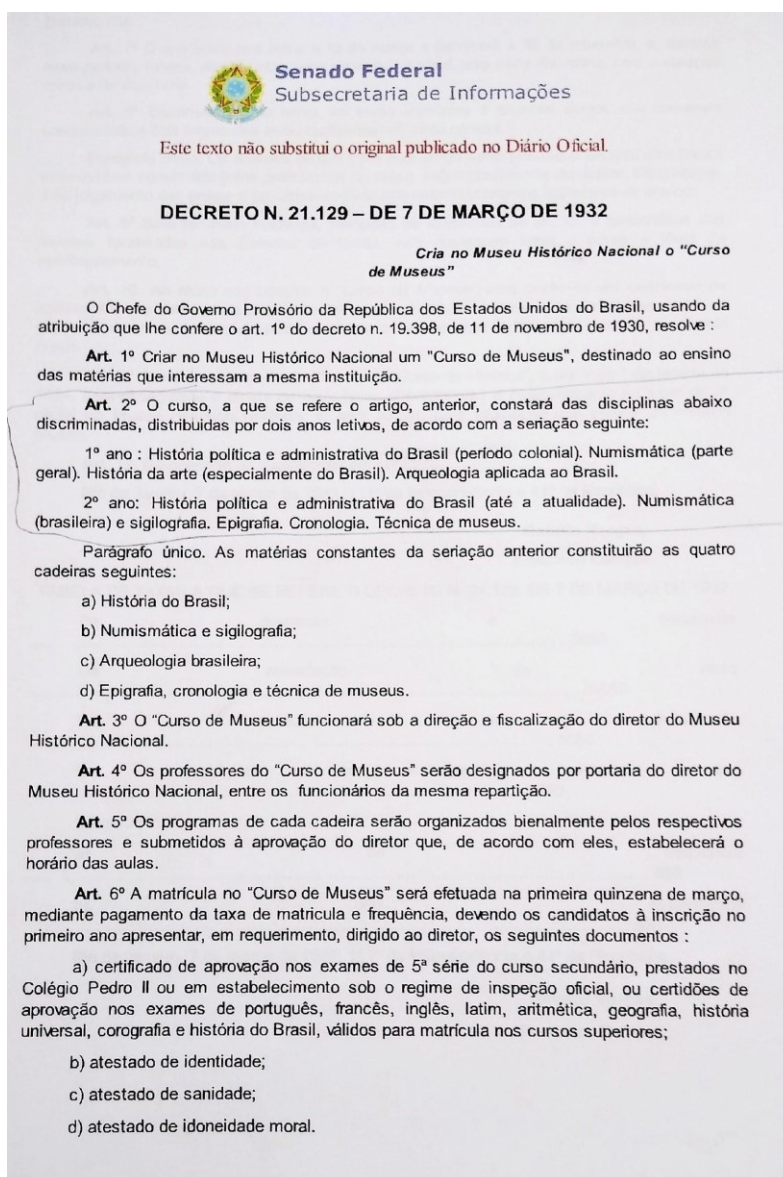
Figura 1: Criação do MHN-Decreto 15.596 de 2 de agosto de 1922



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

Finalmente, dez anos após a criação do MHN, foi instituído o Primeiro Curso Técnico de Museus do Brasil, através do Decreto Nº 21.129 de 07 de março de 1932. Segundo o decreto, o curso teria duração de dois anos; as aulas deveriam ser ministradas no próprio MHN e com professores do quadro efetivo do museu. O curso teria como objetivo principal capacitar pessoas para trabalharem no museu, em tarefas ligadas ao trato das coleções - proposta essa já incluída anteriormente em um relatório das atividades do MHN de 1923 elaborado por Gustavo Barroso, que se tornaria o Primeiro Diretor do Curso de Museus de 1932, cargo em que permaneceria até o ano da sua morte, em 1957 (SIQUEIRA; GRANATO; SÁ, 2008, p.147-152).

Figura 2: Criação do Curso Técnico de Museus-Decreto 21.129 de 7 de março de 1932



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

Desde a sua criação até os dias atuais o curso passou por várias alterações e reformas, sendo a primeira em 1934, junto com a aprovação do regulamento do MHN,

oficializado pelo Decreto nº 24.735 de 14 de julho de 1934. Esta primeira alteração não apresentou mudanças significativas: foi realizada a introdução de novas disciplinas no currículo, acarretando a troca de nomes das disciplinas existentes. Cabe aqui enfatizar que também em 1934 foi criada a Inspetoria de Monumentos Nacionais, substituída em 1936 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-SPHAN, o qual começou a operar em 1937. Esses movimentos deram início a um enfoque maior para a proteção ao patrimônio cultural, histórico e artístico nacional. Vale ainda pontuar que o SPHAN se transformou no atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN.

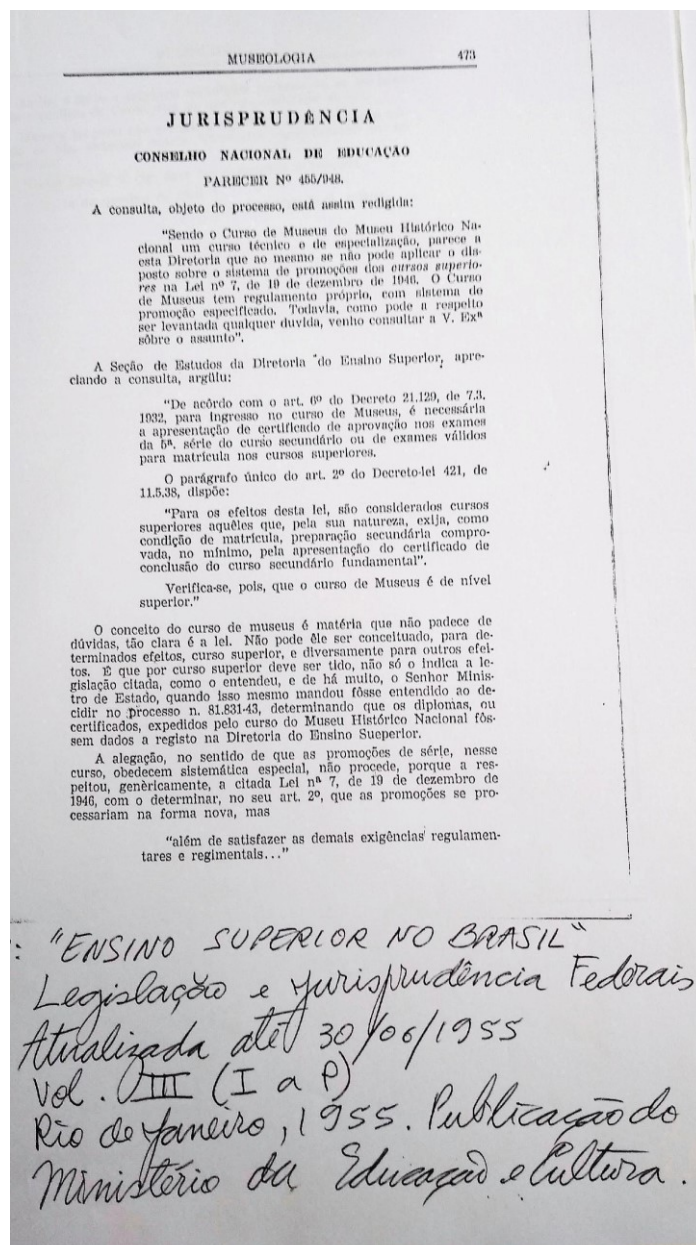
Em 1944 o Curso de Museus passaria por uma extensa reestruturação com o objetivo de conseguir o mandato universitário - o qual só foi firmado, oficialmente, no ano de 1951, por meio de um convênio com a Universidade do Brasil. Entretanto, vale ressaltar que entre 1939 e 1940 foi realizado o primeiro concurso público para o cargo de Conservador de Museus e que, a partir de 1943, os certificados/diplomas do curso do MHN passariam a ser registrados pela Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Saúde, o que já estabelecia uma diferenciação com os cursos de nível técnico. Tais fatos deram motivação a Gustavo Barroso para concretizar a difícil tarefa de implementar uma grande reforma, regulamentada pelo Decreto nº. 6.689 de 13 de julho de 1944, onde o Curso de Museus seria substancialmente reformulado, adquirindo todas as especificidades exigidas a um curso de nível superior.

Dentre as principais alterações realizadas em 1944 pode-se destacar o aumento do período de duração do curso, que passou de dois para três anos, com a estrutura curricular dividida em duas partes: 1ª. Parte: Geral (duração de 2 anos) e 2ª. Parte: Especial (duração de 1 ano). Essa reforma também regulamentou as bolsas de auxílio aos estudantes vindos de outros estados, que já existiam informalmente desde 1942 e eram destinadas a funcionários públicos de instituições culturais municipais, estaduais ou federais de fora do Rio de Janeiro, os quais deveriam adquirir conhecimentos necessários para serem postos em prática no seu retorno ao trabalho em sua instituição de origem⁹ (SIQUEIRA, 2009, p.33). Foram criadas também as excursões com visitas a monumentos, sítios arqueológicos e prédios históricos, que proporcionaram aos alunos a possibilidade de visitar cidades históricas de outras regiões dentro e fora do Estado do Rio de Janeiro. Outra importante alteração foi a criação do cargo de Coordenador de Curso, o qual coube à museóloga Nair de Moraes Carvalho, que permaneceu na função por 23 anos. Apesar

⁹ Aécio de Oliveira foi um dos bolsistas do Curso de Museus; ao retornar a Pernambuco, em 1968, incrementou as atividades museológicas no Museu do Homem do Nordeste, onde também exerceu o cargo de coordenador. Para maiores informações, ver: LIMA, Manoela E. de. A Estratégia Museológica a partir da representação de um Departamento de Museologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. 91f. Rio de Janeiro, 2017. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Scheiner.

de todos os dados estabelecidos através dessa reforma, que indicavam o Curso de Museus como um curso de nível superior, tal fato ainda levaria a suscitar alguns questionamentos, visto que não havia uma universidade vinculada ao curso. Todas as dúvidas foram sanadas através de um Parecer do Conselho Nacional de Educação em 1955, enfatizando a Jurisprudência, onde preceitua-se que o curso cumpre todas as exigências do MEC para ser de curso de nível superior.

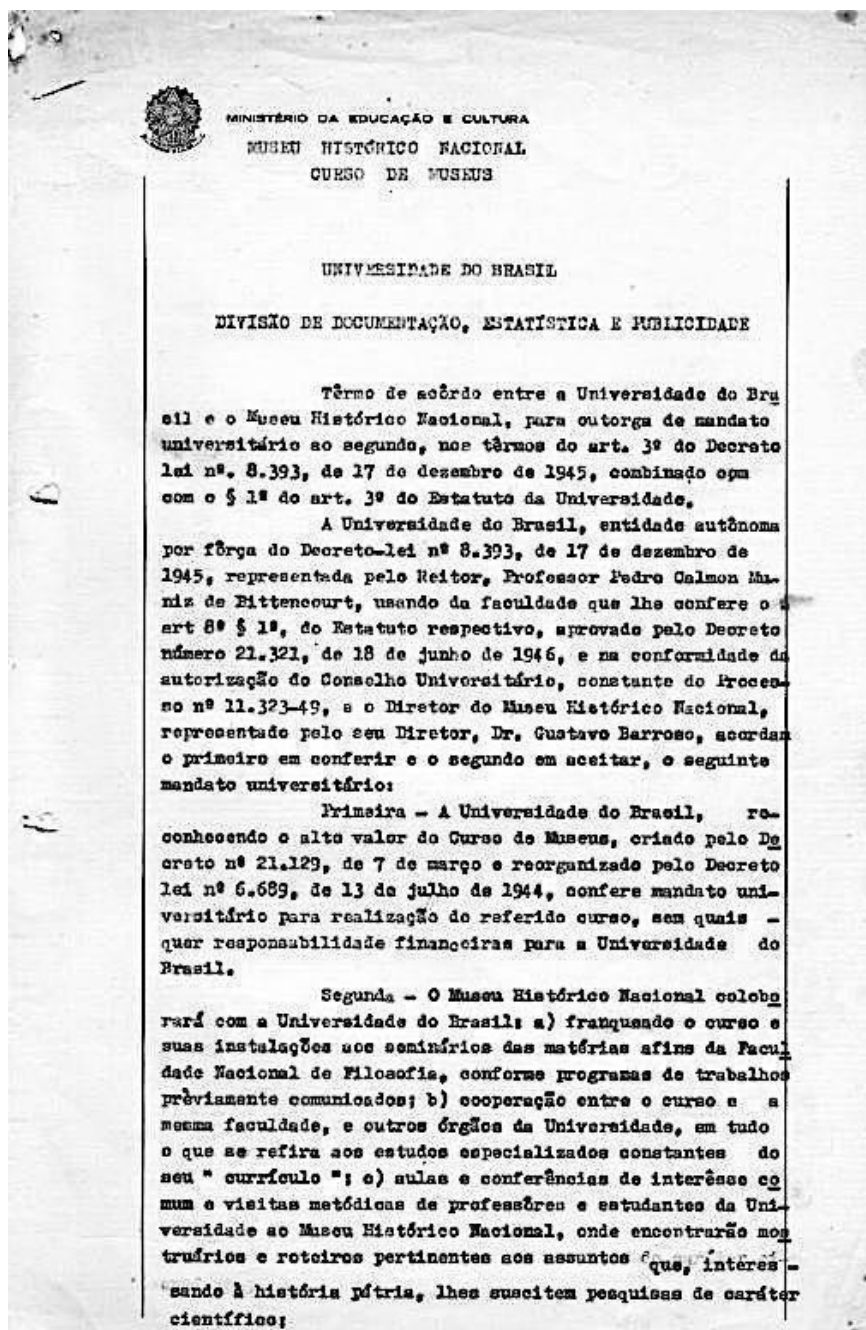
Figura 3: Parecer do Conselho Nacional de Educação



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

Finalmente, em 1951, o Curso de Museus receberia da Universidade do Brasil o mandato universitário¹⁰ através de um Termo de Acordo, muito embora as aulas continuassem sendo realizadas no MHN. A partir de então o curso estabeleceu no último ano uma divisão das disciplinas: seção de Museu Históricos e seção de Museus Artísticos.

Figura 4: Termo de acordo entre o MHN e a Universidade do Brasil



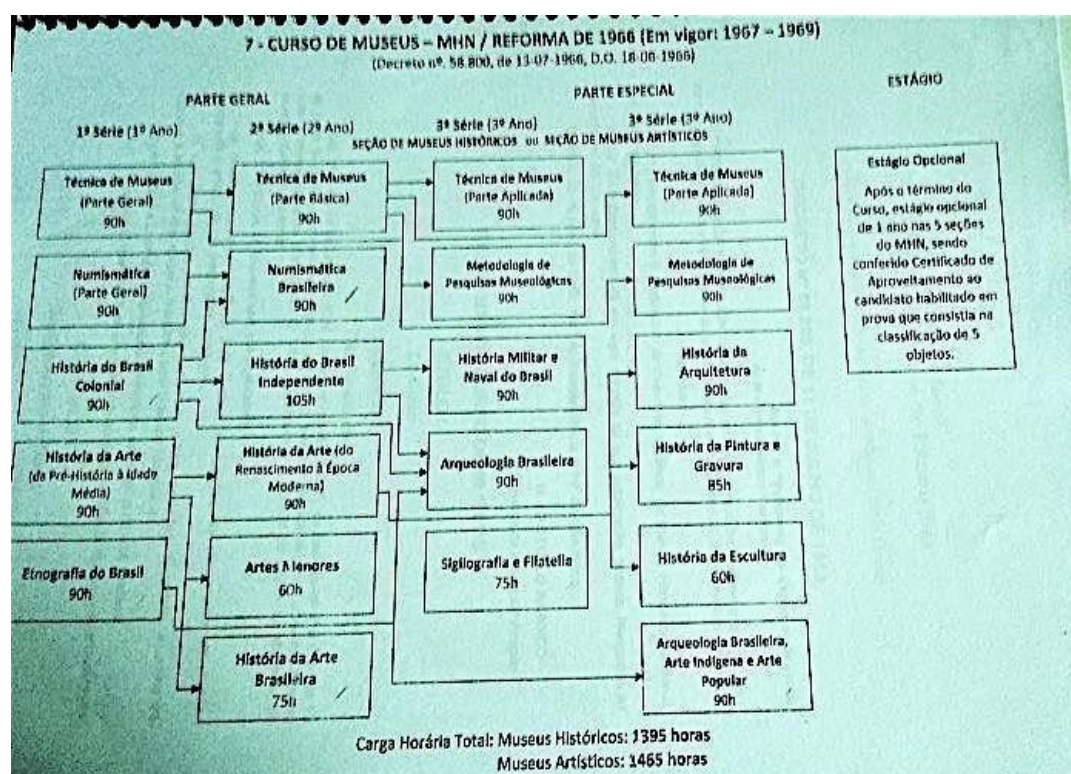
Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

¹⁰ Em 1975 o Curso de Museus seria incorporado à FEFIERJ, em 1979 transformada na UNIRIO - Universidade do Rio de Janeiro, posteriormente denominada UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

1.2. A Museologia de 1960 a 1970: ensino e profissionalização

A terceira reforma do Curso de Museus seria efetivada pelo decreto nº 58.800 de 13 de julho de 1966. Realizada em 1967, transcorreria sem grandes alterações, mantendo o mesmo perfil curricular de 1944, com exceção da inserção das disciplinas Metodologia da Pesquisa Museológica (90h) e Numismática Brasileira - que seria mantida no currículo do curso até o ano de 1995, conforme se observa na estrutura curricular e no documento de evolução do curso que relaciona as disciplinas excluídas, reformuladas e mantidas de 1932 até 1995. Note-se que na figura 5 destaca-se, à direita, a oferta do estágio opcional pelo período de 1 ano no MHN após a finalização do curso.

Figura 5: Matriz Curricular de 1967 a 1969¹¹



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

¹¹ Compilação e Organização: Ivan Coelho de Sá, Gustavo Oliveira Tostes e Luana da Conceição Martins

Figuras 6 e 7: Evolução das disciplinas do Curso de Museologia

EVOLUÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

DISCIPLINAS EXCLUIDAS/REFORMULADAS

Identificação da Disciplina	A partir de	Até
Técnica de Museus	1932	1970
Etnografia	1970	1974
História Militar e Naval do Brasil	1945	1970
História Militar e Naval do Brasil I, II	1945	1974
Arquitetura	1945	1975
Pinura	1945	1975
Escultura	1945	1975
Oravura	1945	1975
Artes Menores	1945	1975
Artes Menores I, II	1945	1975
Arte negra e indígena do Brasil	1975	1977
Joaqueteria e Prataria	1966	1972
Prataria	1968	1970
Cerâmicas, Porcelanas e Mosaicos	1969	1977
Geologia	1970	1977
Estudo dos Problemas Brasileiros	1970	7
Rendas e Bordados	1970	7
Viaturas Terrestres	1970	1974
Navios e Aeronaves	1970	1977
Metodologia e Técnica da Pesquisa	1970	1970
Paleontologia	1970	1970
Biologia	1970	1970
Técnicas de Museus Escolares Polivalentes	1970	1970
Botânica Morfológica e Sistemática	1970	1970
História da Ciência	1970	1970
Zoologia Morfológica e Taxonômica	1970	1970
Ecologia	1970	1970
Arqueologia de Campo I e II	1970	1970
Comunicações Museológicas	1970	1970
Museologia Teórica	1970	1971
Ciências Auxiliares da História	1970	1971
Ciências Auxiliares da História I, II (Numism.)	1970	1974
Cosmografia e Cartografia	1975	1975
Biogeografia	1970	1970
Antropogeografia	1970	1974 *
Etnologia	1970	1974 *
Etnografia do Brasil	1970	1970
História Geral	1970	1974
Museografia (técnica de Museus)	1970	1974
Museologia	1970	1971
Artes Decorativas	1970	1970
Museologia Especial (discipl. DPTD)	1973	1977
Arte na América pré-colombiana	1975	1977
Arte no Oriente	1975	1975 *
Psicologia da Arte	1975	1975 *
Metodologia da Pesquisa Histórica I, II	1975	1975 *
Psicologia Educacional I, II	1975	1975 *
Pedagogia I, II	1975	1975 *
Didática I, II	1975	1975 *
Comunicação	1975	1978 *
Ciências Sociais I, II	1975	1975 *

EVOLUÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

DISCIPLINAS MANTIDAS NO CURRÍCULO DO CURSO ATÉ 1995

Identificação da Disciplina	A partir de	Até
Arqueologia	1932	1974
Arqueologia I	1975	1995
Numismática Geral	1932	1995
Arqueologia Brasileira	1945	1974
Arqueologia II	1975	1995
Numismática Brasileira	1945	1995
História do Brasil Colonial e Independente	1932	1974
História da Arte I, II, III, IV	1975	1985
Seit. Forma na Prod. Artística I, II, III, IV	1945	1995
História da Arte Brasileira	1945	1974
Arte no Brasil I, II, III	1975	1985
Produção Artística no Brasil I, II, III	1985	1995
Técnica de Museus	1932	1985
Sigilografia e Filatelia	1945	1995
Metodologia da Pesquisa Museológica	1966	1995
Arte Sacra	1968	1995
Vidros, Cristais e Vitrais	1969	1977
VCCPF	1975	1995
Heráldica e Genealogia	1969	1995
Armário	1969	1977
Amaria e Instr. Suplicio	1975	1995
Folclore e Arte Popular no Brasil	1970	1984
Antropologia IV (folclore e arte pop. no Brasil)	1985	1995
Mobiliário	1970	1995
Tapeçarias	1970	1977
Tapetes e Tapeçarias	1975	1995
Bandeiras	1970	1977
Condicionamentos e Bandeiras	1975	1995
Indumentária	1970	1995
Estética	1970	1974
Estética e Crítica da Arte	1975	1985
Crítica na Produção Artística (estética)	1985	1995
História da Civilização	1970	1974
História da Civilização I, II, III, IV	1975	1977
História da Civilização I, II, III	1975	1995
Antropologia I e II	1970	1995
Antropologia III e IV	1972	1995
Técnicas e Processos Artísticos	1972	1974
Técnica e Processos Artísticos I, II	1975	1985
Identif. de Motivos e Técnicas Artísticas	1985	1995
Museografia	1974	1975
Museografia I, II, III, IV	1975	1995
Museologia	1974	1974
Museologia Geral	1975	1976
Museologia I, II, III, IV, V	1977	1985
Museologia VI e VII	1978	1985
Museologia I, II, III e IV	1985	1995
Introdução à Teoria Museológica (Museol. I)	1985	1995
Preservação de Bens Culturais I e II	1985	1995

Fonte: Documento produzido pela Profa. Dra. Teresa Scheiner. Arquivo NUMMUS, UNIRIO.

Nessa reforma de 1966 ainda foram criados 4 departamentos vinculados ao Curso de Museus: Departamentos de Técnica de Museus, História do Brasil, História da Arte e Antropologia, além da instituição de um Conselho Departamental que atuaria como órgão consultivo da Coordenação do Curso.

A partir de 1958, como já explicitado (ver Introdução), fica evidenciada a distinção entre Museologia e Museografia durante o III Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, realizado no Rio de Janeiro, onde se formulam as definições de Museologia - como a ciência que estuda a missão e a organização dos museus; e de Museografia - como o conjunto de técnicas relativas à prática museológica. Entretanto, a inserção de conteúdos teóricos sistematizados ocorreria no Curso de Museus apenas a partir do início dos anos 1970, como veremos adiante.

Cabe acrescentar que em 1969 surgiria o segundo curso de Museologia no país, na UFBA-Universidade Federal da Bahia, vinculado ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas daquela universidade¹².

O Bacharelado em Museologia da UFBA seguiu o modelo do primeiro Currículo Mínimo definido pelo Parecer no 971/69 e pela Resolução no 14/1970, do Conselho Federal de Educação (CFE).

O primeiro quadro curricular do curso apontou para a formação de um profissional voltado para atuar em museus cabendo-lhe o estudo e/ou identificação de coleções, com ênfase em tombamentos e inventários institucionais, conservação e montagem de exposições (CURSO DE MUSEOLOGIA - UFBA. Histórico do Curso)¹³.

O Reconhecimento da Profissão

Pontuando o lado profissionalizante dos egressos do Curso de Museus, se estabeleceria em 1963, como um marco para o posterior e tardio reconhecimento da profissão, a ABM - Associação Brasileira de Museologistas. E foi por meio dessa associação que muitos de seus membros como Regina Real (*in memoriam*) primeira a presidir a Associação, Therezinha de Moraes Sarmento (*in memoriam*), Neusa Fernandes, Laís Scuotto (*in memoriam*) e Arnaldo Machado (*in memoriam*) despenderam seus esforços durante mais de vinte anos para que a profissão fosse enfim legalizada através da Lei nº 7.287/84, regulamentada pelo Decreto 91.775 de 15/10/1985¹⁴.

Em entrevista concedida pela Profa. Neuza Fernandes à autora (FERNANDES, 2020), destaca-se o engajamento de todos os presidentes da ABM, através de mais de vinte tentativas sucessivas ao longo dos anos para regulamentar a profissão de

¹² Inicialmente direcionado aos estudos das Ciências Sociais, como História, Filosofia, Sociologia e Antropologia, posteriormente o Curso trouxe a proposta de aproximar o aluno de um contexto baseado na realidade social da Museologia.

¹³ In: <http://www.museologia.ffch.ufba.br/historico-do-curso>. Acesso em 02 mai.2022.

¹⁴ Participaram também dos trabalhos em prol do reconhecimento da profissão, entre muitos outros, os museólogos Léo Fonseca e Silva, Lourenço Luis Lacombe, Auta Rojas Barreto, Marília Duarte Nunes, Maria Mercedes Rosa, Solange Godoy, Fernando Menezes de Moura e Teresa Scheiner.

museólogo, em sua maioria através de ofícios enviados ao Ministério do Trabalho - que sempre negava o pleito, ou engavetava os documentos.

A partir do início da década de 1980 realizou-se uma série de congressos nacionais de museus em diversas cidades brasileiras, idealizados por Neusa Fernandes e Therezinha Sarmiento, que a antecedeu na presidência da ABM. Em 1981, durante o VII Congresso Nacional de Museus no Rio de Janeiro, foi divulgada uma carta elaborada por Neusa Fernandes, Auta Barreto e Fernando Menezes de Moura onde os autores explicavam a importância da profissão de museólogo, enfatizando a necessidade da sua legalização. Essa carta, denominada Carta do Rio de Janeiro, recolheu quase mil assinaturas e foi publicada por vários jornais do país. Diversas cópias foram distribuídas para os participantes dos congressos para serem repassadas adiante, até que uma delas chegou às mãos de Márcio Braga,¹⁵ que se interessou pelo tema e, na sequência, a repassou ao deputado federal Álvaro Valle - que encampou a proposta e elaborou um projeto de lei aprovado no Congresso Nacional por unanimidade (FERNANDES, 2020). Segundo SCHEINER (2022), deve ser destacado também o incessante trabalho de articulação direta com o deputado Álvaro Valle e diversos outros parlamentares em Brasília, realizado pela professora Therezinha Sarmiento e por Laís Scuotto, durante todo o andamento do processo que culminou com a aprovação e promulgação da Lei.

Após a regulamentação foram constituídos legalmente o Conselho Federal de Museologia e os cinco Conselhos Regionais, que atuam supervisionando e fiscalizando o exercício da profissão em 27 estados que abrangem todas as regiões do país; e embora organizados em consonância com a concentração de profissionais existentes à época, na realidade atual essa composição é no mínimo incoerente, uma vez que a 3ª. região responde por apenas um estado, enquanto a 1ª. região é responsável por 13 estados.

Quadro No. 3 – Conselhos Regionais e Estados correspondentes

COREM	ESTADOS ABRANGIDOS
1ª. Região	AL, AM, AP, BA, CE, MA, PA, PE, PB, PI, RN, RR e SE
2ª. Região	RJ, MG e ES
3ª. Região	RS
4ª. Região	AC, DF, GO, MT, MS, SP, RO e TO
5ª. Região	PR e SC

Fonte: página do COFEM na internet

1.3. Anos 1970 - 1990. Reformas curriculares, estrutura acadêmica, matrizes e perfis de ensino.

¹⁵ Ex-presidente do Flamengo, à época com pretensões de se candidatar a um mandato legislativo – o que efetivamente ocorreu.

No decorrer da década de 1970 foram realizadas reformas estruturais no Curso de Museus em busca de adequar o perfil do Curso ao Parecer do Conselho Federal de Educação-CFE nº 971/69, de 5 de dezembro de 1969 e à Resolução CFE nº 14, de 27 de fevereiro de 1970 - que, dentre outras coisas, estabelecia os principais eixos temáticos e normatizava o período mínimo de quatro anos de duração para o Curso de Museologia. Foi a partir daí que se introduziram as disciplinas de Museologia e Museografia no currículo, fortalecendo as diferentes concepções entre teoria e prática. Uma dessas reformas foi realizada em 1974, começando a vigorar no primeiro semestre de 1975, e foi extremamente necessária a fim de adaptar-se à legislação do MEC à época, que exigia uma carga horária mínima de 2.200 horas e implantava o sistema de créditos para contabilizar as horas/aula de cada disciplina. Segundo Sá (2007), as alterações conceituais mais impactantes dessa reforma se deram com as novas denominações de disciplinas, dentre as quais se destaca a barrosiana Técnica de Museus, que se transformaria em várias outras disciplinas dentro do eixo Museologia (teoria) e Museografia (prática); as antigas habilitações para Museus Artísticos e Museus Históricos se desfazem, dando lugar a uma formação geral em Museologia; surge a disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório e são introduzidas disciplinas de Etnologia, Arqueologia, História da Arte, e outras mais, ressaltando assim o caráter multidisciplinar da formação do museólogo. Especificamente na área de Museologia, seriam introduzidas as disciplinas: Museologia I, Museologia II, Museologia III, Museologia IV e Museologia V¹⁶.

Segundo Scheiner, deve-se aqui destacar que essa reforma foi a que verdadeiramente introduziu a teoria museológica no Curso de Museus – e se fez com a criação de disciplinas recomendadas pelo *ICOM Syllabus for the Training of Personnel*, documento produzido pelo Comitê Internacional de Formação Profissional para Museus - ICTOP, criado em 1968 e recomendado pelo ICOM como base para a formulação de estruturas curriculares em Museologia e cursos afins.

Após essa reforma, que deveria seguir todas as regras do MEC, foi necessário um aumento de disciplinas e da duração do Curso: consequentemente as turmas foram triplicadas, o que acarretou uma sobrecarga de aulas por parte dos docentes existentes. Portanto, em 1975 o curso teria início com onze disciplinas e apenas três professoras em seu quadro, a saber: Octávia Corrêa dos Santos Oliveira, Therezinha de Moraes Sarmento e Tereza Scheiner - que havia ingressado recentemente na equipe e ocupou lugar de

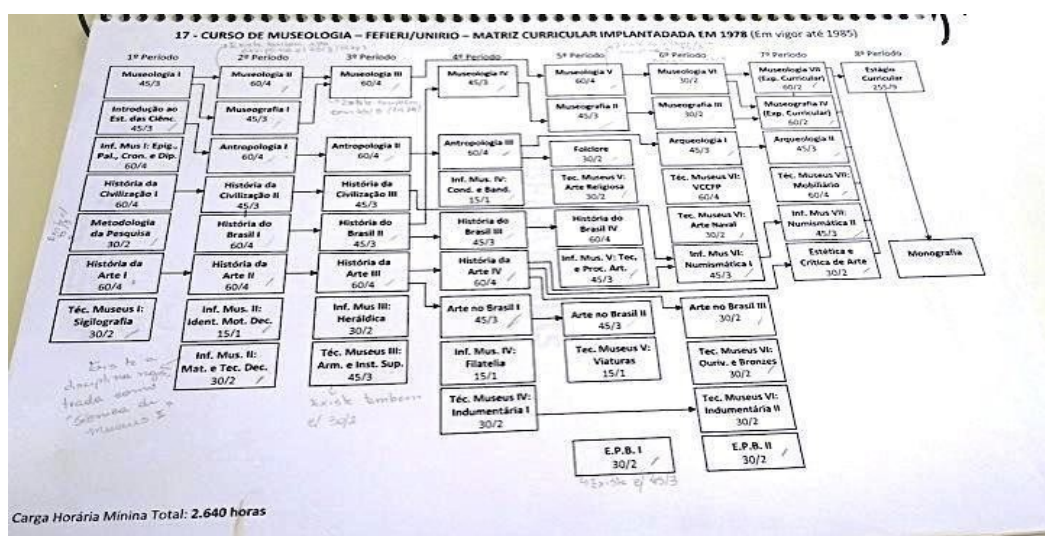
¹⁶ Foram também introduzidas as disciplinas Museografia I, II, III e IV – que complementavam, do ponto de vista metodológico e técnico, os fundamentos ensinados nas ‘museologias’ (SCHEINER, 2022).

destaque neste processo, tendo criado e implementado, a partir de 1973-74, as disciplinas de Museologia e Museografia, que ministrou desde então.

A partir desse momento houve certa dificuldade em se contratar professores (ou auxiliares de ensino, como se chamavam à época os professores substitutos), mesmo com o pequeno quadro de docentes lotados no Curso, situação que se prolongava já há alguns anos e continuou por outros tantos, devido à falta de recursos destinados à Educação - fato que se mantém até os dias atuais (vide o capítulo 2 desta dissertação). Vale enfatizar que o Curso de Museus ainda era ministrado no MHN, onde permaneceria até a filiação à FEFIERJ, em 1977, quando passaria a ocupar salas de aula de uma universidade – o campus Urca da FEFIERJ.

No ano de 1978, o curso realizaria mais uma reforma que se manteria até 1986, sem mudanças substanciais na estrutura curricular que já vinha sendo utilizada desde 1975, apenas com alteração na periodização para a oferta das disciplinas existentes, bem como a inserção da disciplina Introdução à Monografia, ofertada no último período. No ano seguinte, seria criada a UNIRIO, e o prédio onde se localizava o Curso seria estruturado como Centro de Ciências Humanas – CCH da universidade.

Figura 8: Estrutura Curricular de 1978 a 1986¹⁷



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

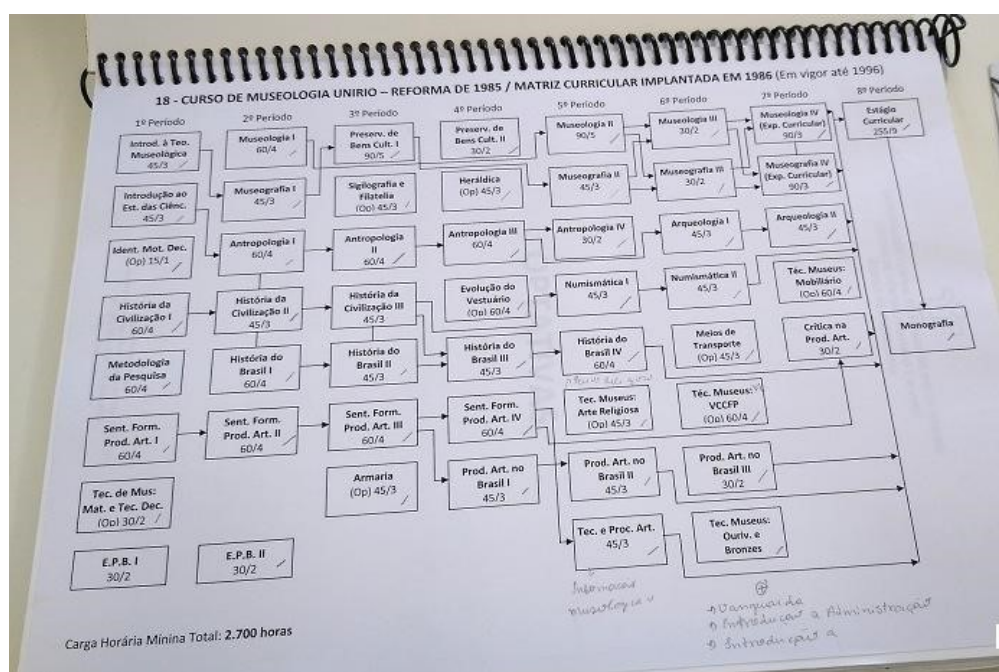
Durante toda a década de 1970 os conceitos de Museu foram se transformando, abordando a interdisciplinaridade da Museologia com profundas reflexões sociais, o que exigiu mudanças de pensamento e de direcionamento seja nas pesquisas ou no campo

¹⁷ Compilação e Organização: Ivan Coelho de Sá, Gustavo Oliveira Tostes e Luana da Conceição Martins

disciplinar, o que sem dúvida teve forte influência da Mesa Redonda de Santiago em 1972, onde surgiu a definição de museu integral. Como destaca Sá:

Essa mudança de termos, Curso de Museus para Curso de Museologia reflete uma complexa transformação filosófica e conceitual que certamente está relacionada também aos influxos da Mesa Redonda de Santiago de 1972 e a todo o seu ideário de museu integral e inclusão social. De uma maneira simplista, podemos dizer que o Curso de Museus se concentrava no estudo das coleções do MHN – identificação, classificação, catalogação, conservação, exposição etc. –, ao passo que o Curso de Museologia passou a enfatizar o estudo das questões da própria Museologia: museu integral, museus e processos de representação, função social, integração com o público etc. Essas questões, discutidas ao longo da década de 1970 no Curso de Museus do MHN, não se arrefecem e seriam a tônica do Curso de Museologia integrado a uma estrutura universitária na transição para a década de 1980 e ao longo dos anos 1990 e 2000. (SÁ, 2014, p. 232-233)

Figura 09: Estrutura Curricular de 1986 a 1996¹⁸



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

1.4. Ensino da Teoria Museológica: implementação e delineamento

A reforma de 1986 foi realizada com o propósito principal de organizar a estrutura departamental no Centro de Ciências Humanas e a criação do Departamento de Estudos e Processos Museológicos-DEPM, que atenderia ao Curso de Museologia. Houve ainda alterações em alguns nomes de disciplinas, cargas horárias e períodos, porém mantendo praticamente a mesma matriz curricular de 1978. Ocorreu, também em 1986, um fato bastante importante para essa pesquisa, que foi a criação de uma disciplina teórica que

¹⁸ Ibid.

permaneceria no currículo do curso até hoje, denominada, à época, Introdução à Teoria Museológica, ministrada pela Profa. Liana Ocampo. A disciplina apresentava alguns conteúdos teóricos, sem, entretanto, substituir os fundamentos teóricos já ensinados nas Museologias I a IV. Mais que uma inovação de conteúdo, o nome da disciplina é que constituía a inovação.

Cabe lembrar que, embora não existisse nos anos 1970 no perfil curricular do Curso uma disciplina formalmente denominada Teoria da Museologia, há que se exaltar os primeiros ensinamentos teóricos sobre o tema, veiculados em 1972 pela Profa. Marília Duarte Nunes e a partir de 1973 pela Profa. Teresa Scheiner, que a partir daí iniciou um longo processo de inclusão de conteúdos teóricos em disciplinas da Graduação e em outros cursos criados no âmbito do CCH/UNIRIO. Um exemplo a ser destacado foi o Curso de Atualização denominado Interação Museu-comunidade pela Educação Ambiental, realizado e ministrado por Scheiner em 1991 (90h/a) e 1992 (180 h/a) - e que introduziu no âmbito da Escola o conceito de Museu-fenômeno, e em suas aulas colocava em evidência a teoria museológica através do estímulo ao conhecimento, destacando o caráter plural do Museu.

No final de 1995, para atender a exigências do MEC, seria iniciado outro projeto de reforma, coordenado pela Profa. Teresa Scheiner, então Diretora da Escola. A reforma, aprovada no segundo semestre de 1996, seria implantada em quatro (04) anos, completando-se a implantação no ano de 2000. Durante todo esse período a Escola trabalhou com duas estruturas curriculares – a antiga e a nova, essa aplicada aos alunos ingressantes a partir de março de 1997.

Figura 10: Exemplo das disciplinas equivalentes-Reforma de 1996¹⁹

QUADRO COMPARATIVO DE DISCIPLINAS									
CURRÍCULO ATUAL					CURRÍCULO NOVO				
DISCIPL. EXISTENTE	CONTEÚDO	C.h.	Créd.	Per.	DISCIPLINA PROPOSTA	CONTEÚDO	C.h.	Créd.	Per.
					Museus no mundo contemporâneo	Abordagem dinâmica das formas contemporâneas de Museu. Estudos de caso	30h	2cr	1o.
Introdução à Teoria Museológica	Introd. aos conceitos de Museologia. Correntes museológicas. Tipologia de museus. Museus no Brasil	60h	4cr	1o.	Introdução à Museologia	Homem, sociedade, memória, patrimônio. Formação de identidades. Produção simbólica e sua apropriação como patrimônio	45h	3cr	2o.
Administração em Museus	Teoria e metodologia da administração e sua aplicabilidade a museus e instituições culturais	30h	2cr	2o.					
Museologia I	Arquitetura e organização espacial em museus -	30h	2cr	2o.	Museologia I	Ideia de Museu na cultura ocidental. Teorias museológicas. Museologia: filosofia ou disciplina científica	45h	3cr	3o.
Museologia II	Educação e Comunicação em Museus	90h	5cr	5o.	Museologia II	Teoria do Objeto. Teorias da percepção. Princípios da Semiologia da Exposição.	60h	4cr	4o.
Museologia III	Semiologia aplicada à interpretação da exposição	30h	2cr	6o.	Museologia III	Museus, educação e ação comunitária. Função social do Museu. Museologia, educação ambiental e desenv. sustentável	45h	3cr	5o.
Museologia IV	Orientação ao desenvolvimento de recursos e sistemas de apoio à exposição curricular	90h	3cr	7o.	Museologia IV	Teorias da Administração aplicadas à Museologia. Planejamento estratégico. Sistemas de qualidade. Marketing cultural. Legislação e pol. cultural brasileira	60h	4cr	7o.

Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

¹⁹ Ibid.

Esta foi uma reforma radical, que introduziu na estrutura curricular da Escola novos paradigmas de pensamento e de ação, a partir de uma proposta integradora. Novos conteúdos teóricos, articulados de forma inovadora, estenderam-se às disciplinas teóricas da Museologia, enfatizando o seu caráter transdisciplinar e uma percepção ampla de Museu (Scheiner, 2022, sessão de orientação)

que sintetiza os saberes de outras áreas do conhecimento, percebe o Museu como espaço de saber, ou seja, como gerador de conhecimentos. Entende também o Museu como fenômeno cultural, constituindo, portanto, um processo. A contínua evolução desta disciplina permite a incorporação permanente do novo, a nível teórico - inexistindo, assim, a polaridade entre “velha” e “nova” museologia. Do ponto de vista filosófico, entende-se o Museu como parte integrante dos sistemas de pensamento de cada sociedade, em cada época, contribuindo para reafirmar valores individuais e coletivos de identidade e de memória (SCHEINER; PANTIGOSO, 1995-1996, p. 3).

O Projeto Pedagógico do Curso-PPC de 1996 criaria a disciplina **Introdução à Museologia**, obrigatória, ministrada no 2º período com carga horária de 45h, equivalente a 3 créditos. A disciplina, que tinha como ministrante o Prof. Mário Chagas, possuía o objetivo de familiarizar o aluno com as relações entre sociedade, memória, patrimônio e museu, analisando o fenômeno Museu como decorrência da percepção de Patrimônio – pois não é possível entender o Museu sem entender, antes, o que seja Patrimônio. Ementa: Homem, sociedade, memória e patrimônio. Importância para a formação de identidades. Patrimônio e herança cultural. Patrimônio Integral: política, legislação e metodologias de trabalho. Museus e patrimônio mundial.

A partir do 3º. período do Curso iniciava-se então o conjunto de disciplinas essencialmente voltadas para a Teoria da Museologia: **Museologia I**, com carga horária 45h, equivalente a 3 créditos. Ementa: A ideia de Museu na cultura ocidental. Museu, Museologia e sistemas de pensamento. Museologia como disciplina científica: objeto, método, posição no sistema das ciências. Organizações ligadas ao estudo e à prática da Museologia, a nível nacional e internacional.

Ressalte-se que a partir de então é incorporada ao Curso, através do programa da disciplina **Museologia I**, a forma de pensar a Museologia como disciplina científica, objeto propagador de intensas discussões e debates entre grupos de teóricos do ICOM e do ICOFOM até hoje. A disciplina era ministrada pela Profa. Teresa Scheiner e contava com um Caderno de Textos teóricos, traduzidos, e que eram lidos e debatidos com os alunos. Seguem abaixo as ementas das demais disciplinas teóricas do Curso em 1996.

- **Museografia I** - 60h/03cr. Disciplina teórico-prática, incluía conteúdos teóricos sobre documentação e era ministrada pela Profa. Diana Farjalla Correia Lima. Ementa: Museus e documentação do patrimônio integral: sistemas de documentação/informação.

Tesaurização. Formação, registro, classificação, catalogação, inventário de coleções. Manipulação de coleções. Inventário ambiental. Ministrada no 3º. período.

- **Museologia II** - 60h/04cr. Ementa: Teoria do Objeto. Teorias da percepção. Princípios básicos da Semiologia aplicados ao Museu. Ministrada no 4º. período pelos professores Diana Farjalla Correia Lima e Anaildo Baraçal.

Ainda no 4º. período, oferecia-se a disciplina **Preservação e Conservação de Bens Culturais** – teórico/prática, a cargo do Prof. Ivan de Sá.

- **Comunicação em Museus I** - 60h/04cr. Ementa: Museus, educação, comunicação. Estudo das metodologias de interpretação do real e sua adequação aos códigos de percepção das sociedades-alvo. Teorias da exposição. Pesquisa temática para exposição curricular. Ministrada no 5º. período pela Profa. Teresa Scheiner. Também contava com dois Cadernos de Textos – um, traduzido para o português, de leitura obrigatória; outro, com textos em outros idiomas, de leitura complementar. No mesmo semestre era oferecida a disciplina **Museografia II** – planejamento e desenvolvimento de exposição curricular, que colocava em prática os conteúdos teóricos ministrados em Comunicação em Museus I.

- **Museologia III** - 60h/04cr. Ementa: Museus, educação e ação comunitária. Estudo da função social do Museu e sua relação com grupos sociais específicos. Museologia, educação ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Ministrada no 6º. período pela Profa. Teresa Scheiner, com metodologia experimental - leitura de textos-base, facilitados aos alunos por meio de 3 Cadernos de Textos e discussão em grupos. Deve-se pontuar que essa disciplina preparava os alunos para as metodologias de aula da pós-graduação.

- **Comunicação em Museus II** - 45h/03cr. Ementa: Metodologia e técnicas de análise de público em museus. Reconhecimento de segmentos de público-alvo. Construção de narrativas segundo as necessidades do público desejado. Ministrada no 6º. período pelo Prof. Mário Chagas.

- **Museologia IV** – 60h/04cr. Disciplina que ministrava conteúdos teóricos da Administração, aplicados à teoria e à prática da Museologia. Ementa: Introdução às teorias da Administração e sua aplicabilidade ao planejamento, criação e administração de Museus e centros culturais. Planejamento estratégico e sistemas de qualidade. Administração da imagem institucional: marketing cultural. Legislação e política patrimonial brasileira. Ética profissional. Ministrada no 7º. período pelo Prof. Antonio Carlos de Carvalho.

Figuras 11, 12, 13, 14 e 15: Grades curriculares do PPC de 1996

Per.	Conceito	Disciplina	C.H.	CR.
1°	Universo, Natureza, Homem			
	Disciplinas Obrigatórias	Ecologia Geral *	60h	03
		Biogeografia	45h	03
		Antropologia I	45h	03
		Metodologia Científica	45h	03
		Introdução à Filosofia	45h	03
		Introdução à Ciência da Informação	60h	04
		Museus no Mundo Contemporâneo	30h	02
		Carga horária	330h	21
	Disciplinas Optativas	Paleontologia *	60h	03
		Paleografia	45h	03
		Carga horária	105h	06
	Disciplina Eletiva	Terminol. e redação técnico- vernacular I*	60h	03
2°	Memória, Sociedade e Produção Cultural			
	Disciplinas Obrigatórias	Epistemologia	45h	03
		História da Civilização I	60h	04
		Sentido e Forma na Prod. Artística I	60h	04
		Arqueologia Geral	45h	03
		Introdução à Museologia	45h	03
		Representação e Análise da Informação	45h	03
		Carga horária	300h	20

3°	Patrimônio e Formação de Identidades			
	Disciplinas Obrigatórias	Antropologia II	45h	03
		História da Civilização II	45h	03
		Sentido e Forma na Prod. Artística II	45h	03
		História do Brasil I	60h	04
		Produção Artística no Brasil I	45h	03
		Museologia I	45h	03
		Museografia I *	60h	03
		Carga horária	345h	22
	Disciplinas Optativas	Arqueologia pré-hispânica e brasileira	45h	03
		Museologia Aplicada a Acervos II	60h	04
		Produção de Bases de Dados e Recuperação da Informação	45h	03
		Carga horária	150h	10
	Disciplinas Eletivas	História e Documentação Literárias	45h	03
		Tecnologias da Informação II... *	60h	03
		Carga horária	105h	06
	*	Disciplina teórico-prática		
	**	Disciplina prática		

4°	Museu, Memória e Patrimônio			
	Disciplinas Obrigatórias	Antropologia III	45h	03
		Sociologia Geral	45h	03
		Sentido e Forma na Prod. Artística III	45h	03
		História do Brasil II	60h	04
		Museologia II	60h	04
		Preservação e Conservação de Bens Culturais *	90h	03
		Carga horária	345h	20
	Disciplinas Optativas	Numismática	60h	04
		Museologia Aplicada a Acervos III	60h	04
		Prática em Museus I (Documentação) **	60h	02
		Carga horária	180h	10
	Disciplinas Eletivas	Princípios Gerais da Aprendizagem	45h	03
		Tecnologias da Informação III... *	60h	03
		Carga horária	105h	06
5°	Museu, Memória e Patrimônio			
	Disciplinas Obrigatórias	História da Civilização III	45h	03
		História do Brasil III	60h	04
		Produção Artística no Brasil III	45h	03
		Arte no Século XX	60h	04
		Comunicação em Museus I	60h	04
		Museografia II *	90h	04
		Carga horária	360h	22

Disciplinas Optativas		Iluminação em Museus	45h	03
		Museologia Aplicada a Acervos IV	60h	04
		Prática em Museus II (Cons./Rest) **	60h	02
		Carga horária	165h	09
Disciplinas Eletivas		Rec. Cenográficos Apl. a Exposições	60h	04
		Fundamentos da Educação Especial	45h	03
		Carga horária	105h	07
6° Museu, Patrimônio, Sociedade: teoria e prática				
Disciplinas Obrigatórias		Antropologia IV	45h	03
		Cultura e Sociedade no Brasil Contemporâneo	30h	02
		Produção Artística no Brasil III	45h	03
		Museologia III	45h	03
		Museografia III *	90h	04
		Comunicação em Museus II	45h	03
		Carga horária	300h	18
Disciplinas Optativas		Museologia Aplicada a Acervos V	60h	04
		Prática em Museus III **	60h	02
		Seminário - estudos contemporâneos	30h	02
		Carga horária	150h	08
Disciplinas Eletivas		Computação gráfica aplic. à Museol. **	30h	01
		Tecnologias da Informação IV ... *	60h	03
		Carga horária	90h	04
* Disciplina teórico-prática				
** Disciplina prática				

7° Museu: teoria e prática				
Disciplinas Obrigatórias		Comunicação em Museus III *	90h	05
		Museografia IV **	90h	03
		Museologia IV	60h	04
		Metodologia da Pesquisa Apl. à Museol. *	60h	03
		Carga horária	300h	15
Disciplinas Optativas		Museologia Aplicada a Acervos VI	45h	03
		Prática em Museus IV **	60h	02
		Museologia e Turismo Cultural	30h	02
		Carga horária	135h	07
Disciplinas Eletivas		Educação à Distância	30h	02
		Estatística Aplicada às Ciências Humanas e Sociais	45h	03
		Carga horária	75h	05
8° Pesquisa Museológica				
Disciplinas Obrigatórias		Estágio Curricular *	255h	09
		Orientação à Monografia	30h	02
		Pesquisa Museológica - Monografia **	90h	03
		Carga horária	375h	14
CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA			2655h	152

Fonte: Arquivo Profa. Teresa Scheiner

Como pode-se observar nas figuras acima, os períodos se orientam pelos marcos referenciais indicados no Projeto de Reforma, onde o 1º período é intitulado Universo, Natureza, Homem; o 2º, Memória, Sociedade e Produção Cultural - e assim por diante. Essa reforma curricular de 1996 foi um divisor de águas no Curso de Museologia da UNIRIO, pois as bases dos programas de disciplinas ali definidos permanecem até hoje, como pode-se observar na figura abaixo; vale ainda ressaltar que nessa reforma foram introduzidas as linhas para pesquisa monográfica (TCC) que mais tarde seriam as mesmas desenvolvidas no PPG-PMUS, sob a forma de Linhas de Pesquisa.

Logo a seguir apresenta-se o Programa da Disciplina Museologia I em vigor a partir de 1998, ministrada pela Profa. Teresa Scheiner. Posteriormente, verifica-se que o programa atual da mesma disciplina, ministrada pelo Prof. Bruno Brulon mudou muito pouco, mesmo após mais de 20 anos, permanecendo com as mesmas bases.

Figuras 16 17, 18 e 19: Programa da Disciplina Museologia I – 1998



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNI-RIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)
ESCOLA DE MUSEOLOGIA

PROGRAMA DE DISCIPLINA

CURSO: Museologia
DEPARTAMENTO: Estudos e Processos Museológicos
DISCIPLINA: Museologia I
CARGA HORÁRIA: 45h
CRÉDITOS: 03

PRÉ-REQUISITOS: -----

CO-REQUISITOS: -----

EMENTA:

Análise do Museu e seus significados. Análise dos processos que levaram ao desenvolvimento da Museologia no mundo, dos primórdios ao contemporâneo. Museu e Museologia: histórico e relações. Estudo comparativo das tendências teóricas da Museologia no mundo contemporâneo. Museologia e sistemas de pensamento. Museologia na América Latina e no Brasil.

OBJETIVOS DA DISCIPLINA:

1. Familiarizar o aluno com as questões teóricas básicas que levam ao conhecimento do Museu e da Museologia
2. Analisar os processos evolutivos do Museu no mundo ocidental, desde a sua gênese ao contemporâneo
3. Enfatizar as relações do Museu com os sistemas de pensamento da sociedade ocidental
4. Abordar as questões em debate na Museologia contemporânea
5. Familiarizar o aluno com a produção teórica da Museologia no mundo

METODOLOGIA

O curso se desenvolverá através de aulas teóricas e da análise e debate de textos de especialistas em teoria museológica, de distintos países, permitindo aos alunos perceber as diferentes linhas de pensamento vinculadas à Teoria Museológica.

PROGRAMA DE DISCIPLINA - CONTINUAÇÃO

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Museu. Origens e desenvolvimento. Influência dos sistemas de pensamento do mundo ocidental. Modelos conceituais de Museu no mundo contemporâneo
2. Museu. Funções. Relação com a Biosfera. Relação com a Sociedade
3. Museu e Museologia
4. Museologia: ciência ou filosofia?
5. Metodologia da Museologia. Relações da Museologia com outros campos do saber
6. Tendências da Museologia no contemporâneo
7. Museologia para a América Latina

BIBLIOGRAFIA:

1. Astudillo, Lucia, Decarolis, Nelly & Scheiner, Tereza C. (organ.) - *Museus, Espaço e Poder na América Latina e no Caribe*. ICOM/ICOFOM LAM. Co-auspícios OEA e Consejo Nacional de Cultura del Ecuador, 1993. 134 p.
2. Bourdieu, Pierre - *A Economia das Trocas Simbólicas*. RJ. **
3. Bergson, Henri - *Matière et Mémoire - Essais sur la Relation du Corps à L'esprit*. Quadrige, Presses Universitaires de France, 1990. 280 p.
4. Blanchot, Maurice - *La Risa de los Dioses*. Madrid, Taurus, 1976. 259 p.
5. Capra, Fritjof - *Sabedoria Incomum*. Conversas com pessoas notáveis. Trad. de Carlos Afonso Malferrari. SP, Cultrix, 1991. 279 p.
6. Cardoso, Sérgio (coord.) - *Os Sentidos da Paixão*. SP, Companhia das Letras, 1989. 508p.
7. Chauí, Marilena - *Convite à Filosofia*. 3a. edição. SP, Brasiliense, 1994. 415 p.
8. Davalon, Jean, Grandmont, Gerald & Schielle, Bernard - *L'environnement entre au Musée*. Collection Museologies. Presses Universitaires de Lyon, 1992. 206 p. ilustr.
9. Detienne, Marcel - *Dioniso a Céu Aberto*. Trad. de Carmen Cavalcanti. RJ, Zahar, 1988. 152 p.
10. Desvallés, André, De Barry, Marie Odile & Wasserman, Françoise (coord.) - *Vagues: une antologie de la Nouvelle Museologie*. Collection Museologia. Editions W, M.N.E.S., 1992 (vol. 1) 529 p. e 1994 (vol. 2), 573 p.
11. Eco, Umberto - *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios*. Trad. de Beatriz Borges. RJ, Nova Fronteira, 1989, 2a. ed. 341 p.

PROGRAMA DE DISCIPLINA - CONTINUAÇÃO

12. *Economuseology - a new term that pays its way*, in: UNESCO, Museum, 172, vol. 63, no.4, 1991: 230-233.
13. Foucault, Michel - *As Palavras e as Coisas*. Trad. de Salma Tannus Muchail. SP, Martins Fontes, 1981.
14. Goffman, Erwin - *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. de Maria Celia Santos Raposo. Antropologia, 8. 2a. edição. Petrópolis, Vozes, 1983. 233 p.
15. Hainard, Jacques, Kaher, Roland & Sabelli, Fabrizio (organ.) - *Les Ancêtres sont Parmi Nous*. Neuchâtel, Musée d' Ethnographie, 1988 117 p. ilustr.
16. Hudson, Kenneth - *Museums of Influence*. Cambridge University Press, GB. 220 p. il.
17. ISS (ICOFOM STUDY SERIES) - Anais dos Encontros Anuais do Comitê Internacional de Museologia do ICOM. ICOM/ICOFOM, Vol. 1 a 16. Editados de 1978 a 1994.
18. Japiassu, Hilton Ferreira - *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. RJ, Francisco Alves, 1991. 202 p. ilustr.
19. Jean, Georges - *Langage de Signes, L'Écriture et son Double*. Découvertes Gallimard, 1989. 207 p. ilustr.
20. Jeudi, Henri Pierre - *Memórias do Social*. Tradução de Marcia Cavalcanti. RJ, Forense Universitária, 1990. 146 p..
21. Jung, Carl G. - *Man and his Symbols*. NY, Doubleday, 1964. 320 p. ilustr.
22. *La Museologie selon Georges Henri Rivière*. Paris, Dunod, Cours de Museologie / Textes et Témoignages, 1989. 402p. il.
23. Merleau-Ponty, Maurice - *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. SP, Martins Fontes, 1991. 392 p.
24. Moles, Abraham - *As Ciências do Impreciso*. Trad. de Gloria de Carvalho Lins. RJ, Civilização Brasileira, 1995. 371 p.
25. Otto, Walter F. - *Dionysos - le mythe et le culte*. Paris, Gallimard, 1992. 249. p.
26. Phillip, Elizabeth - *Histoire et Culture à La Villette: de la nécessité d'exposer l'Histoire*, in: Muséologie et champs Disciplinaires - exposer le savoir, savoir exposer. Actes du Colloque ACFAS 1990, cahier no. 2. Musée de la Civilization. Québec, Canada, 1990. 41-63. *
27. Postman, Neil - *Museum as Dialogue*, in: Museum News, Sept./Oct. 1990: 55-58 *
28. Real, Regina - *O Museu Ideal*. Belo Horizonte, 1958. 50p. il.
29. Retsila, Eurydice A. - *One Future for Museums: take to the Streets!*, in: Museum, UNESCO, 174 (XLIV,2), 1992: 114 -116 *

PROGRAMA DE DISCIPLINA - CONTINUAÇÃO

30. Robinson, Michael H. - *The New Zoo and the Old Adam*, in: Museum News, 73 no. 1, Jan./Feb. 1994: 40-43 *
31. Schaer, Roland - *L'invention des Musées. Découvertes Gallimard, Réunion des Musées Nationaux – Histoire*. Paris, France, 1993, 144p. il.
32. Scheiner, Tereza (coord.) - *Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental: Manual de Apoio a Curso de Extensão Universitária*. Coordenação: T. Scheiner. RJ, Tacnet, 1991. 200 p. il. *
33. Varine, Hughes de - *L'initiative Communautaire - recherche et experimentation*. Collection Museologia. Editions W, M.N.E.S. 1991. 265 P.
34. _____. - *O Tempo Social*. Trad. de Fernanda de Camargo-Moro e Lourdes Rego Novaes. Coleção Eleutherias. RJ, Eça Editora, 1987. 207 p.
35. Vernant, Jean Pierre - *Morte nos Olhos: figuração do Outro na Grécia Antiga*. RJ, Zahar, 1988.
36. Viel, Annette & De Guise, Celine (organ.) - *Museo-Sédution. Museo-Reflection*. Musée de la Civilization et Service des parcs et de l'environnement du Canada. Quebec, 1992. 197 p.
37. Volkert, James W. - *Monologue to Dialogue*, in: Museum News, 70:2 (46-48)*, 1991
38. Williams, Raymond - *Cultura*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. SP, Paz e Terra, 1992. 239 p.

OBS:

A cada semestre, será dada aos alunos uma seleção de textos auxiliares, para leitura, análise e debate.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1998

Assinatura do Titular ou Professor Responsável:

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

Abaixo revela-se o programa de 2007.1 da disciplina Museologia III, ministrada semestralmente com esse formato e conteúdo, desde 1999, pela Profa. Teresa Scheiner, seguido do seu do Plano de Aulas. O programa chama a atenção pela extensa lista de bibliografia recomendada, além dos três cadernos de textos da bibliografia básica distribuídos pela docente aos alunos, cujos sumários seguem em seguida.

Figuras 20, 21, 22 e 23: Programa da Disciplina Museologia III –2007



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas – CCH
Escola de Museologia
Departamento de Estudos e Processos Museológicos

PROGRAMA DE DISCIPLINA

CURSO: MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO: ESTUDOS E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS
DISCIPLINA: MUSEOLOGIA 03
CARGA HORÁRIA: 45 horas
CRÉDITOS: 03

PRÉ-REQUISITOS: -----

CO-REQUISITOS: -----

EMENTA:

Museus, educação e ação comunitária. Estudo da função social do Museu e sua relação com grupos sociais específicos. Museologia, educação ambiental e Desenvolvimento Sustentável

OBJETIVOS DA DISCIPLINA:

1. Abordar aspectos teóricos da Museologia que levem à compreensão da função social do Museu e do papel do Museu na construção de sociedades democráticas - onde a relação Homem/cultura/natureza se faça de modo aberto e plural;
2. Analisar a prática museológica do ponto de vista holista, onde educação e ação comunitária são veículos para a realização da função social do Museu;
3. Analisar a teoria e a prática da Museologia no universo da educação ambiental, com ênfase no desenho de programas de desenvolvimento sustentável.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

UE 01 - MUSEU E SOCIEDADE

*Museu Interior. Museu social. Museu integral.
Função social do Museu.
Relação do museus com grupos sociais específicos
Dimensão ética e política do Museu
Museu e Poder. Museologia, sociedades e pluralismo cultural
Museologia, sociedade, identidade
- a questão do gênero
- a questão das minorias (museologia e exclusão)
- por uma identidade latino-americana
O MINOM e a Nova Museologia
O papel do ICOM no estudo e na definição de políticas sociais para o Museu*

UE 02 - MUSEOLOGIA E AÇÃO COMUNITÁRIA

*A dinâmica social x dinâmica museológica
Metodologias de adaptação do Museu para ação comunitária
Estudos de Caso*

PROGRAMA DE DISCIPLINA - CONTINUAÇÃO

UE 03 - MUSEOLOGIA, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Mundialização, globalização, planetarização - novos paradigmas
O paradigma holista e a nova ética museológica
Educando para o Museu Integral.
Homem / cultura / natureza: museologia e roteiros ambientais
Museu e Educação Ambiental: teoria e metodologias de trabalho
A IUCN / CEC; o WWF; os organismos da UNESCO
Museologia e políticas mundiais
Os caminhos do desenvolvimento: museologia e desenvolvimento sustentável
Casos de estudo

BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia básica da disciplina é facultada aos alunos por meio de 03 (três) Cadernos de Textos, de leitura obrigatória.

Outras indicações bibliográficas (leitura recomendada)

UE - 01 e 02

1. AASLH. **The Popular Perception of Industrial History.** Essays from the Lowell Conference on Industrial History, 1985. Ed. by Robert Weible and Francis R. Walsh. AASLH, Maryland: University Publishing Associates, 1989. 256 p.
2. ASTUDILLO, Lucia, DECAROLIS, Nelly & SCHEINER, Tereza C. (org.). **Museus, Espaço e Poder na América Latina e no Caribe.** Cuenca, Equador: ICOMCOFOM LAM, 1993. Co-auspícios OEA e Consejo Nacional de Cultura del Ecuador. 134 p.
3. AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
4. BALLANDIER, Georges. **O Poder em Cena.** Trad. de Luis Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1982. 78p.
5. BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Trad. Marcus Penchel. RJ: Zahar., 1999. 145 p.
6. BO, João Batista Lanari. **Proteção do Patrimônio na UNESCO: ações e significados.** Brasília: UNESCO, 2003. 186 p.
7. BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social.** SP: Ateliê Editorial, 2003. 219 p. Il.
8. CAPRA, Fritjof. **Sabedoria Incomum: conversas com pessoas notáveis.** Trad. de Carlos Afonso Malferrari. SP: Cultrix, 1991. 279 p.
9. CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. 453 p. Il.
10. DAVALON, Jean, GRANDMONT, Gerald & SCHIELLE, Bernard. **L'environnement entre au Musée.** Collection Muséologies. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992. 206 p. Il.
11. DEBARY, Octave. **La fin du Creusot – ou: l'art d'accommoder les restes.** Paris: Éditions du C.T.H.S., 2002. 289 p.
12. DESVALLES, André, DE BARRY, Marie Odile e WASSERMAN, Françoise (coord.). **Vagues: une antologie de la Nouvelle Muséologie.** Collection Museologia. Éditions W, M.N.E.S., 1992 (vol. 1). 529 p. e 1994 (vol. 2). 573 p.
13. DE VARINE, Hughes. **L'initiative Communautaire: recherche et experimentation.** Collection Museologia. Éditions W, M.N.E.S. 1991. 265 P.
14. _____. **O Tempo Social.** Trad. de Fernanda de Camargo-Moro e Lourdes Rego Novaes. Coleção Eleutherias. RJ: Eça Editora, 1987. 207 p.
15. DREIFUSS, René Armand. **A Época das Perplexidades: mundialização, globalização, planetarização - novos desafios.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 350 p.
16. ELIAS, Norberto. **A Sociedade dos Indivíduos.** Trad. de Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 1994. 201 p.
17. ÉVRARD, Michel. **L'écomusé: saisie de la durée, expression transitoire de l'identité.** Le Breuil, France. ICOM, ICOM.
18. FISHER, Gustave-Nicolas. **Les Domaines de la Psychologie Sociale: le champ du social.** Paris: Bordas, 1990. 278 p. Il.
19. GALLA, Amareswar. **Issues for Museums in Post-colonial Societies.** Paper for circulation to members of Asia-Pacific Organization. ICOM/ICTOP, XVIIth General Conference of Museums, Quebec, Canada, sept. 19-26, 1992. 10 p.
20. GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade.** Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. 385 p. Il.
21. GJESTRUM, John Aage & MAURE, Marc. **Økomuseumsboka.** Identitet, økologi, deltakelse. ICOM, Tromsø Museum. 1988. 192 p. Il.

PROGRAMA DE DISCIPLINA - CONTINUAÇÃO

22. GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. RJ: Editora 34, 1993. 203 p.
23. HAINARD, Jacques, KAHER, Roland & SABELLI, Fabrizio (organ.). **Les Ancêtres sont Parmi Nous**. Neuchâtel: Musée d'Ethnographie, 1988. 117 p. il.
24. HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. RJ: DP&A, 1997. 111p.
25. HEIN, Hilde. **The Exploratorium**. The Museum as laboratory. Washington, D. C.: Smithsonian Institution Press, 1990. 256 p. il.
26. **ICOM/ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES**. Anais dos Encontros Anuais do Comitê Internacional de Museologia do ICOM. ICOM/ICOFOM, vols. 1 a 20. Vol. 1-19 ed. por Vinos Sofka. Vol. 20 and reprint by Martin R. Schärer. 1978 / 1995.
27. _____. **Museum and Community I**. ISS no. 24. Symposium Museum and Community. Beijing, China: ICOM/ICOFOM, September 1994. 124 p.
28. _____. **Museum and Community II**. ISS no. 25. Symposium Museum and Community. Stavanger, Norway: ICOM/ICOFOM, July 1995. 217 p.
29. ICOM/ICOFOM. **ICOFOM LAM. Museus, Memória e Patrimônio na América Latina e no Caribe**. Coord: Teresa Scheiner. VI Encontro Regional do ICOFOM LAM. Cuenca, 29 nov. / 03 dez. 1997. 200 p. Pré-ed.
30. _____. **Museus, Museologia e Diversidade Cultural na América Latina e no Caribe**. Coord: Decarolis, Nelly & Scheiner, Teresa. VII Encontro Regional do ICOFOM LAM. 13-20 Junho 1998. México. Pré-ed. 160 p.
31. JEUDI, Henri Pierre. **Memórias do Social**. Tradução de Márcia Cavalcanti. RJ: Forense Universitária, 1990. 146 p.
32. LAISSUS, Yves. **Le Muséum National d'Histoire Naturelle**. Mémoires des Lieux. Paris: Découvertes Gallimard, 1995. 144 p. il.
33. MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Trad. de Francisco Franco Settineri. Porto Alegre: RJ, 1995. 168 p.
34. MAURE, Marc. **La Nouvelle Muséologie: qu'est ce c'est?** Stavanger, Norvège. ICOM, ICOFOM.
35. MOLES, Abraham. **As Ciências do Impreciso**. Trad. de Glória de Carvalho Lins. RJ: Civilização Brasileira, 1995. 371 p.
36. MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Participação de Marcos Terena. Organ. e Trad. Paula Yone Stroh. RJ: Garamond, 2000. 76 p.
37. MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1995. 189 p.
38. NAMER, Gérard. **Mémoire et Société**. Col. Sociétés. Paris: Méridien Klincksieck, 1987.
39. SANTAELLA, Lucia & NOTH, Wilfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. RJ: Iluminuras, 1998. 224 p.
40. SCHEINER, Tereza Cristina (org.). **Interação Museu-comunidade pela Educação Ambiental**. Manual de Curso de Extensão. RJ: Tacnet Cultural, 1991. 200 p. il.
41. _____. **Museum Ethics and the Environment: in search of a common virtue**. In: **Museum Ethics**. Ed. by Gary Edson. London: Routledge, 1997. p. 176-178.
42. _____. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**. Museu: gênese, idéia e representações na sociedade ocidental. Dissertação de Mestrado apresentada à UFRJ/ECO. RJ, nov. 1998. 205 p. il.
43. SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura**. A comunicação e seus produtos. RJ: Vozes, 1996. 180 p.
44. TAVARES D'AMARAL, Márcio (org.). **Contemporaneidade e Novas Tecnologias**: comunicação e sistemas de pensamento. Seminários de Pesquisa, IDEAVECO/UFRJ. RJ: Sette Letras, 1996. 165 p.
45. VIEL, Annette & De Guise, Celine (organ.). **Museo-Sédution. Museo-Reflection**. Quebec: Musée de la Civilization et Service des parcs et de l'environnement du Canada, 1992. 197 p.
46. WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. SP: Paz e Terra, 1992. 239 p.

UE - 03

1. ALHO, Cleber J. **Ciência no museu**, in: SBPC. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro, 13 (73): 40-46, 19912.
2. ALMEIDA, Gilberto S.S. **Visão ecológica e participação efetiva da transformação social**, in: FBCN. **Boletim**, Rio de Janeiro, 17: 10 1-4, 1982.
3. ARGENTINA. Ministerio de Salud Publica y Medio Ambiente. Subsecretaria de Medio Ambiente. **Educación y Medio Ambiente**. Buenos Aires, Belgrano, 1981.
4. BRANDÃO, Carlos R. **O que é Educação**. 18.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos 20)
5. CAPRA, Fritjof. **Sabedoria Incomum**. São Paulo, Cultrix, 1988.
6. CASTRI, Francesco di. **The Humam Touch**. in: UNESCO, **Correio**, 8 (7): 20-24, july 1980.
7. CIMA. **Subsídios Técnicos para Elaboração do Relatório Nacional do Brasil para o CNUMAD**. Brasília, Imprensa Nacional, 1991.
8. CETESB. **Educação e Participação**. Material de apoio à Educação Ambiental. São Paulo, CETESB, 1986.
9. FBCN. **Boletim**. Rio de Janeiro 4 (1), jan./mar., 1980.
10. FRANCO, Roberto M. **Ecologia e desenvolvimento**. in: FBCN. **Boletim**. Rio de Janeiro, 17: 51-61, 1982.
11. FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 16.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
12. _____. **Educação e Mudança**. 10.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
13. GUALDA, Regina E.C. **Notas sobre o estado da educação ambiental no Brasil**. in: Reunião de especialistas em educação ambiental. México, PNUMA, 1984.
14. GONÇALVES, Dalva R.P. **Educação ambiental; garantia de vida**. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Niterói, UFF, 1984. Original datilografado.
15. GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 2.ed. Campinas, Papirus, 1990.
16. HAY, John. **In Defense of Nature**. New York, Viking Press, 1970. 210 p.

PROGRAMA DE DISCIPLINA - CONTINUAÇÃO

17. ICOFOM. *Museology and Development: help or manipulation?* ICOFOM Study Series nº 14 e 15. Hyderabad, India, nov. 1988.
18. _____. *Museology and the Environment*. ICOFOM Study Series nº 17. Mfwe, Zambia, out. 1990.
19. KEIM, E.J. **Educação Ambiental como Culminância da Pedagogia Vivencial e Integrada**. Petrópolis, 1988. Original datilografado.
20. ALHO, Cleber J. *Ciência no museu*, in: SBPC. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, 13 (73) : 40-46, 19912.
21. ALMEIDA, Gilberto S.S. *Visão ecológica e participação efetiva da transformação social*, in: FBCN. *Boletim*, Rio de Janeiro, 17: 10 1-4, 1982.
22. ARGENTINA. Ministerio de Salud Publica y Medio Ambiente. Subsecretaria de Medio Ambiente. **Educación y Medio Ambiente**. Buenos Aires, Belgrano, 1981.
23. BRANDÃO, Carlos R. **O que é Educação**. 18.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos 20)
24. CAPRA, Fritjof. **Sabedoria Incomum**. São Paulo, Cultrix, 1988.
25. CASTRI, Francesco di. *The Humam Touch*. in: UNESCO, *Correio*, 8 (7) : 20-24, July 1980.
26. CIMA. *Subsídios Técnicos para Elaboração do Relatório Nacional do Brasil para o CNUMAD*. Brasília, Imprensa Nacional, 1991.
27. CETESB. **Educação e Participação**. Material de apoio à Educação Ambiental. São Paulo, CETESB, 1986.
28. FBCN. *Boletim*. Rio de Janeiro 4 (1), jan./mar., 1980.
29. FRANCO, Roberto M. **Ecologia e desenvolvimento**. in: FBCN. *Boletim*. Rio de Janeiro, 17: 51-61, 1982.
30. FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 16.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
31. _____. **Educação e Mudança**. 10.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
32. GUALDA, Regina E.C. *Notas sobre o estado da educação ambiental no Brasil*. in: Reunião de especialistas em educação ambiental. México, PNUMA, 1984.
33. GONÇALVES, Dalva R.P. **Educação ambiental; garantia de vida**. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Niterói, UFF, 1984. Original datilografado.
34. GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 2.ed. Campinas, Papirus, 1990.
35. HAY, John. **In Defense of Nature**. New York, Viking Press, 1970. 210 p.
36. ICOFOM. *Museology and Development: help or manipulation?* ICOFOM Study Series nº 14 e 15. Hyderabad, India, nov. 1988.
37. _____. *Museology and the Environment*. ICOFOM Study Series nº 17. Mfwe, Zambia, out. 1990.
38. KEIM, E.J. **Educação Ambiental como Culminância da Pedagogia Vivencial e Integrada**. Petrópolis, 1988. Original datilografado.
39. LIEBERMAN, Grace M. et al. **Métodos de educación ambiental**. Washington, RARE, 1984.
40. **MANUAL of Outdoor Interpretation**. New York, National Audubon Society, 1968. p.19-25.
41. MELLO FILHO, Luis Emygdio de. *Uso do Solo e Qualidade de Vida*, in: FBCN. *Boletim*. Rio de Janeiro, 15 : 26-35, 1980.
42. MIRANDA, Maria T.P. *Educação ambiental - uma análise, uma proposta*. Trabalho realizado para o II Curso de Especialização em Educação Ambiental, no período de setembro a dezembro de 1987, na SEMA/UnB. Rio de Janeiro, 1988. Original datilografado.
43. MULLER, Amaldo C. *A interpretação da Natureza como Instrumento da Educação Ambiental no Lazer*, in: Seminário sobre o lazer. Curitiba, 1974.
44. NATIONAL Park Foundation. **Adventure in Environment**. USA, Silver Burdett Company, 1971.
45. OEA. **Alternativas de Educación para Grupos Culturalmente Diferenciados**. USA, OEA, 1985. t.III. (Museos y Educación)
46. PÁDUA, José A. *Natureza e Projeto Nacional*, in: IUPERJ. *Estudos*. Rio de Janeiro, n.54, 1986.
47. PALASSO JR., José T. *Por uma Verdadeira Ética Biológica*, in: FBCN. *Boletim*. Rio de Janeiro, 16 : 133-5, 1981.
48. SCHEINER, Teresa. *Sobre Turismo e Visitação em Parque Nacionais*. In: *Ciências Humanas*, 111 (10) : 12-20, jul./set. 1979.
49. _____. *O Uso Educativo da Paisagem: educação ambiental e interpretação da natureza*. In: FBCN. *Boletim*, 19 : 180-191, 1984.
50. SEMA. *Coordenadoria de Comunicação Social e Educação Ambiental*. Brasília, 1985.
51. STILES, Norma & Wilcox. **Grover and the Everything in th Wide World Museum**. New York, Random House Inc., 1974.
52. TANNER, R.Thomas. **Educação ambiental**. São Paulo: Summus; EDUSP, 1978.
53. TERRADAS, Jaume A. *Ecologie. Environnement. Education*. in: ICOFOM, Simpósio "Museum. Territory. Society". London, 1983 : 8-14.
54. UNESCO. *Correio*. 8 (7), jul., 1980.
55. UNITED STATES. Department of the Interior. Bureau of Outdoor Recreation. **Federal Focal Point in Outdoor Recreation**. Washington, D.C., 1968.
56. _____. National Park Service. Office of Environmental Interpretation. **Áreas Nacionales de Estudio Ambiental: una guía**. Washington, 1972.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2007

Assinatura do Titular ou Professor Responsável:

Tereza Cristina Scheiner

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

Figuras 24 e 25: Planos de Aula Museologia III-Teresa Scheiner – 2007



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas – CCH
Escola de Museologia
Departamento de Estudos e Processos Museológicos

DISCIPLINA: MUSEOLOGIA 03
RESPONSÁVEL: TEREZA SCHEINER
PROFESSOR MINISTRANTE: TEREZA SCHEINER
CARGA HORÁRIA: 45 HORAS
CRÉDITOS: 03

PLANO DE AULAS – 2007/1

MARÇO

Dia	Atividades	Mét./Téc.	Tempo
	Apresentação. Programa. Bibliografia. Plano de curso. Metodologia de trabalho da disciplina	Debato informal	50m
	UE-01 - MUSEU E SOCIEDADE		
14	1.1 - Museologia e memória. Memória individual x memória coletiva. Memória social. Museu Interior, museu social, museu integral Leitura em sala de aula – textos 01 e 02 Para casa – Resenha textos 01 e 02 – todos Leitura e resenha dos textos no. 03 a 05 – G 01 e 06 a 09 – G02	Aula teórica. Orientação à metodologia de trabalho. Trabalho em grupos	200m
	1.2 - Dimensão ética e política do Museu. Museu e Poder		
21	Apresentação dos textos 03 a 09 - debates Para casa – leitura dos textos 10 a 13 – G04 e 14 a 17 – G03	Dinâmica de grupo	250m
28	1.3 - Função social do Museu. Relação com grupos sociais específicos. Museologia, sociedade, identidade 1.4 - Museologia, sociedade e pluralismo cultural Apresentação dos textos 10 a 17 - debates Para casa – leitura e resenha dos textos 18 a 21 – G05 e 22 a 26 – G06	Dinâmica de grupo	250m

ABRIL

Dia	Atividades	Mét./Téc.	Tempo
	1.5 - O papel do Icom no estudo e na definição de políticas culturais		
04	Apresentação dos textos 18 a 26 - debates Para casa – leitura e resenha dos textos 27 a 30 – G08 e 31 a 34 – G07	Dinâmica de grupo	250m
11	Apresentação dos textos 27 a 34 - debates Para casa – leitura e resenha dos textos 35 a 48 – Cad. 02 35 A 38 – G01 / 39 a 42 – G02 / 43 a 45 – G03 / 46 a 48 – G05	Dinâmica de grupo	250m
	UE-02 - MUSEOLOGIA E AÇÃO COMUNITÁRIA		
18	2.1 - Metodologias de adaptação do Museu para ação comunitária – estudos de caso Dinâmica social e dinâmica museológica Apresentação dos textos 35 a 48 Para casa – leitura e resenha dos textos 01 a 04 - Caderno 03 – G04 e 05 a 08a – G06	Dinâmica de grupo	250m
	A produção até este ponto valerá para a 1ª. aferição		
25	Curso na pós-graduação (não haverá aula da Graduação)		

MAIO

Dia	Atividades	Mét./Téc.	Tempo
02	Curso na pós-graduação (não haverá aula na Graduação)		
	UE-03 - MUSEOLOGIA, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL		
09	3.1 - Mundialização, pluralização, planetarização - novos paradigmas Apresentação dos textos 01 a 08a Para casa – leitura e resenha dos textos 09 a 12 – G07 e 13 a 17 – G08	Dinâmica de grupo	250m
16	3.2 Homem / cultura / natureza: museologia e roteiros ambientais. Educando para o Museu Integral. Museu e Educação Ambiental: teoria e metodologias de trabalho Apresentação dos textos 09 a 17 Para casa – leitura e resenha dos textos 18 a 33 (cada grupo apresentará 2 textos)	Dinâmica de grupo Bruno – até texto 23	250m
23	3.3 - Os caminhos do desenvolvimento: museologia e desenvolvimento sustentável. A IUCN / CEC; o WWF; os organismos da UNESCO Museologia e políticas mundiais - Casos de estudo Apresentação dos textos 18 a 33	Bruno – até texto 24 e 25 e outros textos até 33	250m
30	Apresentação dos textos 26 a 33		

JUNHO

Dia	Atividades	Mét./Téc.	Tempo
06	Segunda aferição – entrega de trabalho / seminário final		
13	Prova final – para os alunos que não tiverem obtido média 7,0		

Obs:

1. A disciplina Museologia 03 será oferecida na sua carga horária total – 45h, com 09 aulas de 05 tempos. Solicito especial atenção para o fato, pois cada dia de ausência corresponderá a 05 faltas. Máximo de faltas permitido na disciplina – 09 faltas

2. Solicito também que fiquem atentos ao calendário da disciplina, pois podem ocorrer mudanças ao longo do semestre.

Rio de Janeiro, 10 de março de 2007

Tereza Cristina Scheiner
Prof. Responsável / Ministrante

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

Figura 26: Capa do Caderno de Textos-Museologia III – 2005

UNIRIO / CCH
ESCOLA DE MUSEOLOGIA



CADERNO DE TEXTOS / 2

MUSEOLOGIA 03

MUSEOLOGIA, SOCIEDADE, PATRIMÔNIO
E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

PROF^a. TEREZA SCHEINER
2005

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

Figura 27: Sumário do Caderno de Textos-Museologia III UE 01– 2005

SUMÁRIO

UE 01 - MUSEU E SOCIEDADE

Texto	Pág.
Museologia e Memória. Memória Individual. Memória Social. Museu Interior. Museu social. Museu integral.	
1 <i>Memória e Museu - T. Scheiner</i>	1
2 <i>A Substância Social da Memória – Ecléia Bosi</i>	10
3 <i>Museu: Termos e Conceitos – T. Scheiner</i>	24
4 <i>Recomendação sobre os meios mais eficazes para tornar os museus acessíveis a todos, aprovada pela Conferência Geral em sua 11ª Reunião, Paris, 4.12.1960</i>	27
5 <i>Princípios de base do Museu Integral - Declaração de Santiago</i>	30
Dimensão ética e política do Museu. Museu e Poder	
6 <i>Memória, Espaço, Tempo e Poder - M. Bellaigue</i>	35
7 <i>Museu e Ideologia - Alfonso M. Echeverría</i>	39
8 <i>Ideologia, atuação museológica e desenvolvimento - Regina Márcia Tavares</i>	47
9 <i>Museus, Espaço e Poder na América Latina - Nelly Decarolis</i>	50
10 <i>Sociedade, cultura, patrimônio e museus num país chamado Brasil - T. Scheiner</i>	54
Função social do Museu. Relação com grupos sociais específicos. A Nova Museologia. Museologia, sociedade, identidade: gênero / minorias (museologia e exclusão). Por uma identidade latino-americana.	
11 <i>As origens da noção de Ecomuseu - Jean Clair</i>	66
12 <i>Declaração do Quebec - princípios de base de uma nova Museologia</i>	69
13 <i>O Ecomuseu. Captura da Duração, expressão transitória da identidade - Marcel Évrard</i>	71
14 <i>Definição evolutiva de Ecomuseu - Georges Henri Rivière</i>	74
15 <i>Ecomuseus e Arqueologia Industrial - Mathilde Bellaigue</i>	75
16 <i>A nova Museologia - o que é? - Marc Maure</i>	77
17 <i>Repensando o conceito de Museu - Hughes de Varine</i>	82
18 <i>O Tempo Social - Hughes de Varine</i>	87
19 <i>Conclusões do I Encontro Regional do ICOFOM LAM (1992)</i>	92
20 <i>Museus, Identidades e Minorias culturais - André Desvallés</i>	95
21 <i>História e Idéias da Nova Museologia - César Lopes</i>	99
22 <i>Museologia, estruturas territoriais e desenvolvimento - Fernando João Moreira</i>	103
23 <i>Ecomuseu do Seixal – Museologia Participativa – Antonio Nabais</i>	108
Museologia, sociedades e pluralismo cultural	
24 <i>Museologia, globalismo e diversidade cultural - T. Scheiner</i>	116
25 <i>Museus, museologia e diversidade cultural: uma complexa tríade</i>	129
26 <i>Museologia e a responsabilidade política e social dos museus - Vinos Sofka</i>	133
27 <i>Museos, cultura y desarrollo - III Encuentro Nacional de Museos, Perú</i>	135
O papel do ICOM e do MINOM no estudo e na definição de políticas sociais para o Museu	
28 <i>O Icofom, a Nova Museologia e o MINON</i>	137
29 <i>O ICOFOM LAM</i>	140
30 <i>Declaração de Caracas</i>	145
31 <i>Conclusões do II ICOFOM LAM (1993)</i>	152
32 <i>Programa Trienal do ICOM 1995-1998 - Plano Estratégico do ICOM 1995-2004</i>	156
33 <i>Programa Trienal do ICOM 1999-2001</i>	158
34 <i>Plano Estratégico do ICOM 2001-2007</i>	165

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

Figura 28: Sumário do Caderno de Textos-Museologia III UE 02 – 2005

UE 02 - MUSEOLOGIA E AÇÃO COMUNITÁRIA

2.1 - Metodologias de adaptação do Museu para ação comunitária

Museu e Sociedade na visão de Paule Doucet - T. Scheiner – 35

Museu e Participação das Populações - Clara Camacho – 36

Museologia e Desenvolvimento - Fernando João Moreira – 37

Criar seu museu - uma experiência comunitária - Yolanda R García – 38

2.2 - Estudos de Caso

Memória e Cotidiano: uma proposta de educação cooperativa através da Museologia – Angela Sperb & Eloisa Ramos – 39

Museu, Memória e Identidade Cultural - Vila São Domingo Soriano: berço da integração regional – Maria Teresa B. Perez – 40

El Museo Comunitario en Santa Lucía - Gisela Reyes Venegas – 41

As Origens do Ecomuseu de Santa Cruz - Sinvaldo Nascimento – 42

2.3 - A dinâmica social x dinâmica museológica

Museologia, educação e ação comunitária - Tereza Scheiner – 43

Síntesis de la Declaración de Xochimilco – 44

Carta de Coro – 45

De Déclarations en Déclarations - Pierre Mayrand – 46

Museologia e Economia - Mário Moutinho – 47

De la Museología institucional a la museología del pueblo - Raúl Lugo – 48

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

Figura 29: Sumário do Caderno de Textos-Museologia III UE 03 – 1998

UE 03 - MUSEOLOGIA, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

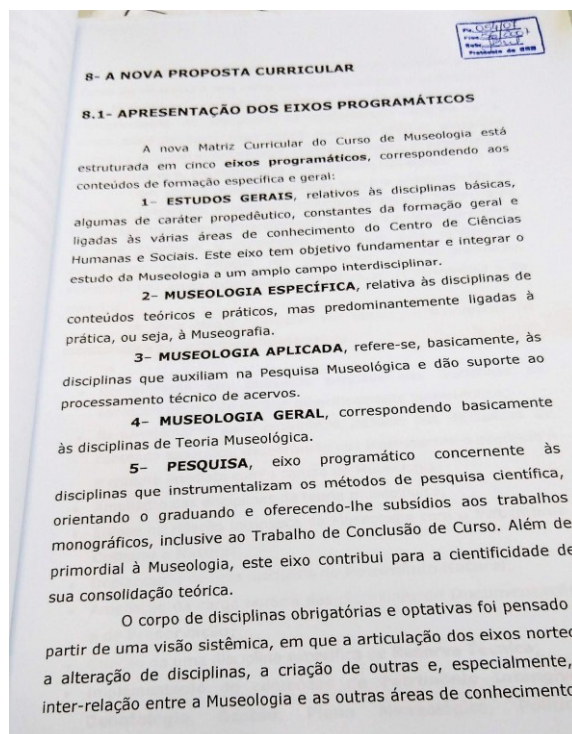
- 3.1 - Mundialização, globalização, planetarização - novos paradigmas.**
O paradigma holista e a nova ética museológica
Intercâmbios culturais e globalização - Muniz Sodré (1)
Do patrimônio verde às mídias: o papel dos museus - Jean Davallon et al (2)
Eventos relacionados ao meio ambiente integral
Museus e Patrimônio Natural - Tereza Scheiner (3)
Museos, sociedad y medio ambiente - ICOFOM LAM - 1992 - Comisión 01:
Los museos y el medio ambiente - Don Mc Michael (4a)
Los museos de historia cultural y la ecología: una integración necesaria - Bo Nilsson y Bengt Rosen (4b)
Observações sobre a relação entre Museologia e Meio Ambiente - André Desvallés (4c)
Extensão cultural e pedagogia do desenvolvimento - Norma Rusconi (5)
Novos cenários culturais da Museologia no contexto da mundialização - Isabel Barros (6)
Museologia, Identidades, desenvolvimento sustentável - Tereza Scheiner (7)
- 3.2 - Homem / cultura / natureza: museologia e roteiros ambientais.**
Educando para o Museu Integral.
Museu e Educação Ambiental: teoria e metodologias de trabalho
Educação Ambiental - Tereza Scheiner e Rita Mattos (8)
Museus e Educação Ambiental - Tereza Scheiner (8a)
Ed. Ambiental na Reserva Biológica de Poço das Antas - Denise Rambaldi (9)
Ed. Ambiental entre o Céu o céu e a terra - Márcio Campos (10)
Biodiversidad y Sociedad - Martí Boada (11)
O papel do Museólogo nos Parques Nacionais - Alceo Magnanini (12)
Sur le rapport entre Muséologie et environnement - André Desvallés (13)
Museus e o papel do Meio Ambiente - Gary Edson (14)
- 3.3 - Os caminhos do desenvolvimento: museologia e desenvolvimento sustentável. A IUCN / CEC; o WWF; os organismos da UNESCO**
Museologia e políticas mundiais - Casos de estudo
Agenda Mundial para o Cambio Global - ONU (15)
Sustainable Development - from concept to action - The Hague Report (16)
Museus e desenvolvimento - ICOM
The message of the Earth Summit 92 - Vinos Sofka (17)
I Encontro Regional do ICOFOM LAM - conclusões e recomendações (18)
Los Museos y la comunidad sostenible (19)
Estratégia e Plano de Trabalho da CEC (20)
A Carta da Terra (Earth Charter) (21)
Meio Ambiente 99 (22)
Conclusões do I Congresso Latinoam. sobre Conservação, Identidade e Desenvolvimento - México, nov. 99 (23)
Museus e comunidades sustentáveis - Cúpula dos Museus das Américas - 98 (24)
Declaração de Santa Cruz - Conclusões do IX ICOFOM LAM (25)
Década das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (26)
Declaração de Ahmedabad (27)
II Congresso Mundial de Educação Ambiental (28)
III Congresso Mundial de Educação Ambiental (29)
Educação Ambiental e Desafios Contemporâneos - Bob Jickling (30)

Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Teresa Scheiner

No ano de 2006, com o propósito de atender às propostas da Política Nacional de Museus, foi realizada outra alteração no perfil curricular do Curso de Museologia: elaborada pelos Profs. Ivan Coelho de Sá, Mário de Souza Chagas e Cícero Antônio Fonseca de Almeida, que visava alinhar-se ao Programa de Formação e Capacitação na área da Museologia elaborado pelo MEC - que recomenda aos cursos de Museologia do

país se adequarem às necessidades do mercado de trabalho de cada região e incorporar os avanços teórico-metodológicos da Museologia contemporânea. Nessa reforma seriam enfatizados especificamente três elementos indissociáveis à Museologia atual: Cultura, Memória e Patrimônio.

Figura 30: Detalhe da Proposta de Reforma Curricular - 2006



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

Nesta nova estrutura, a disciplina Introdução à Museologia, antes vista apenas no segundo período passa para o primeiro período, sem alteração de C.H. a disciplina Museologia, que até então subdividia-se da I à IV, passaria a desdobrar-se em mais duas: Museologia V e Museologia VI, ministradas no sexto período, abordando: o processo educativo nos museus (IV); as políticas museológicas, a legislação e organizações nacionais e internacionais ligadas à Museologia (VI)²⁰. Portanto, além dos elementos Cultura, Memória e Patrimônio especificamente trabalhados nesse processo de reformulação, destacam-se também de forma mais acentuada as áreas de História da Arte, Antropologia, Arqueologia e Filosofia, além de Ciência da Informação e de Tecnologia.

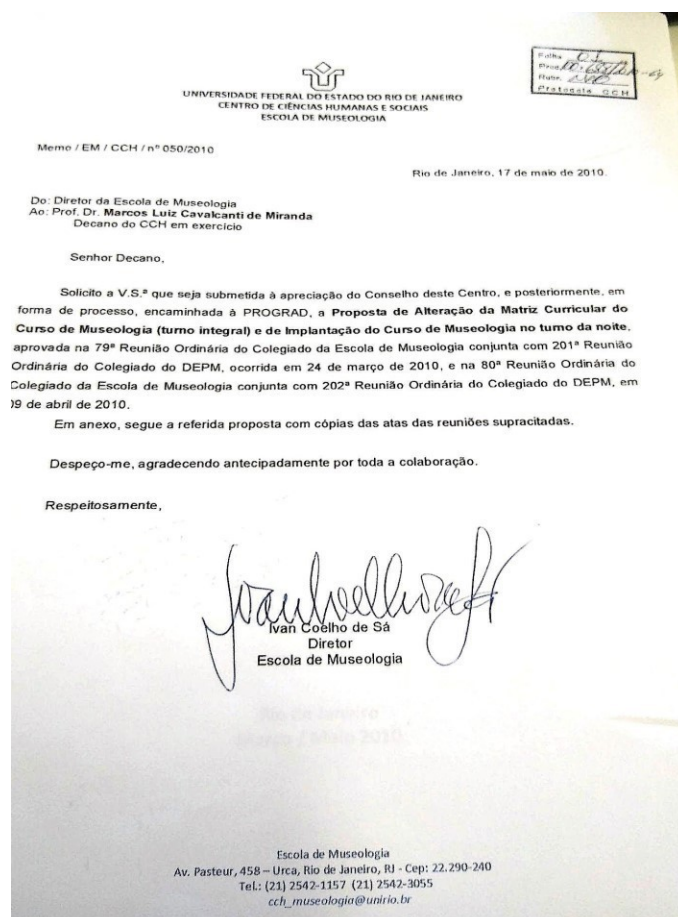
Cabe ainda lembrar que neste mesmo ano de 2006 implantava-se, no Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, o Programa de Pós-Graduação em Museologia e

²⁰ Todos esses conteúdos já existiam no Curso desde pelo menos 1996, mas podem ter ganho maior carga horária uma vez que a C.H. total do curso aumentou e daí o desdobramento em mais disciplinas.

Patrimônio – PPG-PMUS, primeiro Programa *stricto sensu* em Museologia do Brasil. Realizado em convênio com o MAST, o PPG-PMUS tem total sintonia com a Escola de Museologia, embora não seja a ela subordinado²¹. O Programa tem uma Linha de Pesquisa (Linha 01) especificamente dedicada à Teoria da Museologia em suas muitas interfaces. Entre os primeiros alunos do PPG-PMUS incluíam-se museólogos formados na Escola da UNIRIO e que haviam desenvolvido seus TCCs segundo as linhas monográficas criadas na reforma de 1996. Vários deles atuam hoje como professores da Escola e do próprio Programa (SCHEINER, T. Sessão de Orientação, maio. 2022).

A reforma seguinte foi realizada em 2010 com o objetivo principal de instituir o curso noturno na Escola de Museologia – através do REUNI, além de outras mudanças como fusão de disciplinas com a consequente extinção de outras e diminuição da carga horária de 3.390h para 2.940h, sendo que o curso integral teria 8 períodos e o curso noturno 10 períodos.

Figura 31: Ofício solicitando reformulação curricular - 2010



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

²¹ O PPG-PMUS é diretamente subordinado à Decania do CCH e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação da UNIRIO – PROPGPI.

Figura 32: Carga horária em 2006

5.6- CARGA HORÁRIA		
COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA TOTAL	NÚMERO DE CRÉDITOS
DISCIPLINAS OBRIGATORIAS	2.625	165
DISCIPLINAS OPTATIVAS (CH. MÍNIMA)	240	
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	255	9
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	180	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (MONOGRAFIA)	90	5
TOTAL	HORAS: 3.390	Nº. CR: 179

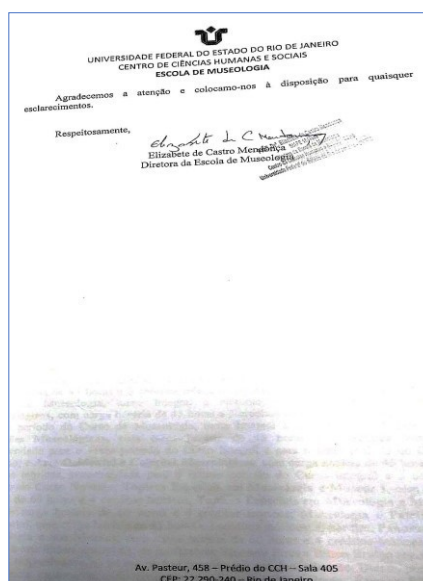
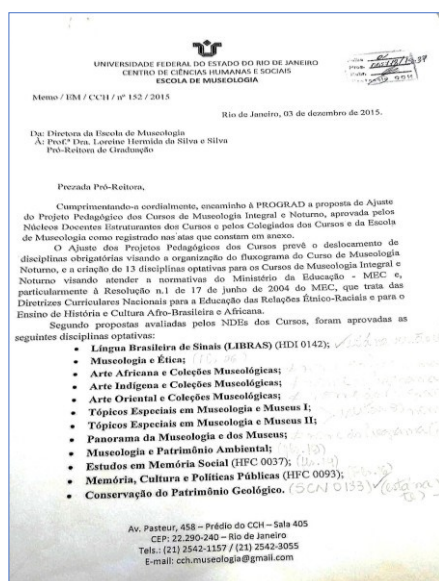
Figura 33: Carga horária em 2010

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE MUSEOLOGIA — INTEGRAL E NOTURNO		
CARGA HORÁRIA / CRÉDITOS		
COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	Nº CRÉDITOS
DISCIPLINAS OBRIGATORIAS	2400	147
DISCIPLINAS OPTATIVAS (CARGA HORÁRIA MÍNIMA)	160	-
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	195	7
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	140	-
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	45	2
CARGA HORÁRIA MÍNIMA TOTAL DO CURSO / CRÉDITOS MÍNIMOS	2940	156

Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

Em 2016, com a Escola de Museologia sob a direção da Profa. Elizabete de Castro Mendonça, o curso fez mais alguns ajustes no seu PPC o qual mantinha-se desde 2006, e introduziu 13 disciplinas optativas, com o objetivo de adequar-se às novas normativas do MEC que tratam sobre a inclusão de disciplinas para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Figuras 34 e 35: Ofício proposta de ajuste no PPC-2016



Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

Em relação aos Programas de Disciplinas teóricas alguns permaneceram inalterados, como por exemplo, Museologia II, como vê-se a seguir.

Figuras 36, 37 e 38 - Programa da disciplina Museologia II – 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE MUSEOLOGIA

PROGRAMA DE DISCIPLINA

CURSO: MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO: ESTUDOS E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS
DISCIPLINA: MUSEOLOGIA II
CRÉDITOS: 4
CARGA HORÁRIA: 60
CÓDIGO: HEM0013

EMENTA:
Apresentação dos conceitos de OBJETO a partir da Teoria do Conhecimento – Gnoseologia, dos referenciais do sujeito do conhecimento, tendo como pressuposto o Objeto da Museologia, conforme o proposto por Stránský: o estudo [do valor] da e na relação entre homem e realidade. Através das teorias e concepções de áreas de conhecimentos várias, observar os modos disciplinares de compreensão do OBJETO para a Filosofia, Semiologia, Sociologia, Antropologia e Museologia/Patrimoniologia, atendendo aos campos da realidade material, não material, sensorial, intelectual e digital.

PRÉ-REQUISITOS:

CO-REQUISITOS:

OBJETIVOS DA DISCIPLINA:
Geral – Criar condições para o acadêmico em museologia identificar o OBJETO da Memória ou do Patrimônio
Subjacente ao recorte da realidade considerado para uma atividade museal ou por uma comunidade ou indivíduo.
Específicos – Dotar o aluno de referências teóricas capacitando-o a fundar seus futuros projetos e ações profissionais em pressupostos acadêmicos.
- Possibilitar a percepção diferenciada sobre o real a partir de diferentes referenciais teóricos.
- Contribuir para que o estudante possa compreender a contemporaneidade, a pluralidade, a relatividade e as mudanças objetuais que o mundo reticular e da virtualização/digitalização nos tem requerido.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:
- A percepção subjetiva

Prof. Dr. IVAN COELHO DE SÁ
DIRETOR
ESCOLA DE MUSEOLOGIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
MATRÍCULA SIAPE 1122061

Heidegger e A COISA
- Objeto e Signo: as linhas semiológica e semiótica
- A dimensão sócio-cultural em Moles
- Os sistemas de Baudrillard
- Campos, discussões e modelos analíticos sobre os Objetos e o Patrimônio religioso, industrial, "autenticidade".
- A pessoa e o direito de sua imagem no OBJETO.

METODOLOGIA:
- exercício experiencial, apresentando objetos que permitam cogitar sobre os modos majoritários e costumeiros pelos quais consideramos o OBJETO no senso comum, ao mesmo tempo em que se refletir sobre o trabalho do observador quando exposto a uma proposta museística. Elejo quatro conjuntos de objetos que permitam versar sobre o conhecimento científico e tecnológico, sobre o conhecimento africano-negro, sobre a cultura extemo-oriental e sobre a originalidade e reprodução do objeto.
- leitura e discussão de textos impressos: Heidegger, Moles, Baudrillard,
- apresentação oral de conteúdos de Sussure e Peirce.
- seminários sobre textos escolhidos pelos acadêmicos.

AValiação:
- seminário sobre textos escolhidos pelos estudantes, correspondendo a 50% do total.
- elaboração de trabalho em grupo sobre um mesmo OBJETO escolhido pela turma, com aspectos também estabelecidos por elas, de modo a que o apresentado pelos grupos se complemente integrando um macrotrabalho. Completa a outra metade da avaliação.
- em caso de prova final, análise de um OBJETO à luz de uma das teorias consideradas durante o curso da disciplina.

BIBLIOGRAFIA:
BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *O Objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský*. Rio de Janeiro: UNIRIO / MAST, 2008. 135p. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Orientador: Professora Doutora Teresa Cristina Moletta Scheiner.
BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
CATERINO, Brian. *The Objects of Scientific Desire: The Objects of Social Science*. Disponível em: <<http://www.janushed.org/8-1/Montuschi.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.
CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <http://br.geocities.com/microst02/convite_a_filosofia_30.htm>. Acesso em: 20 fev. 2007.
COELHO NETO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
DESVALLEES, André, dir. *Terminologia museológica: projecto permanente de investigação*. ICOM/ICOFOM LAM. [s.l.], maio 2000.
FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE. *NEC em Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1987. 2 v.
GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultura de Linguagem, 1978.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE MUSEOLOGIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
MATRÍCULA SIAPE 1122061

A Teoria dos objetos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
sociodinâmica da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1974.
MIRANDA, E. *Gnoseologia/Epistemologia*. Disponível em: <<http://www.unisul.br/epistemologia/epistemologia/33ADA.pdf>>. Acesso em 20 set. 2007.
HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Lisboa, Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION [France]. *Muséologie et ethnologie*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1987.
MONTUSCHI, Eleonora. *The Objects of Social Science*. [resenha de] The London School of Economics and Political Science. Disponível em: <http://www.lse.ac.uk/collections/jessieAndInformationOffice/publications/books/2003/The_ObjectsOf_SocialScience.htm>. Acesso em: 27 jul. 2007.
PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
PEARCE, Susan M. ed. *Interpreting objects and collections*. Reimp. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1998.
STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Archeologie a museologie*. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.
_____. [La museologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. *Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM*. Estocolmo, n.1, p. 42-44, 1980.
_____. *La théorie des systèmes et la museologie. Documents de Travail sur la Museologie - DoTraM*. Estocolmo, n. 2, p. 72-76, 1981.
_____. *Predmet muzeologie*. In: _____. Ed.. *Sborník materiálu prvého muzeologického symposia*. Brno: muzeum da Moravia, 1965. p. 30-33.
SCHEINER, Tereza. *Museu e museologia: definições em processo*. Rio de Janeiro: Nov. 2005.

ASSINATURA DO PROFESSOR RESPONSÁVEL OU MINISTRANTE: Anaildo Baraçal

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
ESCOLA DE MUSEOLOGIA
Cidade pelo Decreto nº 21.126, de 07/05/1992, DOU de 15/05/1992
CURSO DE MUSEOLOGIA - INTEGRAL
Instituído pelo Decreto nº 128, de 27/10/1973, DOU de 28/10/1973

Prof. Dr. IVAN COELHO DE SÁ
DIRETOR
ESCOLA DE MUSEOLOGIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
MATRÍCULA SIAPE 1122061

Fonte: Arquivo NUMMUS, UNIRIO

1.5. A atual Escola de Museologia: Corpo docente e perfil curricular

Atualmente existem dois cursos de Bacharelado em Museologia na Escola da UNIRIO: o curso integral, que funciona nos horários da manhã e da tarde e que tem 8 períodos de duração; e o curso noturno, que totaliza 10 períodos, ou seja, um ano a mais para a conclusão do curso, ambos com uma carga horária de 2.940h e 156 créditos. O sistema de ingresso é através do ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio, com 60 vagas disponibilizadas para o curso integral e 30 vagas para o curso noturno.

O atual corpo docente, específico das disciplinas integrantes do Eixo da Museologia é o seguinte:

MUSEOLOGIA I - Bruno Brulon

MUSEOLOGIA II - Bruno Brulon

MUSEOLOGIA III- Cícero Almeida / Mário Chagas

MUSEOLOGIA IV - Márcio Rangel

MUSEOLOGIA V - Vladimir Sibylla Pires

MUSEOLOGIA VI - Andréia Costa

Através do Ementário da UNIRIO disponível na rede obteve-se acesso aos conteúdos dos programas das principais disciplinas teóricas da Escola de Museologia no período atual; e em particular suas ementas e seus objetivos, que serviram de base para a análise que se estabelece no Capítulo 3 desta dissertação, juntamente com os planos de aula das disciplinas Museologia I e Museologia II²², disponibilizados pelo Prof. Bruno Brulon, atual docente responsável – que seguem abaixo.

²² Ver Anexo I

Figuras 39 a 44: Programa e Plano de aula da disciplina Museologia I - 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS (DEPM)
Nome da disciplina: Museologia I (na modalidade híbrida)
Professor: Bruno Brulon
Horário: 14:00 às 18:00 horas (quintas-feiras) – Noturno
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 hs
Nº DE CRÉDITOS: 04
LINK PARA AULAS ONLINE: <https://meet.google.com/qbs-evcu-hxu>

E-MAIL (MONITORIA): monitoriaprof.bruno@gmail.com

Objetivos da disciplina/Atividade

Apresentar e discutir as noções de “museu” e de “museologia” através do desenvolvimento desses conceitos no século XX e da Teoria da Museologia constituída a partir da segunda metade desse século. Considerar as principais vertentes nacionais e internacionais do pensamento museológico contemporâneo: da museologia dita “tradicional” à Nova Museologia e à Ecomuseologia, das manifestações modernas do Museu às suas formas contemporâneas (museu de território, museu a céu aberto, museu local, ecomuseu, museu virtual). Partindo da discussão sobre a constituição e as especificidades de um campo da Museologia no exterior e no Brasil, o curso tem como objetivo construir com os alunos uma reflexão sobre as principais correntes e autores que legitimaram este campo disciplinar através do estudo das principais linhas de pensamento desenvolvidas na academia e no Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) a partir da década de 1970.

Ementa

Compreensão do surgimento e do desenvolvimento da ideia de museu e da museologia disciplinar/científica, da metade do século XX aos dias atuais, pontuando o caso brasileiro. Destaque dos principais marcos referenciais teóricos da Museologia.

Programa

Unidade I – Conceitos básicos da Museologia

A ideia de Museu, pontuando a sua criação na Modernidade, para se chegar aos seus desdobramentos da Contemporaneidade. A ideia de musealização, de musealidade e de musealia, no centro do conceito contemporâneo de Museu. O ecomuseu como um protótipo e como objeto de reflexão para a museologia. O museu virtual e a imaterialidade do Museu.

Unidade II – As correntes de pensamento da Museologia

A Teoria da Museologia em suas diversas correntes e tendências constituintes de um campo disciplinar em ascensão a partir das últimas décadas do século XX. A Museologia no pensamento dos principais teóricos do campo: Gregorová, Stránský, Sofka, Van Mensch, Rivière, Desvallées, Deloche.

Unidade III – A Museologia no Brasil

A contribuição dos principais teóricos brasileiros e a constituição de um campo profissional e acadêmico no país. Os pensamentos museológicos de Waldisa Rússio Guarnieri e Tereza Scheiner e a influência brasileira sobre a museologia internacional.

Metodologia

Pretende-se diversificar os procedimentos metodológicos, combinando aulas expositivas dialogadas com leitura comentada de textos, debate, seminários, análise de documentos e exercícios de observação de alguns museus.

Procedimentos de Avaliação

A avaliação será de caráter cumulativo, com média final aritmética, baseando-se nas atividades e na produção discente. Para verificação dos resultados de aprendizagem, a proposta para a avaliação é a composição da nota através de três diferentes instrumentos, a saber:

- (1) Ensaio: vale **10 pontos** (atividade individual)
- (2) Trabalhos em dupla e apresentação de seminário: valem **10 pontos cada**
- (3) Presença e participação em aula: vale **1 ponto na média final**

Cronograma das aulas:

AULA	TEMÁTICA	TEXTO / ATIVIDADE
1 28 de abril Aula presencial	Apresentação O que é o Museu? Percepção social e representações	
2 5 de maio Aula presencial	Antecedentes históricos: museus, mitos e nacionalismos Estudo dirigido 1 (debate em aula)	1) THIESSE, A-M. “A criação cultural das identidades nacionais na Europa”. In: <i>Création des identités nationales</i> . Paris: Éditions du Seuil, 2001. 2) SCHEINER, T. C. O museu, a palavra, o retrato e o mito. Museologia e Patrimônio , vol. 1, n. 1, 2008, pp. 57-73.
3 12 de maio Aula online	História dos museus no século XX Estudo dirigido 2 (debate em aula)	1) POULOT, Dominique. História dos museus. In: _____. <i>Museu e museologia</i> . Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.59-81. 2) DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. <i>Conceitos-chave de Museologia</i> . São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM / Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.
4 19 de maio	Semana Nacional de Museus	Assistir a atividades da Semana Nacional de Museus
5 26 de maio Aula presencial	A expansão do conceito de Museu no contemporâneo: a virada experimental e o	1) BRULON SOARES, B. Museus, patrimônios e experiência criadora: ensaios sobre as bases da Museologia Experimental. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; Hernández, Francisca Hernández; CURCINO,

	protótipo do ecomuseu Resenha e debate sobre o filme “A escavação”	Alan. <i>Museologia e Patrimônio</i>. Vol. 1. Leira: Instituto Politécnico de Leira, 2019. pp.199-231. 2) Museum. Imágenes del ecomuseo. Paris, UNESCO, n. 148, vol. XXXVII, n. 4, 1985. 3) BELLAIGUE, M. Memória, espaço, tempo, poder (1994). <i>Museologia e Patrimônio</i>, vol.2, n.2, 2009. p.87-90.
6 2 de junho Aula online	O museu virtual, o cyber museu e a virtualização do museal Palestra Profa. Dra. Monique Magaldi	1) MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os museus na era do virtual. In: Bittencourt, José Neves; Granato, Marcus & Benchetrit, Sarah Fassa. (Org.). <i>Museus, ciência e tecnologia</i>. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007, p. 48-70. 2) Texto complementar: DELOCHE, B. Vers une prise de conscience de l'existence d'un musée parallèle. <i>ISS</i> 37, 2008, p. 93-100.
7 9 de junho Aula presencial	Avaliação 1	Prova escrita, individual e sem consulta.
8 23 de junho Aula online	A definição de museu do ICOM: debates contemporâneos	Consulta às definições do ICOM propostas entre 2019 e 2022. Atividade em grupo e debate.
9 30 de junho Aula presencial	O campo da Museologia e o ICOFOM Estudo dirigido 3 (debate em aula)	1) CERÁVOLO, S. M. Delineamentos para uma Teoria da Museologia. Anais do Museu Paulista, junho-deciembre, año/vol. 12, número 012, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. p.327-268.
10 7 de julho Aula online	O objeto da Museologia: Musealização e musealidade	1) STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie [O objeto da museologia]. In: __. ed. Sborník materiálu prvního muzeologického symposia [Anais do primeiro simpósio museológico]. Tradução por Katerina Kotiková (2008). Revisão conceitual de Anaildo Bernardo Baraçal e Bruno Brulon (2015). Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33. 2) STRÁNSKÝ, Z. <i>Sobre o tema “Museologia – ciência</i>

		<i>ou apenas trabalho prático?” (1980). Revista Museologia e Patrimônio, UNIRIO / MAST, vol.1, n.1, 2008. p.101-105.</i>
11 21 de julho Aula presencial	A Nova Museologia: a reflexão crítica sobre um campo Estudo dirigido 4 (debate em aula)	1) DESVALLÉES, André. Apresentação à obra Vagues, une anthologie de la Nouvelle Muséologie, vol. 1 (1992). <i>Anais do Museu Histórico Nacional</i> , n. 47, 2015, p. 87-110. 2) Texto complementar : DECLARATION DE QUEBEC, Principes de base d'une nouvelle muséologie, Adoptée par le 1 ^{er} Atelier international Écomusée / Nouvelle muséologie, Québec, le 12 octobre, 1984. Disponível em < http://www.minom-icom.net/ >. Acesso em : 28 novembre, 2013.
12 28 de julho Aula online	A Museologia como campo: o caso do Brasil	1) BRULON SOARES, B. C.; DE CARVALHO, Luciana Menezes; CRUZ, H. V. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. (Org.). 90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012) . 1ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 244-262.
13 4 de agosto Aula presencial	Correntes contemporâneas do pensamento museológico brasileiro e latino-americano	1) RÚSSIO GUARNIERI, W. Presença dos museus no panorama político-científico-cultural. In: BRUNO, M. C. O. (org.) Waldisa Rússio Camargo Guarnieri . Textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado - Secretaria de Estado da Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. pp. 195-2002 . 2) BRULON SOARES, B. (Ed.). Descolonizando a Museologia , vol. 1. Museus, ação comunitária e descolonização. Paris: ICOFOM/ICOM, 2020. (Introdução).
14 11 de agosto Aula presencial	Avaliação 2 Entrega dos Trabalhos Finais e balanço da disciplina	Apresentação dos trabalhos e Roda de Conversa

Referências obrigatórias:

- BELLAIGUE, M. Memória, espaço, tempo, poder (1994). **Museologia e Patrimônio**, vol.2, n.2, 2009. p.87-90.
- BRULON SOARES, B. C.; DE CARVALHO, Luciana Menezes; CRUZ, H. V.. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. (Org.). **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)**. 1ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 244-262.
- BRULON SOARES, B. Museus, patrimônios e experiência criadora: ensaios sobre as bases da Museologia Experimental. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; Hernández, Francisca Hernández; CURCINO, Alan. *Museologia e Patrimônio*. Vol. 1. Leira: Instituto Politécnico de Leira, 2019. pp.199-231.
- BRULON SOARES, B. (Ed.). **Descolonizando a Museologia**, vol. 1. Museus, ação comunitária e decolonização. Paris: ICOFOM/ICOM, 2020.
- CERÁVOLO, S. M. Delineamentos para uma Teoria da Museologia. **Anais do Museu Paulista**, junho-deciembre, año/vol. 12, número 012, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. p.327-268.
- DESVALLÉES, André. Apresentação à obra Vagues, une anthologie de la Nouvelle Muséologie, vol. 1 (1992). **Anais do Museu Histórico Nacional**, n. 47, 2015, p. 87-110.
- DESVALLÉES, A. & MAIRESSE, F. **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris : Armand Colin, 2011.
- DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM / Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.
- GILES, Ana G. B. & VALENZUELA, Fernando Félix y. Diálogo con Mario Vázquez: su museografía. **Gaceta de Museos**, n.60, 2015, pp.7-17.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os museus na era do virtual. In: Bittencourt, José Neves; Granato, Marcus & Benchetrit, Sarah Fassa. (Org.). **Museus, ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007, p. 48-70.
- Museum**. Imagenes del ecomuseo. Paris, UNESCO, n. 148, vol. XXXVII, n. 4, 1985.
- POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- RUSCONI, Norma. Extensión Cultural y Pedagogía del Desarrollo: un desafío para la contemporaneidad de la Museología Latinoamericana. **ICOFOM IAM**, VII Encuentro Regional, 1998, pp.130-142.
- RÚSSIO GUARNIERI, W. Presença dos museus no panorama político-científico-cultural. In: BRUNO, M. C. O. (org.) **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado - Secretaria de Estado da Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. pp.195-2002.
- SCHEINER, T. C. O museu, a palavra, o retrato e o mito. **Museologia e Patrimônio**, vol. 1, n. 1, 2008, pp. 57-73.

SCHEINER, T. C. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.133-143, 1999.

STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Predmet muzeologie** [O objeto da museologia]. In: ___. ed. Sborník materiálu prvního muzeologického symposia [Anais do primeiro simpósio museológico]. Tradução por Katerina Kotiková (2008). Revisão conceitual de Anaildo Bernardo Baraçal e Bruno Brulon (2015). Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33. Versão em português no prelo.

STRÁNSKÝ, Z. *Sobre o tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?” (1980)*. **Revista Museologia e Patrimônio**, UNIRIO / MAST, vol.1, n.1, 2008. p.101-105.

THIESSE, A-M. “A criação cultural das identidades nacionais na Europa”. In: **Création des identités nationales**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

Referências complementares:

BRULON SOARES, B. C. O rapto das musas: apropriações do mundo clássico na invenção dos museus. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, vol. 43, p.41-65, 2011.

BRULON SOARES, B. C. & SCHEINER, T. C. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa. In: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo (org.) **E-book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. A responsabilidade social da ciência da Informação. João Pessoa: Idéia/Editora, 2009. pp. 2469-2489.

CAMERON, D. *The museum, a temple or the forum*. **Curator**, vol. XIV, n. 1, 1971, p.11-24.

CLAIR, J. *Les origines de la notion d'écomusée*. **Cracap Informations**, n.2-3, p.2-4, 1976.

DECLARATION DE QUEBEC, Principes de base d'une nouvelle muséologie, Adoptée par le 1^{er} Atelier international Écomusée / Nouvelle muséologie, Québec, le 12 octobre, 1984. Disponível em < <http://www.minom-icom.net/>>. Acesso em : 28 novembre, 2013.

DELOCHE, B. Vers une prise de conscience de l'existence d'un musée parallèle. **ISS 37**, 2008, p. 93–100.

DESVALLEES, A. ; DE BARRY, M. O. & WASSERMAN, F. (coord.), **Vagues: une antologie de la Nouvelle Muséologie** 2v., Collection Museologia, Savigny-le-Temple : Éditions W-M.N.E.S., 1992.

MAROEVIĆ, I. Museology as a field of knowledge. In: **STUDY SERIES**, Paris, ICOM, n.8, p. 5, 2000.

MENSCH, Peter van. **Museology as a profession**. In: **STUDY SERIES**, Paris, ICOM, n.8, 2000.

MUWOP: Museological Working Papers/DOTRAM: Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work? Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, v. 1, 1980. Org. and edited by Vinos Sofka. Assisted by Andreas Grote and Awraam M. Razgon. Printing and binding by Departments offset central, Stockholm, Sweden. 67f.

MUWOP: Museological Working Papers/DOTRAM: Documents de Travail en Muséologie. Interdisciplinarity in Museology. Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 2, 1981. Org. and edited by Vinos Sofka. Assisted by Jan Jelínek and Gerard Turpin. Printing and binding by Departments reprocentral, Stockholm and Abergers Kontorsmaterial AB, Stockholm, Sweden. 102f.

Principes de base pour le musée intégral, **Museum International**, Rôle du musée dans l'Amérique latine d'aujourd'hui, vol. XXV, n.3, Paris, 1973.

RIVIERE, G. H., Définition évolutive de l'écomusée. **Museum**, Images de l'écomusée, Paris, UNESCO, v. XXXVII, n. 148, p.182-183, 1985.

SCHEINER, T. C. **Apolo e Dionísio no templo das musas**. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 1998.

Rio de Janeiro, abril de 2022.

Prof. Dr. Bruno Brulon Soares

1.6 - Considerações

O Curso de Museologia da UNIRIO se manteve ativo durante quase 70 anos e embora as reformas realizadas em sua estrutura curricular tenham sido bastante espaçadas, o curso conseguiu, através delas, acompanhar as mudanças teóricas e epistêmicas reveladoras da evolução da Museologia no Brasil e no mundo, adaptando-se às necessidades contemporâneas, de uma forma bem estruturada e com o envolvimento de todos os atores - docentes, discentes e diretores da Escola de Museologia. Foi possível assim atingir um patamar de grande influência para os cursos que vieram depois, como o curso de Museologia da UFPE, por exemplo.

Pode-se dizer que a inserção da teoria museológica no antigo Curso de Museus foi realizada ainda nos anos 70, e teve continuidade e adaptações ao longo dos anos, focando principalmente na legislação brasileira, sem deixar de considerar publicações e debates realizados em reuniões e eventos do ICOM e do ICOFOM - com destaque para o nome da Profa. Teresa Scheiner, que além de ser membro do ICOFOM (e ter ocupado a presidência do Comitê) participou ativamente de algumas das reformas curriculares do Curso. Esta tradição se mantém nos dias atuais, considerando que o professor Prof. Bruno Brulon, hoje responsável pela disciplina Museologia I (integral e noturno) é o atual presidente do ICOFOM, onde propicia a ocorrência de debates mais contemporâneos sobre a Teoria Museológica, muito embora os paradigmas advindos dos primeiros teóricos se mantenham ainda fortemente nos ensinamentos da Escola de Museologia da UNIRIO.

Com a implantação pioneira do Mestrado e Doutorado em Museologia, em parceria com o MAST, houve um grande interesse por uma continuidade acadêmica entre egressos de vários cursos de graduação no país, com destaque aqui para alguns nomes da UFPE que foram ou são alunos do PPG-PMUS: Bruno Melo de Araújo, Manoela Edna de Lima, Viviane Ribeiro Valença, Tatiana Coelho da Paz Bezerra, Rômulo Benito de Freitas Gonzales, Elaine Santana do Ó e Cíntia Maria do Nascimento. Tal fato impulsionou também a criação e implementação de cursos de graduação em Museologia em outros estados e regiões do país.

Com a finalização do primeiro MINTER em Museologia e Patrimônio, numa parceria UNIRIO-MAST/UFPE, o conceito destas instituições certamente ficará bastante elevado e, conseqüentemente, a possibilidade de um DINTER já é uma realidade.

CAPÍTULO 2

O curso de Museologia da UFPE

O curso de Museologia da UFPE

2.1 Antecedentes

Até o ano de 2009 a região nordestina contava com apenas três cursos de graduação em Museologia, sendo dois na Bahia (UFBA/1970 e UFRB/2006) e um em Sergipe (UFS/2008); havia então uma inconcebível lacuna que precisava ser preenchida, principalmente em Pernambuco, detentor de grande patrimônio cultural e potencial turístico e que, até então, abrigava a maior concentração de museus do Norte e Nordeste do Brasil.

Em julho de 2009, o primeiro curso de Bacharelado em Museologia de Pernambuco finalmente iniciaria suas atividades na UFPE, vindo a atender não apenas à demanda local, como a de estados circunvizinhos como Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas.

O Estado de Pernambuco sempre foi considerado uma referência de cultura no cenário nacional, seja através da sua música, das suas danças, do seu artesanato, dos seus inúmeros museus ou da pluralidade de seus artistas, que buscam inspiração no fértil patrimônio material e imaterial de fortes raízes nordestinas. As influências holandesa e portuguesa também se fazem presentes nesse patrimônio e se encontram bem vivas, anunciando-se nas pontes, igrejas e museus de Recife, assim como nas comidas, nas danças, nos sobrenomes e nos traços tipicamente europeus herdados por habitantes loiros e de olhos azuis de diversas localidades do interior do Estado.

Detentor de uma memória fortemente marcada por histórias de lutas de movimentos sociais e identitários, inconcebivelmente até pouco tempo atrás Pernambuco não podia capacitar os profissionais locais para planejar e implementar novos museus ou até mesmo para gerir os já existentes.

A relação com uma museologia institucionalizada no Estado remete à segunda metade do século XX com a criação do Instituto Joaquim Nabuco, em 1953 – que viria depois a se chamar Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - IJNPS²³, o qual possibilitou a concepção do Museu de Antropologia e a criação de um Departamento de Museologia no início dos anos 1970. Muitas das personalidades que influenciaram a cultura pernambucana entre 1950 e 1960 têm a sua história associada ao IJNPS: dentre elas destacam-se Gilberto Freyre - intelectual, político e escritor (idealizador do IJNPS); Renê Ribeiro - médico e antropólogo; Mauro Mota - jornalista e poeta; além de Aécio de Oliveira, que iniciou seu trabalho como assistente de museu em 1961, no Museu de Antropologia, e alguns anos depois foi cursar Museologia no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, retornando em 1968 já como museólogo.

²³ Transformado na Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ em 1977.

A partir daí, Aécio repassou seus conhecimentos técnicos em diversas exposições e cursos para preparação e treinamento dos trabalhadores de museus, numa iniciativa do recém-criado Departamento de Museologia, onde exerceu a função de coordenador geral por vários anos. Posteriormente foi o primeiro diretor do Museu do Homem do Nordeste - MUHNE, criado a partir da fusão de três museus: Museu de Antropologia, Museu de Arte Popular e Museu do Açúcar.

Figura 45: Foto dos Formandos do Curso de Museus -Turma de 1967
(Aécio de Oliveira é o terceiro da esquerda para a direita, sentado ao chão)



Fonte: Arquivo pessoal de Teresa Scheiner

Figura 46: Turma de 1967 do Curso de Museus em festa de aniversário
(Aécio aparece sentado no chão ao centro do trio, sendo apontado por Teresa Scheiner, a quinta da direita para a esquerda encostada na mesa)



Fonte: Arquivo pessoal de Teresa Scheiner

Aécio é visto por diversos autores como um inovador que acelerou a trajetória da Museologia pernambucana, além de ser considerado um dos responsáveis pelo fortalecimento da Museologia no país, destacando-se na organização de museus e exposições regionais e nacionais (SÁ, 2007, p.28). Denominado por Mário Chagas (2009) o “braço museográfico de Gilberto Freyre”, Aécio estimulou o caráter social do museu nas suas exposições, introduzindo o conceito de “feira”, onde reproduzia o colorido e a pluralidade de objetos, livres de vitrines, com os quais o público interagiu escolhendo o seu próprio trajeto dentro da exposição.

Além de Aécio de Oliveira deve-se ressaltar também a contribuição de outros museólogos vindos do Rio de Janeiro, com formação na UNIRIO, para trabalhar no IJNPS em Recife a partir da década de 1970, como Marluce Câmara Azevedo, Cláudia Spinelli, Maria Regina Batista, Fernando Ponce de Leon, Mário de Souza Chagas, Marilene Rubim e Vânia Estevam de Oliveira. Desde então, outros importantes nomes com formação pela Escola de Museologia e/ou PPG-PMUS, UNIRIO/MAST passaram a integrar o quadro de servidores da FUNDAJ, como Albino Barbosa de Oliveira Júnior, Maria Fernanda Pinheiro de Oliveira e Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro, que colaboraram junto à equipe da UFPE para a elaboração do Projeto Pedagógico do primeiro curso de graduação em museologia de Pernambuco.

2.2. A Política Nacional de Museus e o incentivo à criação de cursos de Museologia no país

A implementação de políticas públicas governamentais no âmbito dos museus se deu a partir dos anos 1930, estimulando a criação e o fortalecimento de museus no Brasil, principalmente de ciências e de história, a exemplo do pioneiro Museu Histórico Nacional-MHN, fundado em 1922 no Rio de Janeiro; e do Museu do Estado de Pernambuco-MEPE, criado no ano de 1929 em Recife. No MHN funcionou a partir de 1932 o primeiro Curso de Museus, dirigido por Gustavo Barroso o qual manteve sua continuidade até obter o mandato universitário em 1951. Este curso daria origem, nos anos 1970, à atual Escola de Museologia da UNIRIO.

Com a institucionalização em 1934 do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-SPHAN, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, teve início uma maior preocupação com a conservação de bens patrimoniais de valor histórico e artístico, como móveis e objetos históricos, arqueológicos, bibliográficos e etnográficos, além dos sítios e paisagens naturais definidos como monumentos e incluídos no patrimônio brasileiro. As décadas posteriores seguiram-se com a realização de congressos, seminários, encontros

e reuniões de dirigentes de museus e intelectuais brasileiros, no intuito de debater as políticas museológicas até então existentes e abriram caminho para que nos anos 1980 fossem implementados o Programa Nacional de Museus-PNM e o Sistema Nacional de Museus-SNM, além da criação do primeiro Ministério da Cultura pelo governo federal.

Nesse ínterim é aprovada a Lei nº 7.287/1984, regulamentada pelo Decreto 91.775, de 15 de outubro de 1985, que estabelece legalmente a profissão de museólogo no país e orienta a composição dos conselhos federal e regionais para a sua fiscalização. Vale salientar que desde os anos sessenta existia a Associação Brasileira de Museologistas - ABM e foi através desse órgão que se iniciou uma longa jornada pelo reconhecimento da profissão no país, que viria validar o caráter identitário e trabalhista de uma comunidade de especialistas já existente. Assim são criados em seguida o COFEM-Conselho Federal de Museologia e os COREM's - Conselhos Regionais de Museologia, que atualmente são cinco e atendem a todos os estados brasileiros, conforme visto no capítulo anterior. Embora organizados em consonância com a concentração de profissionais existentes à época, na realidade atual os Conselhos Regionais demonstram uma composição bastante incoerente, uma vez que a 3ª região atende a apenas dois cursos em um único Estado da região Sul (RS), enquanto a 1ª região abrange 13 estados incluindo todos do Nordeste e alguns da região Norte, concentrando 5 dos 14 cursos hoje existentes em instituições públicas.

Quadro Nº. 04 – Distribuição dos Conselhos Regionais de Museologia -1987

COREM	ESTADOS ABRANGIDOS
1ª. Região	AL, AM, AP, BA, CE, MA, PA, PE, PB, PI, RN, RR e SE
2ª. Região	RJ, MG e ES
3ª. Região	RS
4ª. Região	AC, DF, GO, MT, MS, SP, RO e TO
5ª. Região	PR e SC

Fonte: página do COFEM na internet

As políticas governamentais na área da educação e da cultura daí por diante foram se propagando no Brasil e em 1996 foi publicada a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que ordenou as diretrizes e bases da educação nacional. Como consequência foi lançado o Plano Nacional de Educação - PNE, através da Lei nº 10.172 de 09 de janeiro de 2001 que, dentre outras, estabelece metas e objetivos com o intuito de expandir o ensino superior no Brasil; logo depois foi publicado o Parecer nº 492, de 3 de abril de 2001, que estabelece as diretrizes curriculares nacionais de vários cursos de Graduação, e dentre eles o de Museologia. Segundo esse parecer, os cursos de Museologia devem

orientar seus alunos para estudos que permitam a compreensão e interpretação das relações culturais e contextuais entre o homem e o museu, além de integrar conteúdos práticos que qualifiquem os mesmos para as ações de documentação, preservação e comunicação do patrimônio, incluindo-se aí as ações de planejamento e desenvolvimento de exposições e de programas educativos e culturais.

Assim, após a realização de intensas reuniões e debates com representantes da comunidade museológica e de áreas afins, foi lançada em 16 de maio de 2003, junto às festividades pelo dia internacional dos museus, a Política Nacional de Museus (PNM), por meio do Ministério da Cultura (MINC). Seu objetivo central foi promover a valorização, preservação e aproveitamento do patrimônio cultural brasileiro, além de estabelecer ações de inclusão social e de cidadania. A partir de então foram fomentados diversos projetos, programas e atividades de pesquisa, em conjunto com universidades e centros de pesquisa científica, sobre o patrimônio cultural musealizado, instituindo o debate e estimulando um maior interesse pelo tema no país. O MINC passa então a investir de forma ampla na área museológica, com a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e a elaboração e publicação do Estatuto dos Museus, ambos em 2009.

Em continuidade ao PNE surge o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras - REUNI, regulamentado através do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 e que levou a uma grande transformação nas universidades públicas brasileiras. Juntamente com a inovação e introdução de diferentes cursos e com a ampliação e extensão de seus *campi* para o interior dos Estados, o número de vagas foi significativamente ampliado nas universidades, além de facilitar o acesso de jovens que não poderiam ir estudar nas capitais. É neste momento que a Museologia, fazendo uso dessa grande oportunidade, passa a integrar o grupo de novos cursos universitários ligados à cultura criados a partir do REUNI. Entre 2006 e 2010 são criados 11 novos cursos de graduação em Museologia em universidades públicas em todas as regiões do país, os quais, somando-se aos 2 já existentes – UNIRIO e UFBA e ao recém-criado curso da UNESPAR-Universidade Estadual do Paraná em 2019, perfazem um total de 14 cursos em Museologia em atividade atualmente nas universidades públicas do Brasil²⁴. Deste total deve-se enfatizar que 9 cursos se originaram através do REUNI, conforme demonstra-se no quadro abaixo.

²⁴ Há ainda um 15º curso de Museologia EAD em uma instituição privada, segundo o E-MEC.

Quadro Nº. 05: Novos Cursos de Graduação em Museologia no Brasil- de 2006 a 2019
 (*Cursos criados a partir do REUNI)

Estado	Instituição Pública	Criação
BA	Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB Centro de Artes, Humanidades e Letras	2006
RS	Universidade Federal de Pelotas – UFPel Instituto de Ciências Humanas	2006
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS Faculdade de Biblioteca e Comunicação	2008*
SE	Universidade Federal de Sergipe – UFS Departamento de Antropologia	2007*
MG	Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP Escola de Museologia, Direito e Turismo	2008*
	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG Escola de Ciência da Informação	2010*
PA	Universidade Federal do Pará – UFPA Instituto de Ciências da Arte - Departamento de Artes Visuais	2010*
PE	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Departamento de Antropologia e Museologia Centro de Filosofia e Ciências Humanas	2009*
DF	Universidade de Brasília – UnB Departamento de Ciência da Informação e Documentação– Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia	2009*
GO	Universidade Federal de Goiás – UFG Faculdade de Ciências Sociais	2010*
SC	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas	2010*
PR	Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR Escola de Música e Belas Artes	2019

Fonte: páginas oficiais na internet dos cursos e universidades

Em relação ao REUNI e suas contribuições à educação através da expansão do ensino universitário brasileiro, cabe aqui mencionar uma pesquisa realizada pela Profa. Ana Lúcia Borba em sua tese de doutorado, apresentada em 2011 ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da UFPE. Nesta Tese, são apontadas algumas das diretrizes do REUNI contempladas no plano da UFPE, com destaque para a criação de cursos de graduação ligados à área da cultura, como por exemplo Dança, Cinema, Arqueologia e Museologia, priorizando o horário noturno para aqueles estudantes que precisam trabalhar para se manter; dentre todos os dados levantados pela pesquisadora, um em especial chama a atenção, pois demonstra a importância do plano na promoção da igualdade de oportunidades para o acesso ao ensino superior: a comprovação de um crescimento significativo no percentual de candidatos aprovados após o REUNI na UFPE, pertencentes a grupos familiares com renda de um a dois salários-mínimos e oriundos de escolas públicas. Nesse sentido pode-se observar em outros estudos se tal comportamento se estende às demais instituições do país. Contudo, regionalmente conclui-se que o fato comprovado na UFPE já demonstra um avanço para uma educação mais igualitária em todos os níveis da sociedade.

2.3. O Curso de Museologia da UFPE

2.3.1 - Planejamento e Proposta

A proposta para o curso de Museologia da UFPE baseou-se, principalmente, na carência existente no Estado de Pernambuco de profissionais capacitados na área e, em consequência, na demanda reprimida de museólogos por parte das instituições locais. Além de introduzir reflexões e práticas da museologia às atividades de produção e gestão cultural, a oferta de conhecimentos especializados a nível de graduação possibilitaria o desencadeamento de novos espaços de atuação profissional - como museus, galerias de arte, fundações e centros culturais, institutos de pesquisa, de informação e de documentação, dentre outros. Segundo o Prof. Renato Athias/UFPE, à época em que o curso foi criado, em 2009, a cidade de Recife contava com 85 museus em funcionamento das três esferas; federais, estaduais e municipais, isso sem contar outros tantos privados e em sua opinião, o fato de ter sido discutido por um grupo de antropólogos e cientistas sociais deu ao curso uma abordagem voltada para a museologia social (ATHIAS, 2021).

A própria UFPE carecia de apoio museológico com a finalidade de manter e de criar novos espaços de memória, identificar e preservar os seus acervos, objetivando a criação de um museu universitário. O planejamento deste Curso foi inicialmente desenvolvido por alguns professores do PPGA tendo à frente Antônio Motta, Renato Athias e Tânia Kauffman, sendo essa uma professora convidada do programa de pós-graduação e que atuou também como docente no início do curso; e a elaboração do PPC-Projeto Pedagógico do Curso foi realizada por uma equipe formada por 11 profissionais altamente qualificados dentre os principais nomes da Museologia atuantes em Pernambuco à época, tendo como coordenador o professor Antonio Motta e vice coordenador o Prof. Renato Athias, ambos docentes efetivos do PPGA/UFPE.

Quadro Nº. 06 - Equipe responsável pelo 1º PPC do curso de Museologia da UFPE-2008

NOME	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO
Antonio Motta	Antropólogo	PPGA/UFPE
Renato Athias	Antropólogo	PPGA/UFPE
Gilda Verri	Cientista da Informação	UFPE
Vânia Brayner	Jornalista e mestranda em Antropologia	MUHNE/FUNDAJ/PPGA
Antonio Montenegro	Arquiteto	LABORARTE/FUNDAJ
Fernanda Pinheiro	Museóloga	FUNDAJ
Henrique Cruz	Museólogo	FUNDAJ
Sílvia Brasileiro	Museóloga	FUNDAJ
Albino Oliveira	Museólogo	UFPE
Marilene Rubim	Museóloga	Fórum dos Museus/PE
Regina Batista	Museóloga	Fórum dos Museus/PE

Fonte: PPC do Curso de Museologia disponibilizado pelo Prof. Bruno Araújo/DAM/UFPE

De acordo com o PPC de Museologia da UFPE, as diretrizes teóricas que orientam o curso devem ser baseadas no diálogo recíproco com a antropologia, assim como com outras áreas do conhecimento, exigindo um caráter multidisciplinar e interdisciplinar que será aplicado ao vasto campo de atividades práticas envolvendo o patrimônio cultural material e imaterial e a gestão de bens culturais.

O perfil do Bacharel em Museologia da UFPE deve ser de um profissional preparado para atuar como agente de reflexão a partir do exercício profissional em todos os espaços em que seja fundamental o desenvolvimento de atividades museológicas, identificando oportunidades de atuação e realizando ações que viabilizem projetos na área cultural. Pode ainda realizar estudos e conferências em museus desenvolvendo seus conhecimentos nas áreas de preservação, documentação, expografia e comunicação, além de promover o intercâmbio entre museus e a comunidade.

2.3.2 - Estrutura Curricular

Tomando-se como base as diretrizes curriculares propostas pelo MEC através do Parecer nº CNE/CES 492/2001, o Curso de Museologia da UFPE apresenta uma estrutura curricular desenvolvida a partir de 4 eixos temáticos: Museologia e Patrimônio; Museologia e Sociedade; Museologia e Tecnologia; e Museologia e Gestão Cultural, com concentração em gestão de bens culturais.

Segundo o perfil curricular cadastrado no Siga/UFPE, a carga horária total é de 2.460h, sendo 2.200h de componentes obrigatórios e 240h eletivos; sendo que a essa C.H. de eletivos pode-se somar 60h de atividades complementares, restando assim 180h compostas de elementos eletivos livres, que podem ser aproveitados de qualquer curso da UFPE. O tempo de integralização mínimo é de 80 semanas, enquanto o tempo máximo permitido é de 140 semanas.

Figura 47: Perfil Curricular cadastrado no Siga/ UFPE – 2021

Consulta Perfil Curricular		
Perfil: 102.1-1		
Código INEP: 117388		
Descrição: BACHARELADO		
CURSO: MUSEOLOGIA		
Início da Validade: 2009.1		Término da Validade:
Data de Emissão: 08/09/2022 11:04		
Resumo Carga Horária do Perfil		
Carga Horária Total:	2460	
Carga Horária Obrigatória*:	2220	
Carga Horária Eletiva*:	240	
	Componentes Eletivos do Perfil:	0
	Componentes Eletivos Livres:	180
	Atividades Complementares:	60

Fonte: Relatórios Siga/UFPE-2021

O ciclo geral ou básico que corresponde ao primeiro período do curso de Museologia da UFPE é formado por cinco disciplinas: Antropologia e Museus I, História da Arte, Patrimônios – Museus e Memórias Sociais, **Teoria Museológica I** e **Tópicos Especiais em Museologia I**. Todas são obrigatórias, teóricas, com carga horária total de 60h e correspondendo a 04 créditos cada uma; não há pré-requisitos para nenhum componente deste ciclo. O segundo período é composto também por cinco disciplinas obrigatórias, teóricas, com carga horária total de 60h e correspondendo a 04 créditos cada uma: Antropologia e Museus II, Comunicação e Museus, Legislação Patrimonial, **Teoria do Conhecimento Aplicada à Museologia** e **Teoria Museológica II**. Apenas a disciplina Teoria Museológica II tem um pré-requisito que é a Teoria Museológica I. No terceiro período as disciplinas são: Conservação de Bens Culturais I, Educação e Museus, Etnomuseologia I, **Teoria dos Objetos e das Coleções**, **Teoria Museológica III**, única com um pré-requisito que é a Teoria Museológica II.

Do quarto ao sexto período as disciplinas obrigatórias são apenas quatro, pois a quinta deve ser um componente eletivo à escolha do discente. As obrigatórias do sexto período são: Conservação de Bens Culturais II, Documentação Museológica II, Etnomuseologia II e História das Artes. No quinto período são as seguintes disciplinas obrigatórias: Documentação Museológica II, Expografia I, História da Arte no Brasil e Objetos e Coleções Etnográficas. O sexto período abrange as disciplinas Cidade

Patrimônio e Musealização, Expografia II, Gestão e Planejamento em Museus e Problemas Centrais de Sociologia da Arte.

No sétimo período se iniciam as aulas do Estágio Supervisionado I, com 120h de aulas práticas e as demais, obrigatórias, com 60h: Curadoria de Exposição I, Patrimônio Natural e Científico e Trabalho de Conclusão de Curso I. Finalmente, no oitavo período além do Estágio Supervisionado II, há as seguintes obrigatórias: Políticas Culturais no Brasil, Tópicos Especiais em Museologia IV e Trabalho de Conclusão de Curso II.

Os componentes eletivos que poderão ser ofertados pelo curso de Museologia estão relacionados na figura 01. Porém, o mais comum é que os discentes optem por uma eletiva do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, que é noturno e habitualmente dispõe de vagas suficientes para a Museologia. São temas da área de Antropologia e quase sempre ministrados por docentes do DAM. As disciplinas mais ofertadas nos últimos anos foram: Antropologia Visual, Antropologia de Gênero e Antropologia da Educação; e ainda: Prática de Pesquisa, Antropologia e Patrimônio Imaterial, Arte Indígena, além das ofertadas pelo curso de Museologia como Tópicos Especiais I, cujos últimos temas foram: Ética e Prática Museológica (2019.1) e Bens Culturais e Ferida Colonial (2019.2).

O grande problema da falta de oferta de eletivas próprias do curso de Museologia se encontra na escassez de docentes no Departamento e especificamente na área de Museologia. Dessa forma, na distribuição das disciplinas do período são priorizadas as disciplinas obrigatórias, restando aos alunos buscarem alternativas para completar sua carga horária em outros cursos da UFPE, como Ciências Sociais, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Turismo e *etc.* Entretanto, o maior impeditivo para os alunos de Museologia cursarem muitas das eletivas existentes ocorre quando o curso é diurno, uma vez que a grande maioria estuda à noite e trabalha durante o dia.

As principais disciplinas teóricas²⁵ do Curso que se inserem com seus conteúdos nas discussões sobre o que é a museologia e o seu papel na sociedade estão marcadas acima em negrito, e um de seus programas, mostrado a seguir.

²⁵ Ver Anexo II

Figuras 48 e 49: Programa da Disciplina Museologia I – UFPE 2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO**

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒	Disciplina	☐	Prática de Ensino
☐	Atividade complementar	☐	Módulo
☐	Monografia	☐	Trabalho de Graduação

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒	OBRIGATÓRIO	☐	ELETIVO	☐	OPTATIVO
-------------------------------------	-------------	--------------------------	---------	--------------------------	----------

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária Semanal		Nº. de Créditos	C. H. Global	Período
		Teórica	Prática			
	Teoria Museológica I	X		04	60	1º.

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A especificidade do campo científico; museus e o(s) objeto(s) da Museologia; museu, teoria crítica e crítica literária; teoria museológica e a problemática sobre a memória; teoria museológica como teoria sobre o arquivo; experiência *Museo-lógica* como experiência técnica.

OBJETIVO (S) DO COMPONENTE

Geral:

- Oferecer ao aluno uma percepção sobre a Museologia e a teoria museológica como campo de saber em processo de constituição e dos elementos que devem concorrer para sua consecução efetiva.

Específicos:

- Traçar as singularidades do campo científico;
- Indicar as alternativas contemporâneas do campo;
- Problematicar a relação entre a teoria museologia e o dever de memória;
- Determinar as relações entre uma teoria sobre o arquivo e a teoria museológica;
- Apresentar a regência da técnica moderna e sua implicação sobre a *museo-lógica*.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada consiste, essencialmente, em Leitura, que para a disciplina, significa não somente as exposições analíticas e críticas sobre os elementos que estão em jogo em cada um dos autores, mas também momento de leituras dirigidas dos seus textos. Durante o percurso da disciplina, os discentes serão responsáveis por controlar a discussão através da captura de exemplos empíricos, e pela construção de ferramentas de análise capazes de lhe oferecer as condições de possibilidade para emergência de sua análise particular.

AValiação

- a) Prova presencial;
- b) Paper sobre as temáticas trabalhadas na disciplina,

ou

- c) Produção de arquivo sobre a disciplina [atendendo as orientações de C. W. Mills, referentes ao artesanato intelectual

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade 1:

- a) A museologia, credenciamento científico;
- b) Tendências teóricas em Museologia;
- c) *Museo-lógica* como objeto da teoria.

Unidade 2:

- a) Museologia e a memória do mundo;
- b) Teoria museológica como teoria sobre o arquivo;
- c) Sobre a técnica e a teoria museológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
BOURDIEU, Pierre. Por uma sociologia da ciência. Lisboa: Edições 70, 2008.
CRIMP, Douglas. Sobre as ruínas do museu. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.
DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
VÁRIOS AUTORES, Enciclopédia: 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADORNO, Theodor. Prismas: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Editora Ática, 2001.
BORGES, Jorge Luis. Prosa Completa. Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1
FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
SALOMON, Marlon. Saber dos arquivos. Goiânia-GO: Edições Ricochete, 2011.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
DE CURSO

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

Quadro 7: Perfil Curricular cadastrado no Siga/ UFPE – 2021

26/09/2021 01:32

SIG@

Curriculo [Perfis Curriculares do Curso](#)

Consulta Perfis Curriculares do Curso

Perfil: 102.1-1

Curso: MUSEOLOGIA

Data de Emissão: 26/09/2021 01:29

☐ Sem periodização

Componente Curricular	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☐ MUSL0035 - ANTROPOLOGIA DA IMAGEM DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM084 - ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM122 - ECOMUSEUS E POLÍTICAS DA NATUREZA DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ MUSL0038 - ELABORAÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	ELETIVO	0	120	0	120	8
☐ H1777 - HISTÓRIA DA CULTURA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM115 - HISTÓRIA DA ARTE II DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ LE716 - INTRODUÇÃO A LIBRAS DEPARTAMENTO DE LETRAS	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM123 - MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEA E ESPAÇOS PÓS-COLONIAIS DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM125 - MUSEU E CULTURA POPULAR DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ MUSL0027 - MUSEUS DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM128 - MUSEUS E EXPERIÊNCIA DIGITAL DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM126 - MUSEUS E O PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM129 - MUSEUS E POLÍTICA DAS ARTES DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM130 - MUSEUS E RURALIDADES DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM124 - MUSEUS, COMUNIDADES E PERIFERIAS DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM127 - PÓS-ESTRUTURALISMO E MUSEOLOGIA DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ AM119 - TÓPICOS ESPECIAIS EM CONSERVAÇÃO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	ELETIVO	0	30	30	60	3
☐ MUSL0015 - TÓPICOS ESPECIAIS EM MUSEOLOGIA III DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	ELETIVO	0	60	0	60	4
☐ MUSL0014 - TÓPICOS ESPECIAIS EM MUSEOLOGIA II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	ELETIVO	0	60	0	60	4

☐ Período: 1º

Componente Curricular	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☐ MUSL0002 - ANTROPOLOGIA E MUSEUS I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	1	60	0	60	4
☐ H1523 - HISTÓRIA DA ARTE DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA	OBRIGATÓRIO	1	60	0	60	4
☐ MUSL0007 - PATRIMÔNIOS - MUSEUS E MEMÓRIAS SOCIAIS DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	1	60	0	60	4
☐ MUSL0017 - TEORIA MUSEOLÓGICA I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	1	60	0	60	4

<https://siga.ufpe.br/ufpe/quadro.jsf>

1/3

- ☒ MUSL0013 - TÓPICOS ESPECIAIS EM MUSEOLOGIA I
DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

OBRIGATORIO 1 60 0 60 4

☐ Período: 2º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☒ MUSL0011 - ANTROPOLOGIA E MUSEUS II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	2	60	0	60	4
☒ MUSL0021 - COMUNICAÇÃO E MUSEUS DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	2	60	0	60	4
☒ DCP0001 - LEGISLAÇÃO PATRIMONIAL DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS	OBRIGATORIO	2	60	0	60	4
☒ DCP0002 - TEORIA DO CONHECIMENTO APLICADA À MUSEOLOGIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS	OBRIGATORIO	2	60	0	60	4
☒ DCP0003 - TEORIA MUSEOLÓGICA II DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS	OBRIGATORIO	2	60	0	60	4

☐ Período: 3º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☒ AM072 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS I DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	3	60	0	60	4
☒ AM073 - EDUCAÇÃO E MUSEUS DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	3	60	0	60	4
☐ AM074 - ETNOMUSEOLOGIA I DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	3	60	0	60	4
☒ AM075 - TEORIA DOS OBJETOS E DAS COLEÇÕES DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	3	60	0	60	4
☐ AM071 - TEORIA MUSEOLÓGICA III DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	3	60	0	60	4

☐ Período: 4º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☒ MUSL0032 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	4	60	0	60	4
☒ MUSL0024 - DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	4	60	0	60	4
☐ MUSL0023 - ETNOMUSEOLOGIA II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	4	60	0	60	4
☒ AR005 - HISTÓRIA DAS ARTES DEPARTAMENTO DE ARTES - CAC	OBRIGATORIO	4	60	0	60	4

☐ Período: 5º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☒ MUSL0025 - DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	5	60	0	60	4
☐ MUSL0030 - EXPOGRAFIA I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	5	60	0	60	4
☒ AM116 - HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	5	60	0	60	4
☒ MUSL0022 - OBJETOS E COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	5	60	0	60	4

☐ Período: 6º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
☒ AM118 - CIDADE PATRIMÔNIO E MUSEALIZAÇÃO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA	OBRIGATORIO	6	60	0	60	4
☒ MUSL0036 - EXPOGRAFIA II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	6	60	0	60	4
☒ MUSL0033 - GESTÃO E PLANEJAMENTO EM MUSEUS DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATORIO	6	60	0	60	4
☒ CS532 - PROBLEMAS CENTRAIS DA SOCIOLOGIA DA ARTE	OBRIGATORIO	6	60	0	60	4

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

- Período: 7º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
+ MUSL0028 - CURADORIA DE EXPOSIÇÃO I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	7	60	0	60	4
+ MUSL0037 - ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MUSEOLOGIA I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	7	0	120	120	4
+ MUSL0020 - PATRIMÔNIO NATURAL E CIENTÍFICO DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	7	60	0	60	4
+ MUSL0034 - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	7	60	0	60	4

- Período: 8º

Componente Curricular

	Tipo	Período	CH Teórica	CH Prática	CH Total	Créditos
+ MUSL0040 - ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MUSEOLOGIA II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	8	0	120	120	4
+ MUSL0031 - POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	8	60	0	60	4
+ MUSL0039 - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	8	60	0	60	4
+ MUSL0016 - TÓPICOS ESPECIAIS EM MUSEOLOGIA IV DIRETORIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	OBRIGATÓRIO	8	60	0	60	4

Resumo Carga Horária do Perfil

Carga Horária Total: 2460

Carga Horária Obrigatória*: 2220

Carga Horária Eletiva*: 240

Componentes Eletivos do Perfil: 0

Componentes Eletivos Livres: 180

Atividades Complementares: 60

Observações do Perfil: Nenhuma observação para o perfil

Fonte: Relatórios Siga/UFPE-2021

2.3.3 - Aprovação, Implantação e Implementação do Curso

Em outubro de 2007 foi aprovado, no âmbito do Conselho Universitário, o Projeto de Expansão da UFPE, com o propósito de sua inclusão no Programa REUNI do Governo Federal. Em janeiro de 2008 os professores Antonio Motta, Renato Athias e outros docentes do PPGA protocolaram o processo nº 23076.006223/2008-68, solicitando formalmente a criação do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPE. No dia 22 de abril de 2008, em sessão extraordinária do CCEPE - Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, foi aprovada e assinada pelo Reitor Amaro Henrique Pessoa Lins a Resolução nº 06/2008²⁶, autorizando a instituição de cinco novos cursos de graduação no *campus* de Recife²⁷, cujas atividades se iniciariam em 2009 com alunos aprovados na seleção do vestibular 2008. Ainda de acordo com essa resolução, o Bacharelado em

²⁶ Ver Anexo III

²⁷ Foi aprovada a criação dos seguintes cursos: Dança (licenciatura), Arqueologia, Ciência Política/Relações Internacionais, Cinema e Museologia (bacharelado)

Museologia teria duração mínima de 7 e máxima de 10 semestres, com carga horária plena de 2.460h e disponibilização de 30 vagas, exclusivamente no horário noturno.

Assim, a partir do segundo semestre de 2009, com trinta alunos selecionados pelo vestibular 2008, iniciam-se as aulas do primeiro Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, em princípio vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) e posteriormente, em 2010, passando a integrar o recém-criado Departamento de Antropologia e Museologia-DAM/CFCH, que abrigaria também o PPGA e o curso de graduação em Ciências Sociais. Um aspecto chama a atenção no tocante ao início das aulas do curso: estas não terem iniciado na primeira entrada, como os demais cursos criados na mesma época e inclusos na mesma resolução. Tal fato ocorreu devido aos concursos previamente realizados e que não obtiveram êxito, como será explicitado abaixo, o que resultou no adiamento das aulas para o mês de agosto de 2009, constando no vestibular como segunda entrada. o que não se repetiria nos anos seguintes, quando o curso se estabeleceu apenas na primeira entrada.

Os primeiros concursos para docente do novo curso de Museologia foram abertos ainda em 2008, para o preenchimento de apenas duas vagas para professor adjunto do magistério superior na área de Museologia, nas seguintes subáreas: Museologia Aplicada (01 vaga) e Teoria Museológica (01 vaga). De acordo com o edital nº 98 de 01 de outubro de 2008, publicado no D.O.U. nº 192, de 03/10/2008, seção 3, páginas 55 a 57, o perfil docente exigido era o seguinte: Livre-Docente ou Doutor na área do concurso ou em áreas afins e Graduação em Museologia. Porém, esses dois concursos foram encerrados em 19 de dezembro de 2008 em assembleia do Conselho Departamental do CFCH, pelo motivo de não ter havido candidatos inscritos. A decisão foi publicada posteriormente no Boletim Oficial da UFPE nº 79 de 30 de dezembro de 2008. E por essa razão o curso, que seria primeira entrada, foi redirecionado para a segunda entrada exclusivamente no vestibular 2009, conforme dito acima.

Houve dessa forma tempo hábil para que uma equipe pudesse planejar e trabalhar para que se realizassem cinco concursos para a composição inicial do corpo docente efetivo do curso. Vale ressaltar que o número de cinco vagas concedido pelo Reitor era bastante irrisório para uma nova área na região. Além do quê, houve uma participação inicial de pouquíssimos docentes do PPGA nas salas de aula, divergindo da proposta que consta no PPC do curso, e a insuficiência de profissionais especialistas em Museologia pôde ser amplamente percebida logo nos primeiros semestres do curso.

Assim, no período entre maio e junho de 2009, agora com o perfil alterado para professor assistente e exigindo-se: Mestrado em Museologia ou em áreas afins; área de Museologia, foram instituídas as seguintes subáreas dos concursos para preencher as vagas existentes: Exposição, Conservação, Documentação, Teoria Museológica e

Comunicação e Educação em Museus. Deve-se ainda salientar que alguns destes concursos ocorreram de forma simultânea, em 5 auditórios distribuídos entre o 4º e 13º andares do prédio do CFCH, o que acarretou maior demanda de todos os envolvidos na organização e coordenação dos mesmos. Dentre estes destacaram-se, além do Prof. Antonio Motta, os primeiros servidores técnicos recém-concursados: Andson Nunes da Silva (técnico em assuntos educacionais) e Maria Luciana Ferreira Neves (assistente em administração), nomeados em janeiro de 2009 e designados para trabalhar especificamente na Coordenação do Curso de Museologia/CFCH.

Segue um resumo dos primeiros concursos para professor assistente do magistério superior na área de Museologia, com as respectivas subáreas, períodos, banca examinadora, nome e perfil de cada um(a) dos(as) aprovados(as) à época da ocorrência dos concursos.

Quadro Nº. 08 – Concursos de Museologia para a composição do Corpo Docente - 2009

Subáreas	Período	Banca Examinadora (Nome/Instituição)	Candidato(a) Aprovado(a)	Perfil resumido
EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM MUSEUS	11 a 14.05. 2009	Yára Mattos / UFOP, Marília Azambuja Ribeiro/ UFPE e Ciema Silva Mello / FUNDAJ	FRANCISCO SÁ BARRETO DOS SANTOS	Graduação em História (UFPE), Mestrado em Comunicação (UFPE) e Doutorado em Sociologia (UFPB) lattes.cnpq.br/9540143124044744
CONSERVAÇÃO	12 a 15.05. 2009	Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares / UFRJ, Ana Catarina Torres Ramos / UFPE e Paulo Souto Maior / UFPE	FRANCIZA LIMA TOLEDO	Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPE), Especialização em Conservação de pinturas e esculturas (UFMG) e Doutorado em Museologia (University of London) lattes.cnpq.br/4933711349232973
DOCUMENTAÇÃO	12 a 15.05. 2009	Tânia Neumann Kaufman / UFPE, Rita de Cássia Barbosa / UFBA e Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares / UFRJ	EMANUELA SOUSA RIBEIRO	Graduada em História (UFRPE), Mestrado e Doutorado em História (UFPE) lattes.cnpq.br/5058999330254035
EXPOGRAFIA	25 a 28.05. 2009	Heloisa Helena Fernandes Gonçalves Costa / UFBA, Marília de Azambuja Ribeiro / UFPE e Kátia Medeiros de Araújo /UFPE	ELAINE MÜLLER	Graduação em Ciências Sociais (UFSC), Mestrado e Doutorado em Antropologia (UFPE) lattes.cnpq.br/9010135177015707
TEORIA MUSEOLÓGICA	08 a 10.06. 2009	Bartira Ferraz Barbosa / UFPE, Mário de Sousa Chagas / UNIRIO e Ciema Silva Mello /FUNDAJ	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Graduação em História (FUNESO), Mestrado em História (UFPE) e Doutorado em Sociologia (UFPE) lattes.cnpq.br/4124600672106627

Fonte: Arquivo da secretaria da Coordenação do Curso de Museologia – DAM/UFPE

O processo seletivo de seleção da 1ª. turma de discentes se deu através do exame vestibular realizado pela COVEST/COPSET²⁸ em 2009, com a disponibilidade de 30 vagas no turno noturno para a 2ª. entrada, conforme estabelecido pela Resolução nº 09/2008, aprovada pelo CCEPE - Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da UFPE. Vale destacar que o interesse pelo novo curso foi despertado, uma vez que todas as 30 vagas disponibilizadas foram preenchidas. Assim, no dia 04 de agosto de 2009 houve a cerimônia da Aula Inaugural do Curso de Museologia, realizada no Museu do Homem do Nordeste - MUHNE da Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, com uma palestra do Prof. Dr. Mário de Souza Chagas, na ocasião como representante do IBRAM. A palestra homenageou o museólogo Aécio de Oliveira, primeiro diretor do MUHNE e profissional de grande importância na história da museologia brasileira.

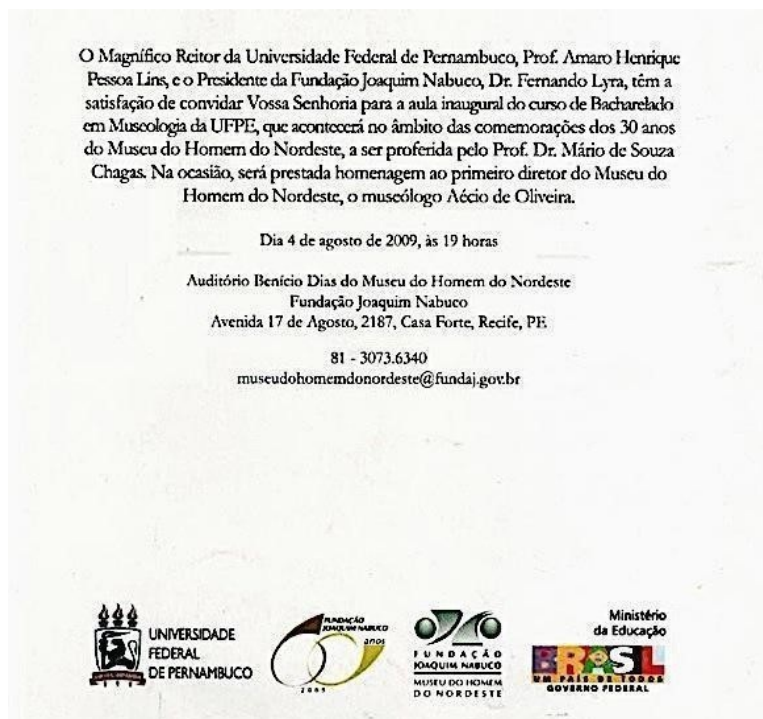
Figura 50– Convite da aula inaugural do curso de Museologia/UFPE –2009 (frente)



Fonte: Arquivo da Secretaria do DAM – 2021

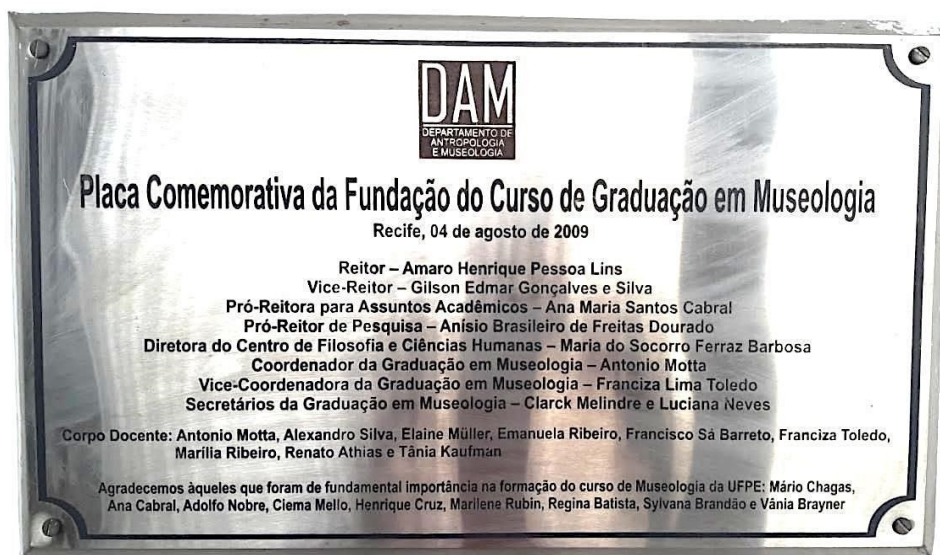
²⁸ COVEST/COPSET - entidade de direito privado que atua na realização de concursos vestibulares, seleções e treinamentos de órgãos públicos, vinculada à FADE – Fundação de Apoio à UFPE.

Figura 51– Convite da aula inaugural do curso de Museologia/UFPE - 2009 (verso)



Fonte: Arquivo da Secretaria do DAM – 2021

Fig. 52 - Placa comemorativa da inauguração do curso afixada nas dependências do 13º andar do CFCH/UFPE



Fonte: arquivo celular Luciana Neves – 2020

As aulas se iniciaram no período 2009.2, de segunda a sexta-feira, no horário das 18h50 às 22h10, para a turma de 30 alunos. Porém enquanto não era concluído o novo prédio do NIATE – Núcleo Integrado de Atividades de Ensino do CFCH - concebido através

do REUNI para abrigar as salas de aula e laboratórios dos novos cursos de graduação, as turmas foram abrigadas provisoriamente nos auditórios do PPGA, localizados no 13º andar e em salas cedidas pela diretoria do CFCH. Como as aulas da pós-graduação ocorriam nos períodos da manhã e da tarde e as aulas de museologia seriam no período noturno deduziu-se que não ocorreriam choques com o uso dos auditórios do PPGA, o que infelizmente não se confirmaria, pois algumas vezes as aulas da pós-graduação em Antropologia prolongavam-se, fazendo com que a turma da Museologia não tivesse acesso à sala enquanto o/a professor/a não concluísse seu raciocínio. Tais inconvenientes sucederam-se também com eventos atrelados à coordenação do PPGA, como seminários ou palestras noturnas e agendadas sem comunicação prévia à coordenação ou à secretaria de Museologia, que por sua vez tinha que ir em busca de salas disponíveis em outros departamentos na última hora. No entanto, todos os contratempos se resolveram com o tempo e atualmente há um melhor entrosamento entre as duas coordenações, que dividem harmoniosamente os espaços comuns ao departamento.

Os professores designados para lecionar no primeiro período da primeira turma do Bacharelado em Museologia da UFPE foram Antonio Motta, Franciza Toledo, Alexandro Silva de Jesus, Marília Azambuja Ribeiro/PPGH e Tânia Kaufman/PPGA, conforme descrito no quadro abaixo.

Quadro No. 09 - Horário de Aulas - 1º. Período Museologia 2009.2



Horário de aulas - 1º Período – Museologia – 2009.2

Dias/Horários	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
18:50h - 19:40h	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman)	HIS23 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Antonio Motta)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)
19:40h - 20:30h	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman)	HIS23 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Antonio Motta)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)
20:30h - 21:20h	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman)	HIS23 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Antonio Motta)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)
21:20h - 22:10h	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman)	HIS23 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Antonio Motta)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)

Fonte: Arquivo da Secretaria da Coordenação do Curso de Museologia – DAM/UFPE-2010

Vale ressaltar que apenas os concursos de Conservação e de Teoria Museológica já haviam sido homologados na ocasião, por isso os demais docentes recém-concursados só passariam a atuar em salas de aula a partir de 2010.1.

As aulas foram realizadas em blocos com uma disciplina por dia da semana, e carga horária de 4h/aula semanais por disciplina. Em 2010.1 houve uma alteração nos

horários diários e estes passaram a ser divididos entre duas disciplinas por noite, como uma experiência para constatar se haveria alguma melhoria em relação à assiduidade dos alunos, o que não se confirmou. Por essa razão, a partir de 2010.2 e em comum acordo entre alunos e docentes, retomou-se o horário inicial com uma disciplina por noite, o qual vigora até o presente momento.

Quadro No. 10 - Horário de Aulas - 1º. Período Museologia 2010.1



Reunião do Corpo Docente realizada no dia 27/11/09 - Sobre o Semestre 2010.1

Horário de aulas - 1º Período - Museologia

Dias/Horários	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
18:50h - 19:40h	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)	HI523 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman/Antonio Motta)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Francisco Sá/Emanuela Ribeiro)
19:40h - 20:30h	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)	HI523 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman/Antonio Motta)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Francisco Sá/Emanuela Ribeiro)
20:30h - 21:20h	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman/Antonio Motta)	HI523 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Francisco Sá/Emanuela Ribeiro)	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)
21:20h - 22:10h	MUSL0002 - Antropologia e Museus I (Tânia Kaufman/Antonio Motta)	HI523 - História da Arte (Marília Azambuja)	MUSL0013 - Tópicos Especiais em Museologia I (Francisco Sá/Emanuela Ribeiro)	MUSL0007 - Patrimônios - Museus e Memórias Sociais (Franciza Toledo)	MUSL0017 - Teoria Museológica I (Alexandro Silva)

Curso de Bacharelado em Museologia
CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Cidade Universitária - Recife - Av. Acadêmico Hélio Ramos s/n, 13º andar, CEP - 50670-901
Fone: (081) 2126 8286 e-mail: museologia@ufpe.br

1

Fonte: Arquivo da Secretaria da Coordenação do Curso de Museologia-2010

Sobre a estrutura física inicial do curso pode-se dizer que se resumia numa única sala que abrigava a coordenação e a secretaria, localizada no 4º andar e cedida pela diretoria do CFCH. Passados alguns meses, algumas salas no 13º andar, onde situava-se a Pós-Graduação em Antropologia, foram sendo desocupadas. Este processo contou com a valorosa contribuição da Profa. Franciza Toledo, que foi a responsável pelo projeto de reorganização das salas existentes no local; e pouco a pouco a graduação fincou seus alicerces nos espaços antes exclusivos do PPGA, consolidando o Departamento de Antropologia e Museologia. Assim, todos professores puderam ter salas, ainda que divididas com algum colega. A secretaria da Coordenação de Museologia também se estabeleceu no 13º andar aproveitando a infraestrutura já existente (banheiros, copa, auditórios, almoxarifado e sala de espera); foi disponibilizada uma sala para a instalação

provisória do laboratório de conservação e restauração, montado e coordenado pela própria Franciza para as aulas práticas²⁹.

Em relação ao mobiliário, equipamentos de informática e de consumo básico para a secretaria foram adquiridos pelo Centro, que os distribuiu entre os três cursos recém criados (Museologia, Arqueologia e Ciência Política). Havia ainda uma verba do REUNI para a montagem dos três laboratórios da Museologia, a saber: LACOPRE³⁰ - Laboratório de Conservação Preventiva (DAM/UFPE); EXPOLAB - Laboratório de Expografia; e LAM - Laboratório de Multimídia - que seriam construídos no prédio do NIATE e entregues apenas em 2012; uma grande parte da verba foi destinada à compra de equipamentos e materiais para o LACOPRE, conforme detalhado pelo planejamento realizado pela Profa. Franciza Toledo, com a colaboração do Prof. Antonio Motta e da Profa. Emanuela Ribeiro.

Com a inauguração do Departamento de Antropologia e Museologia no dia 21 de outubro de 2010, passaram a funcionar numa sala maior as duas secretarias: da Coordenação de Museologia e da Chefia do Departamento. O desmembramento em duas salas distintas só ocorreu em 2014, após a visita do MEC para a primeira avaliação e reconhecimento do curso³¹.

Figura 53: Placa comemorativa da fundação do DAM



Fonte: Foto de Bruno Araújo – dez. 2020

Ao final do ano de 2010 todos os que fazem a Museologia em Pernambuco, em especial os corpos técnico, docente e discente do DAM, foram surpreendidos com o falecimento da Profa. Franciza Toledo, única docente museóloga e grande colaboradora do início do curso em Recife. A inestimável contribuição de Franciza foi reconhecida por

²⁹ Com a instalação do LACOPRE no prédio do NIATE, essa sala foi denominada AMEFT – Ambiente Museológico Franciza Toledo e abriga as duas museólogas e um técnico em assuntos educacionais

³⁰ Antigo LACER - Laboratório de Conservação e Restauro

³¹ O curso foi avaliado pelo MEC com conceito 4 e uma das recomendações foi a premência de se conseguir uma sala própria para a coordenação

alunos e colegas e encontra-se materializada nas dependências do DAM, numa placa em sua homenagem afixada pelos concluintes da primeira turma de Bacharelado em Museologia da UFPE – 2013.

Figura 54: Placa comemorativa da 1ª. turma de bacharéis em museologia da UFPE homenageando a Professora Franciza Toledo – 2013



Fonte: Foto Luciana Neves – 23 Dez. 2020

Da turma de 30 ingressantes no ano de 2009 foram diplomados 19 alunos, a saber: Anderson Clayton de Lima Santos, Arlindo Francisco da Silva Filho, Cíntia Maria Rodrigues do Nascimento, Fábio Cruz da Cunha, Flávio Pereira do Amaral, Heloiza Montenegro Barbosa, Izadora Rayane Bento Araújo, Jéssica Francielle da Silva, José Rogério de Oliveira Campos, Juliane Avelino Luna Varjão, Lucineide Alves Brasil, Manoela Edna de Lima, Maria da Conceição Santos Wanderley, Maria das Vitórias Matoso Távora, Maria Tereza de Miranda Lyra, Michel Duarte Ferraz, Roberta Siqueira Tavares, Rosélia Adriana Barbosa da Rocha e Vivianne Ribeiro Valença.

Infelizmente nesta dissertação não será possível mapear o destino de cada um desses museólogos, sendo essa uma pesquisa bastante interessante a ser realizada futuramente. Temos ciência da situação atualizada de alguns desses egressos da primeira turma que prosseguiram na área acadêmica: Manoela Edna de Lima é Mestre em Museologia e Patrimônio no PPG-PMUS, UNIRIO/MAST e presentemente cursa o Doutorado no mesmo Programa; Cíntia Maria Rodrigues do Nascimento concluiu o Mestrado em Ciência da Informação no PPGCI – UFPE, Museóloga da Universidade

Federal de Alagoas – UFAL e integra a turma de 2020 do Doutorado em Museologia e Patrimônio no PPG-PMUS, UNIRIO/MAST; José Rogério de Oliveira Campos concluiu o Mestrado e está finalizando o Doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciência dos Materiais – UFPE; e Vivianne Ribeiro Valença, que fez mestrado em Antropologia no PPGA-DAM-UFPE, Doutorado em Museologia e Patrimônio no PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Museóloga do Ecomuseu Ilha Grande da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ e Coordenadora do Museu do Cárcere, um dos núcleos da mesma instituição.

Figura 55: Homenagem da Assembleia Legislativa de Pernambuco aos primeiros museólogos da UFPE – 2013



Fonte: Arquivo da Profa. Emanuela Araújo – 2013

Vale aqui ressaltar que a vaga de Franciza ficou em aberto até que se realizasse um novo concurso; porém, devido à necessidade urgente de outro professor, optou-se pela realização de uma seleção simplificada para professor substituto, realizada em março de 2011, através do Edital nº 16, de 17 de fevereiro de 2011 (DOU nº. 35 de 18 de fevereiro de 2011). Esta seleção teria como primeira professora substituta contratada para o curso de Museologia da UFPE a museóloga Ana Cláudia de Oliveira Santos (UFBA), que concorreu com outros 17 candidatos inscritos. E antes mesmo do término do seu contrato, Ana Claudia foi aprovada em 2012 no concurso para servidores efetivos da UFPE e assumiu uma das duas vagas de museólogos do DAM onde permanece até hoje, atuando na supervisão de estágios curriculares, juntamente com a museóloga Maria Cristina de

Freitas Gomes - nomeada em janeiro de 2014 para a vaga aberta por pedido de vacância de seu antecessor, o museólogo Marcelo Sá de Souza, que foi aprovado e nomeado em abril de 2013 no concurso para museólogo da Câmara dos Deputados em Brasília.

Faz-se necessário ainda pontuar que no período entre 2011 e 2014 o curso da UFPE contou com a importante colaboração do técnico em conservação Eutrópio Bezerra, cedido em caráter temporário pela FUNDAJ para auxiliar, com sua experiência, o curso de Museologia da UFPE, especificamente junto aos professores que sucederam Franciza Toledo nas aulas práticas de conservação e restauro. Até que em outubro de 2012 houve a realização do concurso para professor assistente para a área de Museologia, subárea Conservação, que levou o (até então) aluno do curso de museologia Bruno Araújo a candidatar-se à vaga existente. Aprovado no concurso, passou a integrar o corpo de docentes efetivos do DAM a partir de 2013, onde permanece lotado atualmente³².

Conforme já citado, os laboratórios do prédio do NIATE foram entregues no ano de 2012 e suas estruturas contêm todo o material necessário para a aprendizagem dos alunos nas aulas práticas de Conservação Preventiva e Restauro no LACOPRE e de Expografia no EXPOLAB, além de oferecer todos os meios digitais para auxiliar alunos e docentes em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão no LAM. Esses laboratórios possuem como coordenadores três professores e como vice-coordenadores três técnicos especializados (01 museóloga no LACOPRE, 01 museóloga no EXPOLAB e um Técnico em T.I. no LAM). A maior parte dos equipamentos do LACOPRE foi adquirida pela Pró-Reitoria de Gestão da UFPE – PROGEST, ao longo de três anos. Além de tombados, esses equipamentos encontram-se registrados numa planilha elaborada no ano de 2015 pela museóloga Cristina Freitas, com apoio do Prof. Bruno Araújo e da aluna e estagiária Pollynnne Santana.

³² Apesar de aluno da graduação em museologia, Bruno Araújo já era graduado e mestre em História (UFRPE) e concorreu legitimamente para a vaga aberta de professor assistente. Aprovado em terceiro lugar e com as desistências do primeiro e do segundo colocados foi então nomeado, interrompendo assim o seu segundo curso de graduação. Em 2019 obteve o título de Museólogo com a conclusão do doutorado em Museologia (PPG-PMUS/UNIRIO/MAST).

Figura 56: Prof. Bruno Araújo montando os equipamentos no LACOPRE-2015



Fonte: Relatório do LACOPRE por Cristina Freitas/DAM –2015

Figura 57: Visão do LACOPRE/DAM –2015



Fonte: Relatório do LACOPRE por Cristina Freitas/DAM –2015

Figura 58- Aula prática no LACOPRE/DAM/UFPE – 2015



Fonte: Relatório do LACOPRE por Cristina Freitas/DAM– out.de 2015

2.3.4 – O lugar da Teoria Museológica na estrutura curricular do Curso

Os perfis das disciplinas teóricas do curso estão concentrados dentro da estrutura elaborada pelo PCC no eixo temático 4: Museologia e Patrimônio. Estão divididas em Teoria Museológica I, Teoria Museológica II, Teoria Museológica III, Teoria dos Objetos e das Coleções, Teoria do Conhecimento Aplicada à Museologia e Tópicos Especiais em Museologia I.

Quadro Nº 11 - Perfil Curricular de Teoria Museológica I, II e III - 2009

Teoria Museológica I					
TIPO	PERÍODO	C.H. TOTAL	CRÉDITOS	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITOS
Obrigatório	1º	60	04	MUSL0017	Não possui
Ementa: Estudos sobre valores cognitivos e artísticos dos patrimônios histórico, arquitetônico e urbano e suas relações com a história, com a memória e com o tempo. Conceitos de monumento e patrimônio histórico. Museus e museologia no sistema das ciências naturais e sociais. A tecnologia no museu e o museu como tecnologia. Relações entre museus, museologia e o pensamento social brasileiro. Museologia e desenvolvimento social.					
Teoria Museológica II					
TIPO	PERÍODO	C.H. TOTAL	CRÉDITOS	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITOS
Obrigatório	2º	60	04	DCP0003	MUSL0017
Ementa: Não existe ementa cadastrada no sistema sig@ da UFPE					
Teoria Museológica III					
TIPO	PERÍODO	C.H. TOTAL	CRÉDITOS	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITOS
Obrigatório	3º	60	04	AM071	DCP0003
Ementa: A constituição de uma crítica diferenciada para uma museologia em espaços pós-coloniais. Discriminação de aspectos teóricos e metodológicos capazes de determinar a teoria museológica como atividade de diagnóstico da atualidade. Construção do objeto da teoria museológica. Teoria museológica como observatório das relações entre cultura e sociedade.					

Fonte: Relatório do Sistema Siga/UFPE - 2021

Através de um levantamento demonstrado no quadro abaixo, pode-se observar a rotatividade e perfis dos docentes responsáveis pelas disciplinas Teoria Museológica I, II e III no período compreendido entre 2009 e 2019. Vale destacar que o docente efetivo concursado para a subárea Teoria Museológica foi Alexandro Silva de Jesus, e este seria o responsável por ministrar as três disciplinas na maior parte do período em destaque. As

duas únicas museólogas que ficaram responsáveis temporariamente por essas disciplinas foram aprovadas em seleções para professor substituto realizadas em 2018, sendo ambas egressas do curso da UFPE, Manoela Lima e Camila Moraes³³.

Quadro Nº 12 – Docentes das disciplinas de Teoria Museológica 2009 - 2019

DISCIPLINA (CÓDIGO)	PERÍODO	DOCENTE	VÍNCULO	FORMAÇÃO
TEORIA MUSEOLÓGICA I (MUSL0017)	2009.2	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Efetivo	Historiador e Sociólogo
	2010.1			
	2011.1			
	2012.1			
	2013.1			
	2014.1			
	2015.1	CAETANO DE CARLI COSTA	Substituto	Sociólogo
	2016.1	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Efetivo	Historiador e Sociólogo
	2017.1			
	2018.1	MANOELA EDNA DE LIMA	Substituto	Museóloga
	2019.1			
TEORIA MUSEOLÓGICA II (DCP003)	2010.1	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Efetivo	Historiador e Sociólogo
	2010.2			
	2011.2			
	2012.2			
	2013.2			
	2014.2	DANIEL DE SOUZA LEÃO VIEIRA	Efetivo	Historiador
	2015.2	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Efetivo	Historiador e Sociólogo
	2016.2			
	2017.2			
	2018.2	MANOELA EDNA DE LIMA	Substituto	Museóloga
	2019.2	CAMILA MARIA DE MORAES SANTOS	Substituto	Museóloga
TEORIA MUSEOLÓGICA III (AM071)	2010.2	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Efetivo	Historiador e Sociólogo
	2011.1			
	2012.1			
	2013.1			
	2014.1	VICTOR DE OLIVEIRA RODRIGUES	Substituto	Sociólogo
	2015.1	CAETANO DE CARLI COSTA	Substituto	Sociólogo
	2016.1	ALEXANDRO SILVA DE JESUS	Efetivo	Historiador e Sociólogo
	2017.1	FRANCISCO SA BARRETO DOS SANTOS	Efetivo	Sociólogo
	2018.1	CAMILA MARIA DE MORAES SANTOS	Substituto	Museóloga
	2019.1			

Fonte: Relatório do Sistema Siga/UFPE – 2021

Serão utilizados como comparativos para essa dissertação os atuais programas das disciplinas com conteúdo de Teoria Museológica do curso de Museologia da UFPE, assim como dois dos planos de aula das disciplinas Teoria Museológica I, II e III

³³ O Prof. Bruno Araújo, doutor em Museologia e Patrimônio, ficou responsável pelas três disciplinas após o seu retorno do Rio de Janeiro em 2019. Segundo ele, isto possibilita ao professor dar continuidade e se aprofundar no tema, a cada período e com a mesma turma.

repassados pelo docente responsável em 2020.3, o Prof. Bruno Araújo. Segue o Plano de aula utilizado em 2020.3 da disciplina Teoria Museológica I³⁴.

Figura 59 a 61: Programa e Plano de aula da disciplina Teoria Museológica I-UFPE-2020

		PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA DE TEORIA MUSEOLÓGICA I			
UFPE PROACAD DGA		PERÍODO LETIVO 2020.3			
		DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA			
DISCIPLINA		CARGA HORÁRIA		CRÉD	
CÓDIGO	NOME	TEÓRICA	PRÁTICA		
	TEORIA MUSEOLÓGICA I	60		04	
TURMA					
IDENTIFICAÇÃO		CURSOS QUE ATENDE		PERÍODO	
		BACHARELADO EM MUSEOLOGIA		1º	
HORÁRIO		PROFESSOR		No. DE SUB-TURMAS	
QUARTA-FEIRA NOITE		BRUNO ARAÚJO			
EMENTA					
MUSEUS E MUSEOLOGIA NO SISTEMA DAS CIÊNCIAS NATURAIS E SOCIAIS. RELAÇÕES ENTRE MUSEUS, MUSEOLOGIA E O PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO. MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL.					
OBJETIVOS					
A disciplina visa apresentar questões relacionadas ao desenvolvimento da Museologia como disciplina e/ou campo do conhecimento, da sua gênese aos aspectos teórico-metodológicos. Enfatiza as questões emergentes do campo, colocando em debate a atualidade de certas questões frente à episteme contemporânea.					
METODOLOGIA					
Nossa metodologia consistirá em um conjunto de atividades síncronas e assíncronas. Semanalmente desenvolveremos 5 horas de atividades remotas, com duração de até 2 horas para atividades síncronas e até 3 horas de atividades assíncronas. Cada atividade encontra-se detalhada no Programa de estudos e utilizaremos as ferramentas do pacote GSuite, utilizada na UFPE.					
As aulas serão ministradas, de acordo com a resolução 08/2020 – CEPE, contendo atividades síncronas (40%) e assíncronas (60%), respeitando o limite de 120 minutos síncronos. As aulas serão ministradas considerando 60 minutos (horas relógio).					
Serão utilizados os recursos do Google Classroom (código da turma: jylp5k7) a fim de que todo conteúdo e atividades esteja na mesma plataforma e disponível para os alunos e docentes.					
- Leitura e fichamento de textos; - Produção Textual; - Acesso a produção audiovisual (filmes, podcasts e vídeos no youtube)					
FORMAS DE AVALIAÇÃO					
A primeira avaliação consistirá em uma prova que o aluno terá uma semana para responder.					
A segunda avaliação consistirá na produção de um vídeo/áudio. Os alunos deverão apresentar um material que discuta o que é o museu e a museologia e como eles se manifestam em nosso cotidiano.					
UNIDADES PROGRAMÁTICAS					
DATA (DIA/MÊS)	CONTEÚDO		CARGA/HORÁRIA		PROF
			TEÓRICA	PRÁTICA	RESP.
26.08.2020	Apresentação da ementa/ discussão sobre a metodologia de trabalho e avaliações Teoria: o que é isso? / configuração de um campo disciplinar	Atividade assíncrona: Fichamento do texto (Museologia no mundo Contemporâneo)	05		Bruno Araújo

³⁴ Os demais programas de Tópicos Especiais em Museologia I, Teoria Museológica II e Teoria Museológica III utilizados para a análise desta pesquisa encontram-se nos Anexos.

02.09.2020	SHEINER, Tereza. Museu e Museologia -Definições em processo, 2005. RANGEL, Marcio. A museologia no mundo contemporâneo. Ci. Inf., Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.408-418, set./dez., 2013	Atividade assíncrona: Fichamento do texto (Museu e Museologia: definições em processo)	05		Bruno Araújo
09.09.2020	O que é Museu? Definições e conceitos	Atividade assíncrona: Vídeo no youtube sobre o que é Museu?	05		Bruno Araújo
16.09.2020	Uma história dos museus e dos seus processos	Atividade assíncrona: Pesquisar um museu da cidade e pensar quais interesses na sua construção (qual proposta, para quem foi construído?...)	05		Bruno Araújo
23.09.2020	FOUCAULT. Michel. As palavras e as coisas. (A prosa do mundo)	Atividade assíncrona: Fichamento	05		Bruno Araújo
30.09.2020	Ciência, Consciência planetária, interiores IN: PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. EDUSC.	Atividade assíncrona Pesquisa sobre Sarah Baartman (Vênus Negra):	05		Bruno Araújo
07.10.2020	SCHWARZ, Lilia Moritz. <i>O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930</i> . São Paulo, Companhia das Letras, 1993. (capítulo 03 – Museus etnográficos brasileiros: “polvo é polvo, molusco também é gente”	Atividade assíncrona: Será entregue atividade avaliativa a ser entregue na semana seguinte			
14.10.2020	Verbete coleção (conceitos chave da Museologia) Verbete Coleção (Enciclopédia Einaudi)	Atividade assíncrona: Produzir um inventário pessoal das suas coleções. Como foi colecionado? O que significa?	05		Bruno Araújo
21.10.2020	Musealização (conceitos chave da Museologia) Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro e José Mauro Matheus Loureiro, « Documento e musealização: entretecendo conceitos », <i>MIDAS</i> [Online], 1 2013, posto online no dia 01 abril 2013, consultado no dia 13 março 2020. URL: http://journals.openedition.org/midas/78 ; DOI: https://doi.org/10.4000/midas.78	Atividade assíncrona: Pesquisar práticas de musealização de bens culturais (Artes, ciência, natureza, entre outros)	05		Bruno Araújo
28.10.2020	Musealidade (conceitos chave da Museologia) / SOARES, Bruno Brulon. <i>Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno</i> . An. mus. paul. vol.25 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2017	Atividade assíncrona: Leitura	05		Bruno Araújo

04.11.2020	Museologia, Patrimônio e Valores ARAÚJO, B. M.; GRANATO, M. Da axiologia à museologia: o conceito de valor em reflexão. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação , n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: < http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103192 > BORGES, Luiz C., CAMPOS, Marcio D'Olne. <i>Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência</i> . ICOFOM LAM, 2012.	Atividade assíncrona: Leitura	05		Bruno Araújo
11.11.2020	SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. <i>Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.</i> , Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012 VIANA, K. M.; SCHEINER, T. C. M. Museu e indivíduo globalizado no instagram. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação , n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: < http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121941 >	Atividade assíncrona: Produção de vídeo ou áudio	05		Bruno Araújo
ARAÚJO, B. M.; GRANATO, M. Da axiologia à museologia: o conceito de valor em reflexão. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: < http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103192 > BORGES, Luiz C., CAMPOS, Marcio D'Olne. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. ICOFOM LAM, 2012. FLAUBERT, Gustave. Bouvard e Pécuchet. São Paulo, Estação Liberdade, 2007. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. MENESES, Ulpiano. A exposição museológica e o conhecimento histórico. IN: FIGUEREDO, Betânia; VIDAL, Diana. Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna. Belo Horizonte, MG: Argumentum, DF: Cnpq, 2005. RANGEL, Marcio. A museologia no mundo contemporâneo. Ci. Inf., Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.408-418, set./dez., 2013. SCHWARZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. SOARES, Bruno Brulon. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. An. mus. paul. vol.25 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2017. SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012. VIANA, K. M.; SCHEINER, T. C. M. Museu e indivíduo globalizado no instagram. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: < http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121941 >.					

Fonte: Arquivo do Prof. Bruno Araújo no siga

2.4 - Considerações

O Curso de Museologia da UFPE foi organizado com empenho, bem elaborado e contou com o apoio de uma equipe de profissionais com experiência na área, principalmente de museólogos formados na UNIRIO. Com os recursos disponíveis através do Plano REUNI do MEC conseguiu montar laboratórios importantes, como o Laboratório de Conservação e Preservação, para o desempenho de atividades práticas. Porém, o quadro de docentes planejado com apenas cinco vagas para um curso que está iniciando uma área nova na universidade foi deveras insuficiente. Outros cursos que foram criados na mesma época, dentro da própria UFPE, tiveram um número de vagas bem superior ao da Museologia; além disso, a maioria dos candidatos aprovados para essas novas vagas não eram museólogos e poucos tinham experiência na área; apenas uma aprovada nos concursos era museóloga e atuante da área de conservação: a professora Franciza Toledo, que veio a falecer em 2010, apenas um ano após o início do curso de Museologia. Assim, o quadro de docentes efetivos seguiu sem um professor titulado em Museologia até 2019, quando o Prof. Bruno Araújo que assumiu a vaga de Franciza num concurso para assistente realizado em 2012, e que até então era Mestre em História, finalizou o seu Doutorado em Museologia e Patrimônio no PPG-PMUS/UNIRIO-MAST.

Atualmente, o DAM totaliza em seus quadros 25 docentes, sendo 21 efetivos e 04 substitutos; e destes, 18 são antropólogos, 2 sociólogos, 2 historiadores e 3 museólogos sendo apenas um museólogo efetivo. Dentre os demais integrantes, alguns não se identificam com a Museologia e preferem atuar junto aos cursos de graduação em ciências sociais e no PPGA. Tal situação ocasionou uma crescente repetição de docentes nas salas de aula da Museologia, fato que se encontra registrado nas atas das reuniões do Pleno do Departamento³⁵, onde desde sempre se discutiu a necessidade premente da contratação de mais museólogos; o tema se insere como ponto de pauta frequente, ocasionando o envio de vários memorandos ao gabinete do reitor. Em geral surgiram raras ofertas de vagas, quando muito apenas para prover alguma aposentadoria compulsória do próprio departamento. A saída foi recorrer às seleções simplificadas para contratar substitutos cujo perfil é condicionado à graduação em museologia, e que muitas vezes são egressos do próprio curso da UFPE; ou museólogos graduados por outras instituições e que deverão ser substituídos a cada quatro semestres, que é o prazo máximo do contrato. Assim, o problema do departamento vem sendo solucionando provisoriamente já há mais de dez anos. Por outro lado, tal situação propicia oportunidades únicas de experiência no magistério superior para os egressos dos cursos de museologia e do mestrado em antropologia. No momento as 4 vagas de professores substitutos concedidas pela UFPE ao DAM são preenchidas por dois museólogos e dois antropólogos – os quais, por suas vivências curriculares, também possuem habilidades para lecionar disciplinas em turmas da museologia, uma vez que são favorecidos pelo viés antropológico do curso.

Portanto, o grande problema enfrentado pelo curso de museologia da UFPE, em geral, permanece o de sempre: poucos professores efetivos; situação que piora ainda mais quando se constata nesse quadro apenas um museólogo, cujo conhecimento específico é determinante, principalmente nas disciplinas de cunho teórico. Tal situação faz com que disciplinas obrigatórias e essenciais para o direcionamento acadêmico dos egressos sejam ministradas por professores substitutos apenas com a graduação, com pouca ou nenhuma experiência em docência. E, embora o índice de evasão ao final do curso seja bastante elevado, não se pode comprovar se tais fatores influenciaram desinteresse ou abandono por boa parte dos discentes. Com certeza, este seria um ótimo tema para um projeto a ser desenvolvido.

³⁵ Na estrutura da UFPE existe o Pleno do Departamento que contém os Colegiados dos cursos de graduação e de pós-graduação a ele vinculados. Portanto, existem as reuniões dos Colegiados cujas decisões, na maioria dos casos, devem ser ratificadas junto ao departamento em reuniões do Pleno; e em alguns casos, as decisões aprovadas pelos Plenos do Departamentos precisam ser submetidas à aprovação do Conselho Departamental, que é composto pelas Chefias dos departamentos e presidido pela diretoria do Centro ao qual esses departamentos estão vinculados.

Em relação especificamente ao ensino da Teoria Museológica, como já foi dito, o professor responsável pelas três disciplinas, aprovado no concurso para a área, foi o Prof. Alexandro de Jesus, sociólogo, que foi também coordenador do curso, e em sua opinião a Museologia ainda é um campo de saber em formação: ele entende a Teoria museológica como a promessa de um novo olhar teórico, de uma nova perspectiva sobre a sociedade e a cultura que as ciências humanas até agora não ofereceram; e o que propõe no curso, ou na Escola do Recife, é construir esse novo olhar. Segundo ele, busca-se pensar a teoria como um trabalho de realidade, que é a realidade dos bens culturais; então, ele realiza um trabalho conjunto com as três disciplinas de Teoria Museológica: a primeira disciplina enxerga a teoria museológica como um dever de memória e um suporte de arquivo; a segunda trabalha com os conceitos-chaves da Museologia e outros termos básicos de outros autores – que, ao mesmo tempo que vão sendo vistos, também vão sendo criticados, uma vez que a Escola de Museologia do Recife tenta se afastar dessa perspectiva; e, finalmente na terceira disciplina são apresentados alguns autores que embora não sejam do campo, poderão ter seu pensamento incorporado ao campo, através de reflexões publicadas, tais como elementos filosóficos. Sabe-se que a UNIRIO possui não apenas um Curso de Museologia, mas uma Escola que influencia outros cursos com suas ideias, e o que se pretende é que a Escola de Museologia do Recife possa também vir a influenciar outros cursos com um pensamento diferente, como já ocorreu na UFPA, quando o Prof. Hugo Menezes foi seu coordenador; e como ocorre na UFG com o Prof. Gláuber de Lima. Crê que os processos de musealização já poderiam ser parametrizados em todos os cursos, porém a forma como esses processos vão ocorrer é que deve estar de acordo com a escola a ser seguida. Um bom museólogo em qualquer parte deveria sair do curso sabendo como ocorre um processo de musealização. A escola não é o objeto da pedagogia e sim o processo de aprendizagem, assim como o museu não é o objeto da museologia e sim os processos museológicos. Teoricamente o papel do museu é para ser deslocado. O aluno não deve achar que o lugar ideal para ele trabalhar deve ser o museu, quando ele poderia exercer plenamente suas funções de museólogo em uma biblioteca, em um arquivo, em um ponto de memória ou de cultura (JESUS, 2021).

Segundo o Prof. Francisco Sá Barreto, que foi coordenador de 2013 a 2017 e que ministra mais assiduamente as disciplinas de Educação e Museus, e Comunicação e Museus, a Museologia da UFPE não tem um perfil marcado pela Antropologia, mas por várias disciplinas - e de forma bem equilibrada. Para ele, o ensino de Teoria Museológica como a história da Teoria Museológica poderia ser parametrizado, porém deveria estar inserido em uma outra disciplina do curso para que não se misture com os conteúdos já desenvolvidos pelo Prof. Alexandro, que são a própria construção teórica da Museologia; e considera que essa é a grande contribuição do curso de Recife para a Teoria

Museológica, por mérito do Prof. Alexandro; porém não acredita, ainda, na existência de uma Escola de Museologia do Recife (SÁ BARRETO, 2021).

Na opinião do Prof. Daniel Vieira, também ex-coordenador do curso e professor de História da Arte e História das Artes, existe uma teoria museológica diferenciada, que se faz presente de uma forma muito forte no grupo de pesquisa liderado pelo Prof. Alexandro de Jesus e do qual faz parte; porém não acredita na existência de uma Escola de Museologia já que os pensamentos não são comungados por todos os colegas, ainda que considere haver a proposição de uma teoria museológica específica, com um nível e consistência de importante contribuição para o campo da Museologia em geral; mas é preciso um esforço teórico maior, conjunto e coletivo para trabalhar essa teoria e a partir daí surgir uma escola (VIEIRA, 2021).

Atualmente o coordenador do Curso de Museologia da UFPE é o Prof. Bruno Araújo, que considera muito importante que as aulas de teoria do curso abordem os principais autores da Museologia, como Stránsky, como Scheiner. Parte do princípio de que primeiro se deve construir para depois tentar desconstruir. Ele considera que todos os alunos de Museologia ao final do curso devem ter visto os conceitos-chave, a linguagem especializada, e que reconheçam quem são os pensadores... como uma base em sua formação, assim com outras disciplinas devem ter suas noções básicas repassadas, e isso deveria existir do norte ao sul do país: uma estrutura básica, com uma mesma linguagem que seja repassada pelos cursos de Museologia, ou seja, uma parametrização mínima, para que a partir daí e das suas especificidades cada um possa desenvolver suas próprias ideias. Segundo ele, essas especificidades se dão também pela questão da regionalidade, pela própria localização do curso - que pode estar junto à antropologia, junto às artes ou à ciência da informação. Considera de suma importância que haja o debate interinstitucional para ver o que outras universidades estão pensando e produzindo, e que o Prof. Alexandro de Jesus produza um debate teórico muito interessante, onde ele aborda a questão do museu como arquivo, tendo se dedicado muito fortemente a essa teoria; porém acha importante que ele realize essa experiência trazendo outros autores da museologia para fazer esse contraponto, e discutir com demais professores do campo. Em relação à Escola de Museologia do Recife, crê que ainda não se concretizou, mas que seus pensamentos vêm se intensificando e pode vir a existir desde que haja uma intensa articulação para trazer colegas daqui e de fora ³⁶ que possam debater e construir mais profundamente essa teoria (ARAÚJO, 2021).

³⁶ Experiência que poderia se dar através do programa de extensão Museológicas Podcast - desenvolvido por alunos e docentes da Museologia/UFPE, que já contou com a participação do Prof. Bruno Brulon/UNIRIO. In: <https://anchor.fm/museolgicas-podcast> Acesso em 02 dez.2021

CAPÍTULO 3

**Entre o Sudeste e o Nordeste:
uma análise das tendências do pensamento
teórico-museológico nos cursos de Museologia
da UFPE e UNIRIO**

Entre o Sudeste e o Nordeste: uma análise das tendências do pensamento teórico-museológico nos cursos de Museologia da UFPE e UNIRIO

3.1. As bases metodológicas, influências e peculiaridades nos perfis curriculares dos dois cursos

Através dos PPC's de ambos os cursos, pode-se analisar os referenciais teóricos que irão apresentar as primeiras singularidades desenvolvidas por cada um. Para o Curso da UNIRIO serão utilizados como comparativo os PPC's utilizados de 1996 a 2006; e de 2007 até hoje.

O Curso da UNIRIO de 1996 ao ano 2006 obedecia aos seguintes Marcos Referenciais.

- 1- HOMEM X UNIVERSO
- 2- MEMÓRIA, SOCIEDADE E PRODUÇÃO CULTURAL
- 3- PATRIMÔNIO E HERANÇA CULTURAL
- 4- MUSEU, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO
- 5- MUSEU E SOCIEDADE
- 6- MUSEOLOGIA APLICADA

Com a reforma de 2006 passou a se estruturar com base em Eixos Programáticos³⁷:

- 1– ESTUDOS GERAIS
- 2– MUSEOLOGIA ESPECÍFICA
- 3– MUSEOLOGIA APLICADA
- 4– MUSEOLOGIA GERAL: correspondendo às disciplinas de **Teoria Museológica**.
- 5– PESQUISA

O Curso de Museologia da UFPE que teve início em 2009 e até o momento não realizou reforma em seu PPC, apresenta uma estrutura curricular desenvolvida a partir de 4 Eixos Temáticos:

³⁷ De certa forma, esses eixos reproduzem a configuração utilizada pelo ICOM nos anos 1960 e início dos anos 1970, quando se buscava dimensionar o campo da Museologia identificando uma Museologia Geral, uma Museologia Aplicada e uma Museologia Especial - conforme se pode ver nos primeiros estudos realizados pelo Curso da UNIRIO, quando da criação do Departamento de Museologia (ainda no Museu Histórico Nacional). Tal divisão, presente nos textos de alguns teóricos europeus no momento da criação do ICOFOM, deixou de ser utilizada a partir do desenvolvimento da Teoria da Museologia, ainda nos anos 1970 (*apud* Teresa Scheiner, sessão de orientação, junho de 2022).

- 1 - MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO;
- 2 - MUSEOLOGIA E SOCIEDADE;
- 3 - MUSEOLOGIA E TECNOLOGIA;
- 4 - MUSEOLOGIA E GESTÃO CULTURAL, COM CONCENTRAÇÃO EM GESTÃO DE BENS CULTURAIS

Apenas através de uma visualização, sem necessidade de uma investigação mais elaborada, percebe-se que em relação às bases curriculares que levaram ao surgimento do Curso da UFPE existem muitas semelhanças com os Marcos Referenciais que geraram a reforma de 1996 do Curso da UNIRIO. Os temas do Patrimônio, da Sociedade e da Cultura se sobressaem em ambos, com exceção do eixo da Tecnologia que aparece como um dos Eixos Temáticos no curso da UFPE, enquanto na UNIRIO o tema surge como um dos quatro subitens do 2º Marco Referencial, constando no projeto: “Relação entre memória e o produto da atividade cultural, no campo da ciência, das artes e da tecnologia”. Porém, há de se ressaltar que essa relação mais próxima da museologia com a tecnologia ainda que estivesse presente nos currículos desde 1996, começou a tomar proporções mais amplas somente a partir do século XXI, principalmente no Brasil, onde a Tecnologia da Informação se faz indispensável em quase todas as estruturas curriculares.

Entretanto, essas semelhanças na estruturação curricular do curso mais recente com o curso mais antigo - que é bastante natural, podem diminuir à medida que as nomenclaturas e programas de disciplinas vão se revelando. Observe-se que a partir de 1996 o curso da UNIRIO optou por dividir a disciplina Museologia em tópicos I, II, III e IV; posteriormente acrescentou-se os tópicos V e VI. No curso da UFPE, em geral, algumas disciplinas se dividem até o tópico III, de acordo com o seu conteúdo, por exemplo: Teoria Museológica I, II e III; ou Conservação I e II; já em relação a outras vê-se que embora com nomes semelhantes, algumas disciplinas possuem um programa distinto, como por exemplo a disciplina Comunicação e Museus (UFPE) e Comunicação em Museus I e II (UNIRIO).

Também se constata diferenças de carga horária, visto que no curso da UFPE todas as disciplinas possuem uma C.H. de 60h, enquanto no curso da UNIRIO existem muitas disciplinas com uma C.H. de 45h, ocorrendo talvez por isso uma maior diversidade de disciplinas efetivas e em número bem superior ao da UFPE.

Outra peculiaridade que ocorre quando se compara os programas de disciplinas está centrada na bibliografia básica e recomendada. Chama bastante atenção o acentuado desnível entre essas duas instituições, uma vez que na UNIRIO o quantitativo é sempre bem maior que o da UFPE. Creio que em parte, isso ocorra pela falta de livros

especializados nas bibliotecas da UFPE, pois como o curso iniciou em 2009, a maior parte da sua bibliografia foi sendo moldada pelos docentes responsáveis por cada disciplina ao longo do tempo, o que levou à falta de recursos, que vem se prolongando de lá para cá, e a consequente não aquisição de muitas das obras necessárias e sugeridas. Entretanto, esse é um problema (ou não) que deve ser solucionado com a reforma curricular que deverá ser realizada muito em breve.

3.2. A teoria museológica e suas tendências na UNIRIO e na UFPE

As diferentes vertentes entre os dois cursos se percebem não apenas através dos programas de disciplinas de Teoria Museológica, como também pela forma didática com que a matéria é apresentada aos discentes, seja em sala de aula ou pelas atividades de extensão que são desenvolvidas. Não podemos deixar de levar em conta que o Departamento de Antropologia e Museologia foi e continua sendo o nicho dos antropólogos da UFPE: nesses 13 anos desde a sua fundação, apenas dois docentes efetivados eram museólogos, além de outra pequena parte de sociólogos, historiadores e historiadores da arte.

No curso de Museologia da UNIRIO existe uma diversidade maior de docentes de outros departamentos e especialistas em outras áreas como Paleontologia, Documentação, Biologia, além da Sociologia, História, História da Arte e Antropologia. Porém, as disciplinas de Teoria Museológica são ministradas apenas por museólogos que geralmente passaram pela graduação, mestrado ou doutorado lá mesmo, no PPG-PMUS.

A seguir são apresentadas num quadro algumas semelhanças e idiossincrasias no conteúdo das disciplinas voltadas especificamente ao estudo da Teoria Museológica em ambos os cursos de Museologia. Dessa forma, pode-se melhor visualizar e comparar suas ementas e objetivos, tópicos escolhidos para uma análise bem estruturada, ressaltando que os tópicos em **negrito** se referem aos pontos em comum entre um e outro curso.

Quadro nº 13 - Comparação de conteúdo das disciplinas teóricas nos cursos de Museologia da UNIRIO e da UFPE

Quadro Comparativo das disciplinas com conteúdo de Teoria Museológica: ementas e objetivos			
Curso de Museologia da UNIRIO		Curso de Museologia da UFPE	
Disciplina/C.H.	Conteúdos	Disciplina/C.H.	Conteúdos
Introdução à Museologia 45h	<u>Ementa:</u> Compreensão do surgimento e do desenvolvimento do museu e da Museologia disciplinar/científica até a metade do século XX, pontuando o caso brasileiro. Compreensão do museu como manifestação/expressão socialmente consolidada e seus objetos/coleções como recorte intencional sobre o real. <u>Objetivos:</u> Compreensão do surgimento e do desenvolvimento do museu e de suas relações com a dinâmica social no tempo/espaço, como manifestação/expressão socialmente consolidada, e seus objetos/coleções como recorte intencional sobre a realidade. Analisar a construção do campo disciplinar da Museologia.	Tópicos Especiais em Museologia I 60h	<u>Ementa:</u> Análise histórica dos conceitos e funções de museu no Ocidente. Tipologia de museus no Ocidente. Museu e suas funções. <u>Objetivos:</u> A disciplina está inserida no primeiro período do curso, e é destinada a apresentar, para os alunos, um breve histórico dos museus no Ocidente, e, principalmente, apresentar uma tipologia básica dos museus existentes nos dias atuais. Apresenta também o funcionamento dos museus, visando introduzir as diversas áreas de atuação do museólogo
Museologia I 60h	<u>Ementa:</u> Compreensão do surgimento e do desenvolvimento da ideia de museu e da museologia disciplinar científica, da metade do século XX aos dias atuais, pontuando o caso brasileiro. Destaque dos principais marcos referenciais teóricos da Museologia. <u>Objetivos:</u> Apresentar e discutir as noções de “museu” e de “museologia” através do desenvolvimento desses conceitos no século XX e da Teoria da Museologia constituída a partir da segunda	Teoria Museológica I 60h	<u>Ementa:</u> A especificidade do campo científico; museus e o(s) objeto(s) da Museologia; museu, teoria crítica e crítica literária; teoria museológica e a problemática sobre a memória; teoria museológica como teoria sobre o arquivo; experiência <i>Museológica</i> como experiência técnica. <u>Objetivos:</u> Oferecer ao aluno uma percepção sobre a Museologia e a Teoria Museológica como campo de saber em processo de constituição e dos elementos que devem concorrer para sua consecução efetiva,

	metade desse século. Considerar as principais vertentes nacionais e internacionais do pensamento museológico contemporâneo: da museologia dita “tradicional” à Nova Museologia e à Ecomuseologia, das manifestações modernas do Museu às suas formas contemporâneas (museu de território, museu a céu aberto, museu local, ecomuseu, museu virtual). Partindo da discussão sobre a constituição e as especificidades de um campo da Museologia no exterior e no Brasil, o curso tem como objetivo construir com os alunos uma reflexão sobre as principais correntes e autores que legitimaram este campo disciplinar através do estudo das principais linhas de pensamento desenvolvidas na academia e no Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) a partir da década de 1970.		traçando as singularidades do campo científico. Indicar as alternativas contemporâneas do campo.
Considerações 1) Percebe-se que em ambos os cursos a disciplina tem como objetivo apresentar ao aluno uma visão da Museologia e da Teoria Museológica, que entretanto mostra-se um pouco diferente em suas metodologias e ementas. 2) Verifica-se que a primeira (UNIRIO) objetiva apresentar as ideias iniciais de Museu e de Museologia do séc. XX, com ênfase às correntes de pensamento desenvolvidas por teóricos do exterior e do Brasil, da modernidade à contemporaneidade, apresentando a Museologia como disciplina científica e mostrando novos tipos de museus e expondo os termos musealidade, museal e museália, inseridos no pensamento atual. 3) Já a segunda (UFPE) quer repassar aos alunos uma forma de pensar a teoria da museologia como uma teoria do arquivo para que eles desenvolvam um pensamento partindo dessa ideia de memória, essencialmente por meio da leitura e de debates, apresentando-lhes a Museologia e a Teoria Museológica como campo do saber em construção e indicando-lhes as possibilidades contemporâneas deste campo.			

Museologia II 60h	<u>Ementa:</u> Apresentação dos conceitos de OBJETO a partir da Teoria do Conhecimento - Gnoseologia, dos referenciais do sujeito do conhecimento, tendo como pressuposto o Objeto da Museologia, conforme o proposto por Stranský: o estudo [do valor] e na relação entre homem e realidade. Através das teorias e concepções de áreas de conhecimentos várias, observar os modos disciplinares de compreensão do OBJETO para a Filosofia, Semiologia, Sociologia, Antropologia e Museologia/Patrimoniologia, SPTrans aos campos da realidade material, não material, sensorial, intelectual e digital. <u>Objetivos:</u> Geral - Criar condições para o acadêmico em museologia identificar o OBJETO da Memória ou do Patrimônio Subjacente ao recorte da realidade considerado para uma atividade museal ou por uma comunidade ou indivíduo. Específicos – Dotar o aluno de referências teóricas capacitando-o a fundar seus futuros projetos e ações profissionais em pressupostos acadêmicos. Possibilitar a percepção diferenciada sobre o real a partir de diferentes referenciais teóricos. Contribuir para que o estudante possa compreender a contemporaneidade, a pluralidade, a relatividade e as mudanças objetuais que o mundo reticular e da virtualização/digitalização nos tem requerido.	Teoria Museológica II 60h	<u>Ementa:</u> Uma proposta de objeto para a teoria museológica, qual seja, as <i>museo-lógicas</i>. O desenvolvimento da disciplina ocorrerá de modo propício para testarmos a definição do que seja tal objeto. Para isso, centraremos esforços para esclarecer as condições de possibilidade do dispositivo <i>museo-lógico</i> (o Esclarecimento iluminista, por exemplo), bem como os saberes que concorrem para o seu funcionamento (particularmente a Antropologia). Por outro lado, demonstraremos, através de material empírico (precisamente: um discurso filosófico, uma celebração antropológica, uma política pública e um gesto literário), a natureza proteiforme das <i>museo-lógicas</i>, sendo o Museu apenas um de seus componentes. <u>Objetivos:</u> Geral – Instrumentalizar os discentes vinculados à disciplina com uma definição consistente do objeto da museologia. Específicos - Oferecer aos discentes as condições de possibilidade das <i>museo-lógicas</i>; Sensibilizá-los para a relação entre os gestos antropológicos e processos de musealização; Torná-los capazes de discriminar os diversos modos de concretização do <i>dispositivo museo-lógico</i>.
Considerações 1) Ao analisar essas duas disciplinas que se assemelham em suas nomenclaturas, e trazem ainda muitas semelhanças em seus conteúdos e objetivos onde ambas destacam o conceito e a definição do objeto da museologia e/ou da teoria museológica; nas duas ementas demandam-se esforços para fazer com que o aluno saiba identificar ou definir esse objeto. 2) Embora na ementa da UFPE não se ressalte o objeto da museologia proposto por Stranský como o estudo do homem com a realidade, percebem-se outras importantes características em comum e claramente pontuada nos dois conteúdos, que são a pluralidade, a diversidade dos modos de pensar sobre o objeto e sobre a museologia, o que inclui a influência de outros campos disciplinares como a filosofia, a antropologia e a sociologia; e ainda que esses múltiplos olhares fazem com que a percepção dos discentes ocorra de diferentes modos e a partir de diferentes referenciais teóricos, reforçando o caráter multidisciplinar da Museologia.			

Museologia III 45h	<u>Ementa:</u> Museologia e desenvolvimento social. Museus e Museologia no sistema das Ciências Sociais. Panorama social das experiências nacionais e internacionais no campo dos museus “apropriados pela comunidade”: de bairro, de vizinhança, de território, de percurso e ecomuseus, dentre outras. Museu enquanto ferramenta de inclusão social e de promoção de uma consciência crítica a partir de aspectos ligados ao patrimônio tangível e intangível e à memória. Relações entre museus, Museologia e o pensamento social brasileiro. Museus, Turismo e Desenvolvimento Sustentável. <u>Objetivos:</u> Proporcionar a compreensão do processo de aproximação entre os museus e a sociedade, ao longo dos últimos 40 anos especialmente, e da apropriação dos museus enquanto ferramentas de inclusão social e de promoção de uma consciência crítica a partir de aspectos ligados ao patrimônio tangível e intangível e à memória. Analisar a Museologia e o pensamento social brasileiro e as relações entre museus, turismo e desenvolvimento sustentável.	Teoria Museológica III 60h	<u>Ementa:</u> A constituição de uma crítica diferenciada para uma museologia em espaços pós-coloniais; Discriminação de aspectos teóricos e metodológicos capazes de determinar a teoria museológica como atividade de diagnóstico da atualidade; Teoria museológica como observatório das relações entre cultura e sociedade; Museologia social à luz da teoria das massas. <u>Objetivos:</u> Geral - Habilitar a teoria museológica contemporânea para o exercício de diagnóstico da atualidade. Específicos - Habilitar o discente para atividades técnicas (teórica e metodológica); Mapear as problemáticas contemporâneas; Compreender mecanismos políticos e culturais que definem a estrutura moderna; Oferecer subsídios para a construção de análises críticas sobre a cultura e a sociedade.
Considerações 1) Nota-se a ênfase dada à palavra “crítica” no sentido de que através das leituras os discentes saberão discernir e identificar uma outra forma de visão; e enquanto uma pontua a promoção de uma consciência crítica sobre as formas do patrimônio, a outra ressalta a construção de uma crítica diferenciada ao analisar a cultura e a sociedade. 2) O Social está presente em mais de um momento em ambas disciplinas, quando se fala em “museus como inclusão social” e em uma “Análise da Museologia e do pensamento social brasileiro” - UNIRIO; e na identificação de uma “Museologia Social” – UFPE. Muito embora estas sejam consideradas formas distintas de se destacar o caráter social, deve-se considerar que o social é um caráter intrínseco da Museologia. Portanto, falar na existência de uma “Museologia Social” pode ser considerada por grande parte de teóricos como uma redundância. 3) Ao se analisar a bibliografia básica e complementar de todas as disciplinas as diferenças são mais nítidas; não só pelo quantitativo bem mais elevado no curso da UNIRIO, quanto pelas leituras direcionadas mais à filosofia, com Foucault sendo indicado em todas as três disciplinas de Teoria Museológica no curso da UFPE. Enquanto na UNIRIO, apesar da filosofia estar presente, há uma diversificação de leituras de antropologia, sociologia, filosofia e muito material sobre Museologia advindo do ICOFOM.			

3.3. O diálogo interinstitucional, a troca de experiências e os parâmetros do ensino de teoria

Os alunos egressos da escola de Museologia da UNIRIO contam com uma escalada na área acadêmica proporcionada pelo PPG-PMUS, que através de seus núcleos de pesquisa e extensão absorve a demanda desde a Graduação como bolsistas de IC UNIRIO ou PIBIC, passando pelo mestrado, doutorado e bolsistas pós-doc. O mesmo acontece com o Curso da UFPE, com a diferença que os seus egressos contam com a proximidade do Mestrado e Doutorado na área de Antropologia, ofertado pelo PPGA, que também é vinculado ao DAM-Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE. Os egressos podem ainda optar por cursar uma pós-graduação em outra instituição, até como forma de conhecer outros olhares sobre os temas estudados e escolhidos para seu foco. E essa é apenas uma das diversas situações em que poderão ocorrer muitos conflitos pela ausência dos pontos ressaltados nesse subitem: diálogo, troca e parâmetros.

No caso dos graduandos que necessitem ir residir em outro Estado é preciso solicitar a convalidação de disciplinas, o que é feito pelas Escolas a partir da análise comparada do conteúdo programático de cada disciplina, carga horária e número de créditos. E, ainda que se leve em conta as diretrizes relativas à mobilização estudantil para cursos de Graduação, essa análise poderia ser facilitada desde que houvesse um mínimo de parametrização.

Em uma fala do Prof. Alexandro de Jesus, da UFPE, colhida para essa dissertação, questionado sobre o motivo pelo qual os conteúdos de Teoria Museológica são tão díspares, principalmente no que concerne aos princípios básicos - o que é Museologia, qual o seu objeto, além de menções aos primeiros teóricos a estudar o tema e aos autores utilizados - o mesmo admitiu essa preocupação quanto ao currículo e pontuou que atualmente está incluindo nas disciplinas de Teoria Museológica as definições de Museologia propostas por Stránský e adicionando à bibliografia alguns textos de Scheiner.

Outro movimento de fundamental importância é a troca de experiências entre docentes do campo teórico da Museologia, que pode se concretizar não só nos eventos formais e oficiais tais como Congressos, Seminários e Encontros, como também por meio de um intercâmbio entre eles. Hoje já existe uma Rede de Museus em quase todas as universidades federais do país com o intuito de criar as condições técnicas necessárias para manutenção e preservação de seus museus, Coleções Científicas Visitáveis e Galerias. Por que não criar uma Rede de Teóricos da Museologia no Brasil, um ponto de troca de ideias e experiências entre os antigos e novos pensadores responsáveis pelo ensino da Teoria Museológica nas universidades do país, cujos encontros poderiam se

realizar até mesmo virtualmente e esses debates com toda certeza iriam gerar publicações de extrema relevância para o desenvolvimento desse novo campo científico.

Em depoimentos prestados por ex-coordenadores e atual coordenador do curso da UFPE³⁸, que já ministraram ou ministram as disciplinas de Teoria Museológica, pode-se perceber que a maioria foi receptiva à ideia de se instituir alguns parâmetros para o ensino dessa disciplina logo nos primeiros períodos dos cursos de Museologia em nível de Graduação. Segundo estes, são de extrema relevância a inclusão de tópicos que desenvolvam o início das reflexões sobre o tema - quem foram os primeiros pensadores e estudiosos do tema, o que dizem e como definem Museologia, Museu, Objeto, Patrimônio Musealizável ou Patrimônio não Musealizável e etc. Acredita-se que essa matéria seja de suma importância para o alunado que está iniciando o curso, para que, concomitantemente a outras leituras e falas concernentes às teorias de outros domínios - como a Filosofia, a História das Artes, a Antropologia e a Sociologia - ele possa por si próprio evidenciar o caráter multidisciplinar da Museologia. E a maior parte destes consideram a existência de uma Escola de Museologia do Recife ainda não concretizada, necessitando de consenso entre os demais integrantes, porém todos creem ser uma ideia a ser seguida por outras instituições que tenham outras formas de pensar a museologia.

³⁸ Depoimentos no Cap. 2, páginas 96 e 97

CONSIDERAÇÕES

CONSIDERAÇÕES

No início dos anos 2000 existiam apenas dois cursos de graduação em Museologia em universidades públicas no Brasil - UNIRIO e UFBA; e em pouco mais de uma década esse número foi expressivamente impulsionado devido a uma série de fatores sociais, políticos e culturais predominantes à época, com novos cursos se estabelecendo nas principais universidades das cinco regiões do país. Tal realidade tem aspectos e consequências positivos e negativos, que ainda precisam ser devidamente analisados.

Uma das questões a serem estudadas é que, com a diversidade cultural existente, seria natural que as tendências de pensamento seguissem rumos e influências variadas, principalmente no que se refere ao ensino da disciplina Teoria Museológica ou de conteúdos a ela vinculados, uma vez que até hoje se discute se a Museologia é um saber de base científica ou filosófica - o que em ambos os casos não exclui a cientificidade - em todos os encontros do ICOFOM. A partir dessa pesquisa, pode-se ter uma ideia do que está sendo ensinado e estudado sobre Teoria Museológica nos cursos de graduação em Museologia na UNIRIO e na UFPE, e assim possibilitar a identificação das tendências seguidas e quais desdobramentos poderão advir desses diferentes olhares, que influirão principalmente na formação e nas escolhas dos egressos dessas instituições acadêmicas. Detalhar tais aspectos demandaria uma pesquisa mais aprofundada, com maiores subsídios e que redundaria em um trabalho de tese.

Busca-se ainda incentivar o diálogo interinstitucional e com a sociedade, no intuito de fortalecer os debates teóricos e desenvolver os aspectos regionais, ambientais e sociais no âmbito da museologia. Pretende-se que o estudo dessas questões seja aprofundado por outros acadêmicos, visto que esse é um caminho ainda pouco percorrido, porém extremamente necessário para uma análise concreta do ensino da museologia no país.

No que concerne aos ensinamentos teóricos de museologia observa-se que as características são similares aos dos demais cursos de graduação em que os estudantes são mais exigidos em sua capacidade de articular ideias e elaborar pensamentos. Faz-se necessária uma boa didática e maior articulação entre teoria e prática, possibilitando aos alunos a contextualização, na construção de conhecimentos e comprometimentos éticos e sociais que os levará à sua trajetória profissional e/ou acadêmica. A aprendizagem da Teoria Museológica tende a ser complexa, não só por se tratar de um campo disciplinar recente, mas por absorver múltiplos fundamentos filosóficos, históricos, sociológicos, antropológicos e artísticos, dentre outros, que visam sistematizar a relação do Homem com o fenômeno Museu, em diferentes olhares, tempos e espaços.

O ensino da museologia pode ocorrer de diferentes maneiras dentro do universo acadêmico, como já alertava Stránský:

A teoria museológica torna-se objetiva, antes de mais nada, na produção museológica. Sua abrangência e orientação podem ser documentadas por meio das bibliografias museológicas. Esta teoria manifesta-se também no impacto que tem sobre a estrutura dos programas de ensino de museologia... (STRÁNSKÝ, 1980. Tradução: T. Scheiner, 2008, p.102)

porém o seu nível de importância como disciplina básica, primordial e orientadora na formação do museólogo jamais deve ser relegado; e para isso há a necessidade premente de um intercâmbio sistemático entre os vários cursos de graduação existentes no país. Só através do diálogo e da busca por uma convivência harmoniosa e uma constante troca de saberes pode-se estabelecer alguns parâmetros essenciais para a boa prática museológica nas instituições de ensino, que possam vir a propiciar um alto nível de formação de seus museólogos. E que os egressos dessas instituições possam optar entre atuar no campo profissional ou ingressar no âmbito acadêmico através de um curso *stricto sensu* que esteja mais de acordo com a sua inclinação, independentemente da quantidade de aulas teóricas ou práticas recebidas, pois uma vez que os conhecimentos são absorvidos jamais serão esquecidos. Afinal, esse é o atributo fundamental da Museologia: a valorização, preservação e interpretação da memória.

Feitas todas as considerações, acredita-se que o ensino pode enveredar por tendências diversas, a depender da área prevalecente na sua essência e do docente responsável pela disciplina. E, caso exista a necessidade de uma desconstrução do que já foi posto até aqui, que esta seja feita, não sem antes apontar os caminhos já traçados por antecessores.

Espera-se com esse trabalho contribuir para a melhoria do ensino da Teoria da Museologia nos cursos de graduação em Museologia; e que possa haver maior e melhor interação entre os diversos cursos, o que só irá enriquecer e beneficiar a formação de seus alunos. Porém, se esta dissertação ao menos conseguir despertar nos coordenadores, docentes e pesquisadores dos cursos de Museologia um olhar mais atento ao tema, já se pode considerar um êxito alcançado.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2008. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/122824-finalidades-e-competencias-do-ibram/> Acesso em 19 fev. 2021

ARRUDA, Ana Lúcia Borba de. Expansão da educação superior: **uma análise do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais (REUNI)**. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPE, Recife, 2011. 215f. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Macedo Gomes.

BARRIOS, Gladys; DECAROLIS, Nelly; SCHEINER, Teresa (Org.). **Museología y el patrimonio intangible en América Latina y el Caribe: una visión. XIII Encuentro Anual del ICOFOM LAM**. Antigua Guatemala: ICOM/ICOFOM/ICOFOM LAM, 2004. CD Rom.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria e metodologia**: algumas distinções fundamentais entre as duas dimensões no âmbito das ciências sociais e humanas. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 7, no. 1, p. 273-289, mai. 2013. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em 14 abr.2020.

BISERRA, Natália de Figueirêdo. **Memória da Associação Brasileira de Museologia (1963 – 1985): contribuições para a institucionalização de um campo profissional**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. 164 p. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Conferência e debate organizados pelo grupo Sciences en Questions, Paris, INRA, 11 de março de 1977. ISBN 85-7139-530-6.

BRULON, Bruno. Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu. Senatus, dez. 2009. v.7, n.2, p.32-41, Brasília, 2009.

BRULON, Bruno, Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.25. n.1. p. 403-425. jan-abril 2017. São Paulo, 2017.

BRULON, Bruno. **Descolonizar o pensamento museológico**: reintegrando a matéria para repensar os museus. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, Nova Série, vol. 28, 2020, p. 1-30. e1. São Paulo, 2020.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008. 108p. Orientadores: Prof^{ra}. Tereza Cristina Moletta Scheiner e Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda.

CERÁVOLO, Suely Moraes. **Tecendo interfaces teóricas e metodológicas por sobre o conceito museologia**: o exercício de uma tese. P. 08-25. Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas/MAST Colloquia, 112 f. Organização de: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; e LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. Rio de Janeiro, 2009.

CHAGAS, Mario et al. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 55, n. 11. jun, 2018. ISSN 1646-371. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364>. Acesso em: 23 jul. 2019

CHAGAS, Mario. **Museu, museologia e pensamento social brasileiro**. Cadernos do CEOM - Ano 18, n. 21 - Museus: pesquisa, acervo, comunicação, p.13-44. Chapecó, 2014.

CNE. Resolução CNE/CES 21/2002. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 34. Brasília, 9 de abril de 2002.

COSTA, Luciana Ferreira da. **Museologia no Brasil, Século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias**. 361p., Editora CCTA, João Pessoa, 2018.

CURY, Marília Xavier. Metamuseologia - reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. Revista **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 9, nº 17, p.129-146. Brasília, 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.) *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100p. Disponível em http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf Acesso em 22 jul. 2019.

DUARTE, Cândido, M. M. A gestão e o planejamento institucional nos currículos universitários de museologia: estudo preliminar. **Musear**, v.1, p. 51-60. Ouro Preto, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2011. 107p.

GRANATO, Marcus (Org.) *Museologia e patrimônio -- Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins*, 2015. 344p. (MAST: 30 anos de pesquisa, v.1)

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (Org.) **Cadernos Museológicos**, nº 3. Rio de Janeiro, outubro 1990.

ICOFOM STUDY SERIES ARCHIVE. Disponível em:

<http://icofom.mini.icom.museum/publications-2/icofom-study-series-archive/> . Acesso em 19 fev. 2021

ICOFOM LAC. Subcomité Museología Latinoamérica y el Caribe. Disponível em:

<http://icofom.mini.icom.museum/es/subcomites/bienvenidos-a-icofom-lam/> Acesso em 14 out. 2021.

ICOM. Estatutos do ICOM, 2017. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/2017_ICOM_Statutes_SP_01.pdf

Acesso em 14 out. 2021.

ISOLAN, Fiorella Bugatti. **A formação em Museologia nas universidades brasileiras**: reflexões sobre o ensino da gestão e do planejamento sob a ótica da museologia. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, USP/Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2017. 213p. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno

HERNÁNDEZ Interinidades, Francisca. **El protagonismo de los visitantes dentro del museo**.

In: DESVALLÉES, André; NASH, Suzanne (Ed.) Symposium on Empowering the visitor: process, progress, protest / Responsabiliser le visiteur: processus, progrès, contestation / Empoderar al visitante: proceso, progreso, protesta/ **ICOFOM STUDY SERIES – ISS 41**. Tunis, Tunisia: Institut National du Patrimoine, 2012. p. 211-220. Disponível em

<http://network.icom.museum/icofom/publications/icofom-study-series/> Acesso em 02 ago. 2019.

HERNÁNDEZ do, Francisca. **Planteamientos Teóricos de la museología**. Ediciones Trea, S.L., Gijón (España), 2006. 287p.

LIMA, Manoela E. de. **A ESTRATÉGIA MUSEOLÓGICA** a partir da representação de um Departamento de Museologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. 91f. Rio de Janeiro, 2017. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tereza Cristina Scheiner

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 1996.

O'LEARY, Zina. Como fazer seu projeto de pesquisa: guia prático. Trad. Ricardo A. Rosenbush. Ed. Vozes. Petrópolis, 2019.

PNM - Política Nacional de Museus, Brasil, 2003. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf Acesso em 15 jan.2021.

RIBEIRO, Henrique Vasconcelos Cruz. **Era uma vez, há 60 anos atrás...: O Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus**, 2008. Disponível em:

https://www.academia.edu/3519747/Era_uma_vez_h%C3%A1_60_anos_atr%C3%A1s_O_Brasil_e_a_cria%C3%A7%C3%A3o_do_Conselho_Internacional_de_Museus Acesso em 08 abr. 2021.

RIBEIRO, Henrique de Vasconcelos Cruz. **Um Capítulo na História da Museologia no Brasil**: um olhar sobre o surgimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1922-1935).

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2014. 116p. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá.

RIVIÈRE, Georges-Henry. **Stage régional d'études de l'unesco sur le rôle éducatif des musées**. Rio de Janeiro, 1958. Études et documents d'éducation, UNESCO, 1960, n° 38, 65p.

SÁ, Ivan Coelho de. **História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à Unirio**. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 39, p. 10-42, 2007.

SÁ, Ivan Coelho de. **Formação em museologia no Brasil e conquistas democráticas: a politização dos alunos do Curso de Museus na transição das décadas de 1960 e 1970**. Museologia & Interdisciplinaridade vol. 8, nº16, jul./dez de 2019.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Um Compromisso Social com a Museologia. **Cadernos do CEOM**. UNOCHAPECÓ, Chapecó, 2014. Ano 27, nº 41. p. 71-114.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. **Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2005. 161p. Orientador: Regina Maria Marteleto.

SCHEINER, T. C. M. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: **Simpósio Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe**. ICOFOM LAM, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, Coro, 1999, p.133-143.

SCHEINER, Tereza. **Conceitos, Termos e Linguagens da Museologia: novas abordagens**. Anais do XXV ENANCIB. UFMG, ANCIB, 2014. p. 4644-4663.

SCHEINER, T. C. M. **Museología e Interpretación de la Realidad: el discurso de la Historia**. In: XXIV Conferencia Anual do ICOFOM e XV Encontro Regional do ICOFOM LAM, 2006, Alta Gracia, Córdoba. ICOFOM STUDY SERIES - ISS 35 - Museologia e História. Alta Gracia, Córdoba: Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia, 2006, v. 35. p. 61-68.

SCHEINER, T. C. M. **Museologia e Patrimônio: interfaces disciplinares entre a França e o Brasil. Ci. & Trop.**, Recife, 2009, vol.33, n.2, p.313-334.

SCHEINER, T. C. M.; **Patrimônio, Museus e Sociedades em Transformação: a experiência latino-americana**. In: I FORUM FRANCO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2010, BELO HORIZONTE. MUSEUS, MUSEOLOGIA E SOCIEDADE. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça de Minas Gerais / CEFET-MG, 2010. v. 01. p. 32-43.

SCHEINER, T. C. M.; **Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas**. Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, 2012, vol. 7, n.1, p.15-30.

SIQUEIRA, Graciele Karine. **Curso de Museus – MHN: 1932-1978: o perfil acadêmico-profissional**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2009. 178 p. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá.

SIQUEIRA, Graciele; GRANATO, Marcus; SÁ, Ivan. Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil. **Revista CPC**, São Paulo, p. 142-169, 2008.

SOARES, Bruno Brulon; CARVALHO, Luciana Menezes de; CRUZ Henrique de Vasconcelos. **O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil**. P. 244-262. **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate**. Organização: Aline Montenegro Magalhães, Rafael Zamorano Bezerra. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014. 272 p. (Livros do Museu Histórico Nacional)

STRÁNSKÝ Zbynek Z. Tradução: SCHEINER. T. C. M. Sobre o tema "Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?" (1980). Revista Museologia e Patrimônio - vol.I no 1 - jul/dez, Rio de Janeiro, p.101-105, 2008. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmu> Acesso em 02 fev. 2022

TANUS, Gabrielle Francinne de S.C. **A Trajetória do Ensino da Museologia no Brasil**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade vol.2, nº 03, mai./jun. Brasília, p. 76-88, 2013.

TOSTES, Gustavo Oliveira. **Transformações Conceituais do Curso de Museus - MHN e do Curso de Museologia - FEFIERJ/UNIRIO**: um novo olhar sobre a formação em Museologia na década de 1970. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017, 132 p. Orientador: Prof. Ivan Coelho de Sá

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO I: Programa da disciplina Museologia II atual do Curso da UNIRIO

1 |

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS (DEPM)
Nome da disciplina: Museologia II
Professor: Bruno Brulon
Horário: 18:00 às 22:00 (terças-feiras) - Noturno
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 hs
Nº DE CRÉDITOS: 04

E-MAIL (MONITORIA): monitoriaprof.bruno@gmail.com

Ementa

Apresentação dos conceitos de OBJETO a partir da Teoria do Conhecimento – Gnoseologia, dos referenciais do sujeito do conhecimento, tendo como pressuposto o Objeto da Museologia, conforme o proposto por Stránský: o estudo [do valor] da e na relação entre homem e realidade. Através das teorias e concepções de áreas de conhecimentos várias, observar os modos disciplinares de compreensão do OBJETO para a Filosofia, Semiologia, Sociologia, Antropologia e Museologia/Patrimoniologia, atendendo aos campos da realidade material, não material, sensorial, intelectual e digital.

Objetivos da disciplina/Atividade

Geral – Criar condições para o acadêmico em Museologia refletir sobre as noções de Objeto de museu (*musealia*) e Objeto da Museologia, subjacente ao recorte da realidade considerado para uma atividade museal ou por um grupo social ou indivíduo.

Específicos - Dotar o aluno de referências teóricas capacitando-o a fundar seus futuros projetos e ações profissionais em pressupostos acadêmicos.

- Possibilitar a percepção diferenciada sobre o real a partir de diferentes referenciais teóricos.

- Contribuir para que o estudante possa compreender a contemporaneidade, a pluralidade, a relatividade e as mudanças objetuais que o mundo reticular e da virtualização/digitalização nos tem requerido.

Programa

Unidade I – Introdução às Teorias do Objeto

Apresentação crítica das Teorias do Objeto. Compreensão e diferenciação dos conceitos de coisa, objeto e substituto. Introdução à noção de objeto de museu.

Unidade II – Objeto de museu ou musealia: a especificidade da abordagem museológica sobre os objetos

Compreensão e diferenciação dos conceitos de objeto no museu, objeto de museu (*musealia*) e objeto musealizado. Estudo das disciplinas científicas que estruturaram os diferentes tipos de objetos ao longo da história dos museus e da Museologia. A vida social do objeto e a dimensão patrimonial. A “coisa real” e o sentido de autenticidade.

Unidade III – A Teorias Contemporâneas do Objeto e o Objeto da Museologia

Apresentação e reflexão sobre as diferentes teorias que sustentam a noção de objeto de museu no contemporâneo. Os objetos como elementos da linguagem e as interfaces com a Comunicação e a Semiologia. A construção dos objetos contemporâneos na experiência artística. As teorias contemporâneas do objeto, os “novos objetos” e a discussão sobre o objeto da Museologia.

Metodologia

Pretende-se diversificar os procedimentos metodológicos, combinando aulas expositivas dialogadas com leitura comentada de textos, debate, seminários, análise de documentos e exercícios de observação de casos de objetos de museus.

Procedimentos de Avaliação

A avaliação será de caráter cumulativo, com média final aritmética, baseando-se nas atividades e na produção discente. Para verificação dos resultados de aprendizagem, a proposta para a avaliação é a composição da nota através de três diferentes instrumentos, a saber:

- (1) Prova escrita: vale **10 pontos** (atividade individual)
- (2) Trabalhos: valem **10 pontos cada** (atividade em grupo ou individual)
- (3) Presença e participação nas aulas: vale **1 ponto** na média final

Cronograma das aulas:

SEMANA	TEMÁTICA	TEXTO / ATIVIDADE
1 26 de abril	Apresentação às Teorias do Objeto	Apresentação do programa da disciplina e introdução às Teorias do Objeto
Unidade I – Introdução às Teorias do Objeto		
2 3 de maio	O objeto de museu ou <i>musealia</i>	1) DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François (dir.). <i>Conceitos-chave de Museologia</i> . São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus / Secretaria de Estado da Cultura, 2013. pp. 68-72 . Leitura complementar: 2) MAIRESSE, François & DELOCHE, Bernard. Objet[de musée] ou muséalie. In: DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. <i>Dictionnaire encyclopédique de muséologie</i> . Paris : Armand Colin, 2011.
3	O estado da “coisa” e os objetos	1) HEIDEGGER, Martin. <i>Que é uma coisa?</i> Doutrina de Kant dos princípios

10 de maio	de museu Atividade com objetos afetivos	transcendentais. Lisboa: Edições 70, 1987. pp. 13-59. 2) APPADURAI, Arjun. <i>A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural</i> . Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. pp.15-88.
4 17 de maio	Semana Nacional de Museus	Assistir a atividades da Semana de Museus
5 24 de maio	Materiais e Materialidade	1) INGOLD, Tim. Materiais contra materialidade. In: _____. <i>Estar Vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição</i> . Parte II. Petrópolis, Vozes, 2011. pp. 49-69.
6 31 de maio	O objeto de museu e as disciplinas científicas Proposta: Aula online via plataforma Meet	1) MAIRESSE, François & DELOCHE, Bernard. Objet [de musée] ou muséale. In: DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. <i>Dictionnaire encyclopédique de muséologie</i> . Paris : Armand Colin, 2011. 2) Leitura complementar: MEIJER-VAN MENSCH, Léontine & VAN MENSCH, Peter. From disciplinary control to co-creation – collecting and the development of museums as praxis in the nineteenth and twentieth century. In: PETERSSON, Susanna; HAGEDORN-SAUPE, Monika; JYRKKIÖ, Teijamari & WEIJ, Astrid (ed.). <i>Encouraging collections mobility. A way forward for museums in Europe</i> . Kaivokatu: Finnish National Gallery, 2010. pp. 33-53.
7 7 de junho	Avaliação 1	Prova escrita, individual e sem consulta.

Unidade II – Objeto de museu ou musealia: a especificidade da abordagem museológica sobre os objetos		
8 14 de junho	Os objetos de museu como <i>musealia</i> e a dimensão patrimonial Proposta: Aula online via plataforma Meet	1) BRULON, B. O objeto de museu, da classificação ao devir. <i>Informação & Sociedade</i>, João Pessoa, vol. 25, n.1, jan. / abr. 2015. pp.25-37. 2) STRÁNSKÝ, Z.Z. Object - document, or do we know what we are actually collecting? <i>ICOFOM Study Series</i> 23, 1994, pp. 47–51. 3) MAIRESSE, François & DELOCHE, Bernard. Objet[de musée] ou muséalie. In: DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. <i>Dictionnaire encyclopédique de muséologie</i>. Paris : Armand Colin, 2011. 4) ŠOLA, Tomislav. <i>A contribution to a possible definition of museology</i>. Paris, 1992. Disponível em: www.heritology.com. Consultado em 8 de março de 2014.
9 21 de junho	A musealização como processo: introdução à cadeia museológica	1) BRULON, B. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. <i>Museologia e Patrimônio</i>, vol. 11, n. 2, 2018. pp. 189-210.
10 28 de junho	Fazer a “obra”: entre autorias e falsificações	1) FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. <i>Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema</i> (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. pp. 264-298. 2) JONES, Mark. Why fakes? In: PEARCE, Susan M. (ed.). <i>Interpreting Objects and Collections</i>. London & New York: Routledge, 2006. pp. 92-97. 3) Leitura complementar: WHARTON, Annabel Jane. <i>Selling Jerusalem</i>. Relics, replicas, theme parks. Chicago: The University of Chicago Press, 2006. pp. 9-47. 4) Leitura complementar : HEINICH, Nathalie. Le faux comme révélateur de l'authenticité. In : <i>De main de maître</i>. L'artiste et le faux. Paris: Musée du Louvre, 2009. pp. 53-79. Atividade em grupos – Apresentação crítica sobre casos de estudo e debate.

Unidade III – A Teorias Contemporâneas do Objeto e o Objeto da Museologia		
11 5 de julho	O objeto etnográfico e a etnografia dos objetos	1) GONÇALVES, José Reginaldo Santos. <i>Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios</i>. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007. pp. 13-42. Leitura complementar: 2) MILLER, Daniel. Por que a indumentária não é algo superficial. In: _____. <i>Trechos, troços e coisas</i>. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. pp.21-65.
12 12 de julho	A construção do objeto na experiência artística Proposta: Aula online via plataforma Meet	1) HEINICH, Nathalie. <i>A sociologia da arte</i>. Bauru: EDUSC, 2001. pp. 127-144. Leitura complementar: 2) DIDI-HUBERMAN, Georges. <i>O que vemos, o que nos olha</i>. São Paulo: Editora 34, 2010. pp. 29-35 e pp. 49-60. Atividade em grupos – Apresentação crítica sobre casos de estudo e debate.
13 26 de julho	Teorias contemporâneas do objeto: os “novos objetos” e a “agência” dos não-humanos	1) LATOUR, Bruno. “What is iconoclasm?” In: LATOUR, Bruno & WEIBEL, Peter (eds.). <i>ICONOCLASH: Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art</i>. Karlsruhe: Center for Art and Media, 2002, pp. 15-40.
14 2 de agosto	Avaliação 2 – Seminários	Apresentação do trabalho final em grupo – Roda de Conversa
15 9 de agosto	Avaliação 2 – Seminários Balanco da disciplina	Apresentação do trabalho final em grupo – Roda de Conversa

Referências obrigatórias*:

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BRULON, B. O objeto de museu, da classificação ao devir. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, vol. 25, n.1, jan. / abr. 2015. pp.25-37.

_____. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. *Museologia e Patrimônio*, vol. 11, n. 2, 2018. pp. 189-210.

DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François (dir.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus / Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DESVALLÉES, A. & MAIRESSE, F. *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris : Armand Colin, 2011.

DESVALLÉES, A. Uma virada da Museologia. (1987) *Anais do Museu Histórico Nacional*, no prelo.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. pp. 264-298.

GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades (Pós-fácio a Natalie Zemon Davis, O retorno de Martin Guerre). In: _____. *O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. pp. 311-335.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?* Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Lisboa: Edições 70, 1987.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia da arte*. Bauru: EDUSC, 2001.

INGOLD, Tim. Materiais contra materialidade. In: _____. *Estar Vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Parte II. Petrópolis, Vozes, 2011. pp. 49-69.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEARCE, Susan M. ed. *Interpreting objects and collections*. Reimp. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1996.
POMIAN, Krzysztof. Coleção. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1. Memória-História. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

ŠOLA, Tomislav. *A contribution to a possible definition of museology*. Paris, 1992. Disponível em: www.heritology.com. Consultado em 8 de março de 2014.

Referências complementares:

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *O Objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský*. Rio de Janeiro: UNIRIO / MAST, 2008. 135p. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Orientador: Professora Doutora Teresa Cristina Moletta Scheiner.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CATERINO, Brian. *The Objects of Scientific Desire: The Objects of Social Science*. Disponível em: <<http://www.janushead.org/8-1/Montuschi.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HEINICH, Nathalie. Le faux comme révélateur de l'authenticité. In : *De main de maître*. L'artiste et le faux. Paris: Musée du Louvre, 2009. pp.53-79.

ICOM. *Code of Ethics for Museums*. Paris: ICOM, 2006. 16 p.

MAIRESSE, François. *Le culte des musées*. Bruxelles: Académie Royale de Belgique, 2014.

PETTERSSON, Susanna; HAGEDORN-SAUPE, Monika; JYRKKIÖ, Teijamari & WEIJ, Astrid (ed.). *Encouraging collections mobility. A way forward for museums in Europe*. Kaivokatu: Finnish National Gallery, 2010.

STRÁNSKÝ, Z.Z. Object - document, or do we know what we are actually collecting? *ICOFOM Study Series* 23, 1994, pp. 47-51.

WHARTON, Annabel Jane. *Selling Jerusalem*. Relics, replicas, theme parks. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

* As referências obrigatórias foram mantidas segundo o programa da disciplina quando ofertada presencialmente e com a carga-horária completa para referência dos alunos no ensino remoto emergencial.

Rio de Janeiro, abril de 2022.

Prof. Dr. Bruno Brulon Soares

ANEXO II: Programas das disciplinas teóricas da UFPE para a análise desta pesquisa que não foram mostradas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO**

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒	Disciplina	☐	Prática de Ensino
☐	Atividade complementar	☐	Módulo
☐	Monografia	☐	Trabalho de Graduação

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒ OBRIGATÓRIO	☐ ELETIVO	☐ OPTATIVO
---	----------------------------------	-----------------------------------

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária Semanal		Nº. de Créditos	C. H. Global	Período
		Teórica	Prática			
	Teoria Museológica I	X		04	60	1º.

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A especificidade do campo científico; museus e o(s) objeto(s) da Museologia; museu, teoria crítica e crítica literária; teoria museológica e a problemática sobre a memória; teoria museológica como teoria sobre o arquivo; experiência *Museo-lógica* como experiência técnica.

OBJETIVO (S) DO COMPONENTE

Geral:

- Oferecer ao aluno uma percepção sobre a Museologia e a teoria museológica como campo de saber em processo de constituição e dos elementos que devem concorrer para sua consecução efetiva.

Específicos:

- Traçar as singularidades do campo científico;
- Indicar as alternativas contemporâneas do campo;
- Problematicar a relação entre a teoria museologia e o dever de memória;
- Determinar as relações entre uma teoria sobre o arquivo e a teoria museológica;
- Apresentar a gênese da técnica moderna e sua implicação sobre a *museo-lógica*.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada consiste, essencialmente, em Leitura, que para a disciplina, significa não somente as exposições analíticas e críticas sobre os elementos que estão em jogo em cada um dos autores, mas também momento de leituras dirigidas dos seus textos. Durante o percurso da disciplina, os discentes serão responsáveis por controlar a discussão através da captura de exemplos empíricos, e pela construção de ferramentas de análise capazes de lhe oferecer as condições de possibilidade para emergência de sua análise particular.

AVALIAÇÃO

- a) Prova presencial;
- b) Paper sobre as temáticas trabalhadas na disciplina,

ou

- c) Produção de arquivo sobre a disciplina [atendendo as orientações de C. W. Mills, referentes ao artesanato intelectual

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade 1:

- a) A museologia, credenciamento científico;
- b) Tendências teóricas em Museologia;
- c) *Museo-lógica* como objeto da teoria.

Unidade 2:

- a) Museologia e a memória do mundo;
- b) Teoria museológica como teoria sobre o arquivo;
- c) Sobre a técnica e a teoria museológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
BOURDIEU, Pierre. Por uma sociologia da ciência. Lisboa: Edições 70, 2008.
CRIMP, Douglas. Sobre as ruínas do museu. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.
DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
VÁRIOS AUTORES, Enciclopédia: 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADORNO, Theodor. Prismas: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Editora Ática, 2001.
BORGES, Jorge Luis. Prosa Completa. Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1
FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e cinema. Rio de Janeiro: Forense
Universitária, 2006.
SALOMON, Marlon. Saber dos arquivos. Goiânia-GO: Edições Ricochete, 2011.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
DE CURSO

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒ Disciplina
☐ Atividade complementar
☐ Monografia

☐ Prática de Ensino
☐ Módulo
☐ Trabalho de Graduação

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒ OBRIGATÓRIO

☐ ELETIVO

☐ OPTATIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária Semanal		Nº. de Créditos	C. H. Global	Período
		Teórica	Prática			
MUSL 0013	Tópicos Especiais em Museologia I	4		4	60	1º

Pré-requisitos		Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	--	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Análise histórica dos conceitos e funções de museu no Ocidente. Tipologia de museus no Ocidente. Museu e suas funções.

OBJETIVO (S) DO COMPONENTE

A disciplina está inserida no primeiro período do curso, e é destinada a apresentar, para os alunos, um breve histórico dos museus no Ocidente, e, principalmente, apresentar uma tipologia básica dos museus existentes nos dias atuais. Apresenta também o funcionamento dos museus, visando introduzir as diversas áreas de atuação do museólogo.

METODOLOGIA

Aulas expositivas, leitura e resenha de textos previamente selecionados, debates e utilização de material audiovisual. Utilizaremos textos referentes aos assuntos tratados em sala de aula, bem como indicação de textos complementares, que possibilitem ao aluno aprofundar os seus conhecimentos através de temas suplementares. Serão realizadas visitas de campo em instituições museológicas.

--

AValiação

Avaliação contínua ao longo da disciplina, através de debate, participação e frequência do aluno em sala. Atribuição de notas para as resenhas e relatórios efetuados pelos alunos. Realização de provas com questões discursivas e trabalhos que contextualizem os conhecimentos adquiridos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Analisar o conceito e a função dos museus no Ocidente, relacionando-os com seu contexto histórico;
2. Analisar a tipologia dos museus;
3. Analisar a organização e o funcionamento dos museus nos dias atuais;
4. Analisar o funcionamento dos diversos setores do museus.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS 1. Brasília: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006, 2ª edição.

CADERNOS DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf>.

RIVIÈRE, Georges Henri. **La museología.** Curso de Museologia/Textos y testimonios. Madrid: Ediciones Akal, 1993.

SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: brasiliense, 1986. 112 p. Il.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ICOM - Brasil (International Council of Museums - Brasil): disponível on-line em: www.icom.org.br

Cadernos de Sociomuseologia: disponível on-line em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia>

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia Aplicada em Museus.** São Paulo: Mackenzie, 2000.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
DE CURSO

--

HOMOLOGADO PELO COLEGIADO

--

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒	Disciplina
☐	Atividade complementar
☐	Monografia

☐	Prática de Ensino
☐	Módulo
☐	Trabalho de Graduação

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒ OBRIGATÓRIO	☐ ELETIVO	☐ OPTATIVO
---	----------------------------------	-----------------------------------

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária Semanal		Nº. de Créditos	C. H. Global	Período
		Teórica	Prática			
DCP 0003	Teoria Museológica II	X		04	60	2º.

Pré-requisitos	Teoria Museológica I	Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	----------------------	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

Uma proposta de objeto para a teoria museológica, qual seja, as *museo-lógicas*. O desenvolvimento da disciplina ocorrerá de modo propício para testarmos a definição do que seja tal objeto. Para isso, centraremos esforços para esclarecer as condições de possibilidade do *dispositivo museo-lógico* (o Esclarecimento iluminista, por exemplo), bem como os saberes que concorrem para o seu funcionamento (particularmente a Antropologia). Por outro lado, demonstraremos, através de material empírico (precisamente: um discurso filosófico, uma celebração antropológica, uma política pública e um gesto literário), a natureza proteiforme das *museo-lógicas*, sendo o Museu apenas um de seus componentes.

OBJETIVO (S) DO COMPONENTE

Geral:

- Instrumentalizar os discentes vinculados a disciplina com uma definição consistente do objeto da museologia.

Específicos:

- Oferecer aos discentes as *condições de possibilidade* das *museo-lógicas*;
- Sensibilizá-los para a relação entre os *gestos antropológicos* e *processos de musealização*;
- Torná-los capazes de discriminar os diversos modos de concretização do *dispositivo museo-lógico*.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada consiste, essencialmente, em Leitura, que para a disciplina, significa não somente as exposições analíticas e críticas sobre os elementos que estão em jogo em cada um dos

autores, mas também momento de leituras dirigidas dos seus textos. Durante o percurso da disciplina, os discentes serão responsáveis por controlar a discussão através da captura de exemplos empíricos, e pela construção de ferramentas de análise capazes de lhe oferecer as condições de possibilidade para emergência de sua análise particular.

AVALIAÇÃO

- a) Prova presencial;
- b) Paper sobre as temáticas trabalhadas na disciplina.

ou

- c) Produção de arquivo sobre a disciplina [atendendo as orientações de C. W. Mills, referentes ao artesanato intelectual]

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade 1:

- Iluminismo e *Museo-lógica*;
- Gestos antropológicos e processos de musealização;
- Projeções antropológicas e política dos semióforos.

Unidade 2:

- *Museo-lógica* (I) e a Política Nacional de Museus;
- *Museo-lógica* (II): a celebração antropológica;
- *Museo-lógica* (III): literatura e musealização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AGIER, Michel. DISTÚRBIOS IDENTITÁRIOS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. *Mana* [online]. 2001, vol.7, n.2.

CLATRES, Pierre. Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COMTE, Auguste. Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1981.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

_____. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

JEUDY, Henry-Pierre. Espelho das cidades. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005.

LECLERC, Gérard. Crítica da antropologia. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens: precedido de Discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. Epistemologia do sul. Coimbra: Edições Almedina; 2009

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, Regina. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na Civilização. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.

JESUS, Alexandro Silva de. Patrimônio, atualidade e experiência: elementos para um programa. Texto escrito para o II seminário avançado de Museologia Social, no Muhne/Dep. Antrop. e Museol., 2010.

_____. Da memória ao arquivo: quatro proposições sobre o Patrimônio Genético. In: JESUS, Alexandro Silva de. 21º. **ICOMFOM-LAM**. Petrópolis, 2012.

CLASTRES, Pierre. A Sociedade contra o Estado: pesquisas de Antropologia Política. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO

PROGRAMA DE COMPONENTE CURRICULAR

TIPO DE COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒ Disciplina
☐ Atividade complementar
☐ Monografia

☐ Prática de Ensino
☐ Módulo
☐ Trabalho de Graduação

STATUS DO COMPONENTE (Marque um X na opção)

☒ OBRIGATÓRIO

☐ ELETIVO

☐ OPTATIVO

DADOS DO COMPONENTE

Código	Nome	Carga Horária Semanal		Nº de Créditos	C. H. Global	Período
		Teórica	Prática			
	Teoria Museológica III	X		04	60	3º.

Pré-requisitos	Teoria Museológica II	Co-Requisitos		Requisitos C.H.	
----------------	-----------------------	---------------	--	-----------------	--

EMENTA

A constituição de uma crítica diferenciada para uma museologia em espaços pós-coloniais; Discriminação de aspectos teóricos e metodológicos capazes de determinar a teoria museológica como atividade de diagnóstico da atualidade; Teoria museológica como observatório das relações entre cultura e sociedade; Museologia social à luz da teoria das massas.

OBJETIVO(S) DO COMPONENTE

Geral:

- Habilitar a teoria museológica contemporânea para o exercício de diagnóstico da atualidade.

Específicos:

- Habilitar o discente para atividades técnicas (teórica e metodológica);
- Mapear as problemáticas contemporâneas;
- Compreender mecanismos políticos e culturais que definem a estrutura moderna;
- Oferecer subsídios para a construção de análises críticas sobre a cultura e a sociedade.

--

METODOLOGIA

A metodologia aplicada consiste, essencialmente, em Leitura, que para a disciplina, significa não somente as exposições analíticas e críticas sobre os elementos que estão em jogo em cada um dos autores, mas também momento de leituras dirigidas dos seus textos. Durante o percurso da disciplina, os discentes serão responsáveis por controlar a discussão através da captura de exemplos empíricos, e pela construção de ferramentas de análise capazes de lhe oferecer as condições de possibilidade para emergência de sua análise particular.

AValiação

- a) Prova presencial;
b) Paper sobre as temáticas trabalhadas na disciplina.
- ou
- c) Produção de arquivo sobre a disciplina [atendendo as orientações de C. W. Mills, referentes ao artesanato intelectual

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade 1:

- Curadoria, Linguagem e Metáfora;
- *Museo-lógica* e Teoria sobre os Dispositivos;
- Teoria museológica e diagnósticos sobre a atualidade;
Processos de musealização e protocolo religioso.

Unidade 2:

- Polícias das Cultura e Intervalos pós-coloniais;
- Museologia e experiência de Governo;
- Teoria museológica e suas relações com a experiência;
Reconhecimento museológico e desprezo das massas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOMFIM, Manoel. América Latina: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Juiz de fora: Editora da UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: Hucitec: 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira. São Paulo: Hedra, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU editora, 2005.

LE BON, Gustave. Psicologia das Multidões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
Civilização Brasileira, 2007.

MEMMI, Albert. O retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. Rio de Janeiro:
ORTEGA y GASSET, José. A rebelião das massas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DEPARTAMENTO A QUE PERTENCE O COMPONENTE
HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DE CURSO

ASSINATURA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

ASSINATURA DO COORDENADOR DO CURSO OU ÁREA

ANEXO III: Resolução 06/2008 da UFPE que autorizou os novos cursos incluindo Museologia.

Página 1 de 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO nº 6/2008

EMENTA: Aprova criação dos Cursos de Graduação em Dança, Cinema, Museologia, Arqueologia e Ciência Política/Relações Internacionais.

O **CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO** da Universidade Federal de Pernambuco, no uso de suas atribuições conferidas pelo art. 25, alínea c, do Estatuto da Universidade,

CONSIDERANDO a aprovação do Projeto de Expansão da UFPE pelo Conselho Universitário, em 26 de outubro de 2007, com vistas à inclusão desta Universidade no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais-REUNI.

RESOLVE:

Art. 1º - A Universidade manterá no *campus* de Recife, a partir de 2009, os seguintes cursos:

I. DANÇA (LICENCIATURA):

- a) Carga Horária Plena: 2.880 horas
- b) Duração do Curso: Min: 8 sem. Máx: 10 sem.
- c) Total de Vagas: 30

II. CINEMA (BACHARELADO):

- a) Carga Horária Plena: 2.720 horas
- b) Duração do Curso: Min: 7 sem. Máx: 14 sem.
- c) Total de Vagas: 50

III. MUSEOLOGIA (BACHARELADO):

- a) Carga Horária Plena: 2.460 horas
- b) Duração do Curso: Min: 7 sem. Máx: 10 sem.
- c) Total de Vagas: 30

IV. ARQUEOLOGIA (BACHARELADO):

- a) Carga Horária Plena: 2.940 horas
- b) Duração do Curso: Min: 8 sem. Máx: 10 sem.
- c) Total de Vagas: 30

V. CIÊNCIA POLÍTICA/RELAÇÕES INTERNACIONAIS (BACHARELADO):

- a) Carga Horária Plena: 2.520 horas
- b) Duração do Curso: Min: 8 sem. Máx: 10 sem.
- c) Total de Vagas: 50

Art. 2º Os referidos cursos ficarão administrativamente vinculados:

- I. Licenciatura em Dança, ao Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística do Centro de Artes e Comunicação/CAC;
- II. Bacharelado em Cinema, ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes e Comunicação/CAC;
- III. Bacharelados em Museologia, em Arqueologia e em Ciência Política/Relações Internacionais, diretamente ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas/CFCH, até que seja decidida sua atribuição a alguma unidade acadêmica.

Art. 3º Os Projetos Pedagógicos dos Cursos-PPC serão concretizados na conformidade das propostas encaminhadas pelos respectivos Centros Acadêmicos constantes dos processos 23076.005029/2008-65 (Dança), 23076.017763/2007-96 (Cinema), 23076.006223/2008-86 (Museologia), 23076.006222/2008-13 (Arqueologia), 23076.006221/2008-79 (Ciência Política/Relações Internacionais).

Art. 4º Para efeito de realização do Processo Seletivo/Vestibular as vagas nos cursos de que trata esta resolução serão oferecidas de acordo com a seguinte distribuição:

CURSO	GRUPO	1ª Entrada					2ª Entrada				
		M/T	M	T	T/N	N	M/T	M	T	T/N	N
Dança (Licenciatura)	6	-	-	-	-	30	-	-	-	-	-
Cinema (Bacharelado)	6	-	-	25	-	-	-	-	25	-	-
Museologia (Bacharelado)	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	30
Arqueologia (Bacharelado)	3	30	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ciência Política/Relações Internacionais (Bacharelado)	2	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação.

APROVADA NA SEGUNDA (2ª) SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO-CCEPE REALIZADA NO DIA 22 DE ABRIL DE 2008.

Presidente:

Prof. AMARO HENRIQUE PESSOA LINS
- Reitor -